



**UNIVERSIDADE TIRADENTES
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO,
PESQUISA E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PSICÓLOGOS NOS CURSOS DE PSICOLOGIA
DA UNIT ARACAJU/SE E UNIT MACEIÓ/AL:
SERVIÇOS-ESCOLA EM DISCUSSÃO**

**O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PSICÓLOGOS NOS CURSOS DE PSICOLOGIA
DA UNIT ARACAJU/SE E UNIT MACEIÓ/AL:
SERVIÇOS-ESCOLA EM DISCUSSÃO**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação, no Programa de Pós-graduação em Educação na linha de Educação e Formação Docente – Universidade Tiradentes.

ORIENTADORA: PROFA. DRA. ILKA MIGLIO DE MESQUITA

ARACAJU – 2020

Sistema Integrado de Bibliotecas - SIB

C146p Caldeira, Jacqueline Maria Alves de Santana
O processo de formação de psicólogos nos cursos de psicologia da UNIT Aracaju/SE e UNIT Maceió/AL : serviços-escola em discussão / Jacqueline Maria Alves de Santana Caldeira ; orientação [de] Prof. Dra. Ilka Miglio de Mesquita. - Aracaju: UNIT, 2020.

154 f.

Dissertação (Mestrado em Educação, na linha de Educação e Formação Docente)
- Universidade Tiradentes

Inclui bibliografia.

1. Formação de psicólogos. 2. Serviços-escola de psicologia. 3. Experiências vividas. 4. Processo de subjetivação. I. Mesquita, Ilka Miglio (orient.). II. Universidade Tiradentes. . III. Título.

CDU: 159.9-051

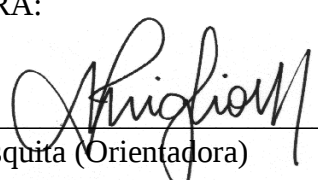
JACQUELINE MARIA ALVES DE SANTANA CALDEIRA

**O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PSICÓLOGOS NOS CURSOS DE PSICOLOGIA
DA UNIT ARACAJU/SE E UNIT MACEIÓ/AL:
SERVIÇOS-ESCOLA EM DISCUSSÃO**

Dissertação apresentada como requisito para
obtenção do título de Mestre em Educação no
Programa de Pós-graduação em Educação na linha
de Educação e Formação Docente – Universidade
Tiradentes.

APROVADO (A) EM:

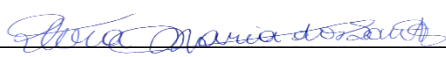
BANCA EXAMINADORA:



Profª Drª Ilka Miglio Mesquita (Orientadora)



Profª Drª. Silvana Aparecida Bretas (Membro Externo da Banca)



Profª. Drª. Vera Maria dos Santos (Membro Interno da Banca)

DEDICATÓRIA

Ao meu irmão José Wellington, por ser o meu maior incentivador para a conquista acadêmica e por me ensinar que o conhecimento é capaz de nos transportar para um lugar inimaginável. Serei sempre grata pelo modelo de amor que recebi. Te amo muito!

AGRADECIMENTOS

Gratidão

Sim! Prefiro para este momento o uso e a grandeza da palavra GRATIDÃO. Aliás, o sentimento de gratidão sempre me acompanhou e desejo nunca o perder de vista!

Expresso aqui a minha gratidão por sujeitos que fizeram as minhas experiências emergirem das vivências que tive em cada encontro, em cada diálogo, em cada olhar!

A gratidão está presente na minha relação com a equipe de colaboradores e amigos da Clínica de Psicologia; com os professores participantes da pesquisa e com aqueles que foram e são professores participantes do processo de formação dos alunos. E por falar dos alunos, estendo a minha gratidão para todos eles. A cada turma formada gera-se um sentimento de dever cumprido, mas também de desamparo diante dos laços criados no dia a dia e que com a distância provoca saudades. Gratidão aos meus pacientes pela confiança e aprendizado diário!

Gratidão à professora Ada (*in memorian*) por ter me acolhido de maneira magistral. Naquela tarde, pude perceber porque boa parte dos mestrandos buscavam a professora Ada Augusta como orientadora. Nunca irei esquecer aquele gesto acolhedor, o olhar carinhoso e a caneta sinalizando mudanças positivas para o meu projeto ter mais chance! Gratidão, gratidão!

Gratidão a minha orientadora Ilka, uma mulher inteligente, sensível, apaixonada pelo que faz! Ilka, receba a minha gratidão eterna e saiba que ao me aceitar como aluna, você fez gerar em mim o compromisso de fazer sempre o melhor que pudesse para de certa forma, um dia quem sabe, chegar aos seus pés na “arte de ensinar”.

Gratidão a professora Vera Maria e a professora Silvana Bretas por todos os ensinamentos. Levarei para a vida.

Gratidão as professoras Andréa Karla e Cristiane Porto por todos os ensinamentos e sensibilidade; generosidade em passar o que sabem!

Gratidão aos meus filhos, Lucas, Sidney e Levy. É incrível a força que encontro em vocês para tudo que quero alcançar! Meus filhos, espero que todo o tempo que passei longe de vocês, ou que falhei com alguma necessidade de vocês, possa ser revertida em exemplo. Talvez um exemplo que sirva para refletir que não basta uma graduação; precisamos ir além, ou melhor – “Ao infinito e além!” (Buzz Lightyear, do Toy Story, em 1995) ou “Hakuna Matata” (Rei Leão, 1994) ...ou do jeito que for para ser feliz e ouvir : “Está Tudo bem, filho!”

Gratidão aos meus Pets (Bela, minha dalmata malvada favorita; a Maggie minha gatinha ‘velhinha’ manhosa; a Mané, meu bratinho peludinho e a Rara (*in memorian*) a nossa eterna menina. E Pan, gatinho manhoso que caiu de paraquedas, em pé, em meio à pandemia.

Gratidão a minha amiga Jamille Figueiredo. Querida, você sempre foi um exemplo de disciplina, companheirismo, profissionalismo e força para essa jornada e tantas outras que enfrentamos juntas. Serei sempre grata por tudo!

Gratidão ao meu sogro, Mauricio Caldeira, por encher as nossas vidas de sentido, amor e muita sabedoria! Tê-lo presente em nossas vidas é um grande presente para todos nós. Te amo e te admiro muito.

Gratidão as minhas sobrinhas e afilhadas Malu e Cecilia: vocês foram sonhadas e desejadas por todos nós. A Dinda ama imensamente vocês, papai Humberto e mamãe Dani.

Gratidão a minha amiga, irmã, alma gêmea Sabrina, por toda a cumplicidade, escuta e colo em todos estes anos que vivemos juntas todos os dias! Amiga, eu quase morri quando você foi embora, mas depois eu entendi que não era o fim. Você está comigo todos os dias! Te amo!

Gratidão a minha amiga Jady, presente que ganhei no primeiro dia que tive contato com ela. Pessoa doce, altruísta, empática, guerreira inteligente e muito Amiga! Gratidão por todo o seu carinho e confiança querida!

Gratidão a todos os amigos do GPHMEI. Vocês são DEMAIS!

Gratidão a minha amiga Natalina, também ‘presente do mestrado’. Querida, eu aprendi muito com você! Quero ficar na sua vida também, como você vai ficar na minha.

Gratidão aos anjos amigos que encontrei: Dona Amélia; Dr. Hesmoney, Wanessa Lordelo, Professora Arleide, Dra. Marília Uchôa, Angélica Piovesan, Alexandre Raad e a amiga Albertina. Todos incentivadores desta jornada.

Gratidão aos meus irmãos: Washington, Wagner, Wellington, Marcia, Jerferson, Roosevelt, Neusa, Fabiana e Nenê. Gratidão aos meus sobrinhos e cunhadas. Vocês são a minha sustentação e refúgio. O nosso amor faz toda diferença!

Gratidão a todas as pessoas que fazem e fizeram parte da minha existência, contribuindo direta e indiretamente para a minha caminhada e a minha conexão com a espiritualidade. Dentre estas pessoas minha gratidão a meu ex-marido Sidney por ter me motivado e contribuído para os meus estudos durante tanto tempo. Gratidão a minha ex-sogra e, agora e sempre, mãe, por ter me dado tanto amor desde que nos vimos pela primeira vez.

Gratidão a minha mãe, dona Edna (*in memoriam*). A senhora sempre esteve nas minhas memórias, no meu coração e em tudo que busco alcançar!

Enfim, quero expressar o meu amor e a minha gratidão ao meu marido por ser o meu grande amor, meu cúmplice! Querido, como é bom ter você perto de mim, como é bom ser amada por você, como é bom saber que você me escolheu para ser a sua companheira de todos as horas. Amo-te!

"Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana (JUNG, 1994)".

RESUMO

A presente pesquisa tem como objeto de estudo a formação de Psicólogos nos cursos de graduação em Psicologia da Universidade Tiradentes - UNIT, em duas de suas unidades, uma em Aracaju-SE e outra em Maceió-AL, tendo por base a atuação nos estágios específicos no contexto do Serviço-Escola e sua articulação com as respectivas matrizes curriculares. Parte-se do pressuposto que os Serviços-Escola dos Cursos de Psicologia são essenciais porque funcionam como eixo de integração entre teoria e prática, conforme indicado nos currículos prescritos. O objetivo geral deste trabalho foi compreender o processo de formação do Psicólogo nos cursos de Psicologia da UNIT Aracaju e UNIT Maceió, em diálogo com supervisores e alunos. Para tanto, teve como objetivos específicos caracterizar a trajetória e o perfil dos alunos e supervisores participantes; identificar as disciplinas curriculares como mais importantes para a formação a partir da prática no Serviço-Escola; analisar a importância do Serviço-Escola para a formação do psicólogo. A metodologia da História Oral foi escolhida para coleta de dados, através de entrevistas presenciais gravadas em áudio com os participantes, sendo três supervisores e dois alunos da UNIT-Aracaju e dois supervisores e três alunos da UNIT-Maceió. A análise das narrativas teve como referência a noção de “experiências vividas” segundo Walter Benjamin, entendida como forma de subjetivação dos narradores a partir de suas implicações. Os resultados da análise das narrativas possibilitou concluir que houve entre os entrevistados uma pluralidade de trajetórias pessoais e profissionais culminando no interesse principal pela psicologia clínica; que se evidenciou a importância e adequação das abordagens teóricas em Psicologia como norte para as práticas de supervisão e atendimento clínico nos estágios, por parte dos supervisores e alunos entrevistados; que se percebeu uma dissociação entre as disciplinas de graduação e as práticas de estágio; que o Serviço-Escola é entendido como sendo fundamental na formação por ser o campo maior de articulação entre teoria e prática, além de exercer relevante papel social ao ofertar serviços psicológicos à população com menos acesso a eles. Sugestões objetivas de como melhorar os Serviços-Escola e a formação profissional do psicólogo também foram apresentadas.

Palavras-chave: Formação de Psicólogos; Serviços-Escola de Psicologia; Experiências Vividas; Processo de subjetivação

ABSTRACT

The present research has as object of study the formation of Psychologists in the undergraduate courses in Psychology at Universidade Tiradentes - UNIT, in two of its units, one in Aracaju-SE and the other in Maceió-AL, based on the performance in specific stages in the context of the School Service and its articulation with the respective curricular matrices. It is assumed that the Psychology Courses School Services are essential because they function as a link between theory and practice, as indicated in the prescribed curricula. The general objective of this work was to understand the formation process of the Psychologist in the Psychology courses of UNIT Aracaju and UNIT Maceió, through with supervisors and students. On that account, its specific objectives were to characterize the trajectory and profile of the participating students and supervisors; identify the most important subjects for training based on practice in the School Service; to analyze the importance of the School Service for the psychologist's training. The Oral History method was chosen for data collection, through face-to-face interviews with the participants recorded in audio , of which three were supervisors and two students from UNIT-Aracaju and two supervisors and three students from UNIT-Maceió. The analysis of the narratives had as reference the notion of “lived experiences” according to Walter Benjamin, understood as a form of subjectification of the narrators from its implications. The analysis of the narratives's results made it possible to conclude that among the interviewees there was a plurality of personal and professional trajectories culminating in the interest in clinical psychology; the importance and pertinence of theoretical approaches in Psychology as a guide for supervisory practices and clinical care in internships was evidenced by the supervisors and students interviewed; that a dissociation between undergraduate disciplines and internship practices was perceived; that the School Service is fundamental in training because it's the major link between theory and practice, in addition to playing a relevant social role as it offers psychological services to the population that has less access to them. Objective suggestions on how to improve the School Services and the psychologist's professional training were also presented

Keywords: Training of Psychologists; Psychology School Services; Lived experiences; Subjectivation process

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEP	Associação Brasileira de psicologia
CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
CEAP	Centro de Acompanhamento Psicossocial
CESMAC	Centro de estudo Superior de Maceió
CFP	Conselho Federal de Psicologia
CNPQ	Conselho Nacional de Pesquisa
CPA	Clínica de Psicologia Aplicada
CREAS	Centro de Referência da Assistência Social
CRP	Conselho Regional de psicologia
DASP	Departamento do Serviço Público
FFLCH	Prédio da Reitoria e Administração USP
FITS	Faculdades Integradas Tiradentes
IES	Instituições de Ensino Superior
IGTB	Instituto de Gestalt Terapia da Bahia
IPA	Associação Internacional de Psicanálise
ISOP	Instituto de Seleção e Orientação Profissional
ITP	Instituto de Tecnologia e Pesquisa
MEC	Ministério da Educação
ONG	Organização Não Governamental
PPC	Projeto Pedagógico do Curso
PPI	Projeto Político Institucional
SET	Sociedade de Educação Tiradentes
SICS	Sistema Integrado de Clínicas Sociais
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCC	Terapia Cognitiva Comportamental
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UNIT	Universidade Tiradentes
UNOPAR	Universidade Norte do Paraná
USP	Universidade de São Paulo

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Publicações dos estudos entre 2015 e 2020	32
Quadro 2 Dissertações selecionadas para pesquisa	41
Quadro 3 Matrizes Curriculares do Curso de Psicologia UNIT Aracaju	53
Quadro 4 Disciplinas Optativas – UNIT Aracaju	55
Quadro 5 Matrizes Curriculares do Curso de Psicologia UNIT Maceió	56

SUMÁRIO

1 O fazer-se Psicólogo	13
1.1- Rememorações para pensar o objeto de pesquisa	13
1.2- Minhas Narrativas como produção de subjetividade: ensaios para a Pesquisa em educação	18
1.3- A Pesquisa Qualitativa e a escolha da História Oral como caminho metodológico	24
1.4- Eixos pesquisados para análise das narrativas- tentativas de compreensão da subjetividade de alunos e supervisores	26
1.5- Estado da Arte: contribuições de pesquisadores sobre a temática estudada	29
2 O surgimento da psicologia aplicada nas áreas de educação e trabalho	37
2.1-Serviços-Escola de Psicologia: lugar de formação de Psicólogos?	41
2.2-UNIT Aracaju e UNIT Maceió-diferentes realidades na trilha da formação de psicólogos.....	43
3 A formação do Psicólogo nos Serviços- escola: o olhar e a experiência vivida do professor-supervisor clínico	54
3.1 Caracterização da trajetória e perfil do supervisor	54
3.1.1 Formação e trajetória profissional	54
3.1.2 Dinâmica de supervisão	59
3.1.3 O papel da abordagem teórica na prática de supervisão	63
3.2 Contribuições das disciplinas curriculares na Prática do Serviço-Escola	66
3.3 A importância da atuação no Serviço-Escola para a formação do Psicólogo	77
4 A formação do psicólogo nos serviços-escola: o olhar e a experiência vivida do aluno nos Estágios Específicos	100
4.1 Caracterização da trajetória do aluno	100
4.2 Contribuição das disciplinas curriculares para a prática no Serviço-Escola	109
4.3 A importância da atuação no Serviço-escola para a formação do Psicólogo	118
5 Considerações Finais	135
6 Referências	141
7 Apêndice	148

1 O Fazer-se Psicólogo

E, entretanto, é preciso insistir que toda a experiência sempre comportará vivências. É da ordem da experiência comportar vivências. A experiência exige metáfora, simbolização, narração; as vivências não. Não há, porém, entre vivências e experiências o tão conhecido “ou, ou”. Antes, entre vivências e experiências pode haver outros tipos de relações. Não há garantias. Muitos dentre nós faremos das vivências experiências. Outros não. Muitos dentre nós ainda faremos das vivências uma espécie de fonte a alimentar experiências: fontes para novas significações e ré- significações ao longo da vida! Algo vivido, ainda que passado muito tempo, poderá vir a ser significado, ressignificado (FIGUEIREDO, 2003, p.13).

1.1. Rememorações para pensar o Objeto de Pesquisa

Para iniciar a investigação sobre vivências e experiências na formação do psicólogo, e a importância que o estágio e o Serviço-Escola têm nesse processo, optei por trabalhar com dois princípios: o das experiências vividas e o da produção de subjetividade, por entender que ambos amparam bem o fazer-se psicólogo.

A escolha pelo o curso de Psicologia faz o aluno se deparar com diversas disciplinas teóricas. Em um contato inicial com o conteúdo dos currículos, os alunos podem ter a percepção de que tudo está conectado e intuir que todas as abordagens teóricas discorrem rumo a um só objetivo. Mas não é isso o que se mostra ao longo de sua formação.

Como consequência, há, na maioria das vezes, após o conhecimento mais detido sobre o currículo ofertado, e muitas vezes com a influência direta de professores, uma divisão entre alunos “dogmáticos” e alunos “eccléticos”. Os dogmáticos fecham-se em suas concepções e aniquilam todas as possibilidades de escuta de algo que possa contrariar a sua crença. Os eccléticos, em sua maioria, perpassam superficialmente por teorias que parecem compreender, com o intuito de vencer os obstáculos da prática. Segundo Figueiredo (2003), já é do conhecimento dos estudiosos da Psicologia, alunos e professores, que a Psicologia é fragmentada em seus conhecimentos. Há um espaço, um distanciamento entre teorias, saberes e práticas, e isso a caracteriza há mais de um século. A Psicologia não é integrada, porém, apesar de não estar em um território uno, há interdependências e correlações vistas nos currículos e distribuídas como teorias, práticas e técnicas.

Um dos campos de articulação entre teoria e prática é o da atuação clínica em Psicologia. Campo esse que demanda profundo envolvimento, implicação e rigor, a tal ponto de envolver as próprias questões pessoais do psicoterapeuta. Nesse sentido, Calligaris (2008), chama a atenção para outros pontos importantes que fazem parte da articulação da teoria com a prática:

Uma peça chave da formação de um psicoterapeuta é o tratamento ao qual ele mesmo se submete. Essa cura não pode ser uma demonstração pedagógica abstrata, não pode ser limitada a um fazer de conta durante o qual se transmitiria uma técnica. Ao contrário, espera-se que, nesta experiência, o futuro terapeuta se depare com a complexidade de suas motivações, sintomas e fantasias consciente e inconscientes. Pois, para o terapeuta, não há melhor introdução à variedade do sofrimento humano do que a descoberta de que, em algum canto de seus pensamentos, ele pode encontrar palavras, lembranças, razões, visões e pensamentos parecidos com aqueles que afetam, agitam ou mesmo enlouquecem seus pacientes (CALLIGARIS, 2008, p.55-56).

Compreender as experiências vividas de supervisores e alunos no âmbito do Serviço-Escola, com o foco na formação do Psicólogo em diálogo com os sujeitos entrevistados envolvidos, exige uma perspectiva teórica que permita a compreensão de toda a complexidade que envolve o processo de formação. Assim, neste trabalho, a partir do conceito de “experiências vividas” de Walter Benjamin, procuro ouvir, sentir, ler as experiências sensíveis, vividas de supervisores e alunos.

Em sua obra *Experiência e Pobreza*, de 1933, Benjamin expressa as suas reflexões sobre a escassez do ato de contar histórias. Ao amadurecer sua tese, Benjamin detecta que após a Primeira Guerra Mundial, com o crescimento da racionalização e da mecanização, os soldados sobreviventes da guerra retornaram emudecidos, sem capacidade para retratar o que viveram. Abatidos pelos conflitos da guerra que matou muitos corpos e surpreendentemente os sobreviventes de corpos tiveram suas almas empobrecidas e silenciadas. Incapazes de narrar, anuladas e hostis se assemelhando aos bárbaros! Devido à decadência das experiências coletivas dos indivíduos e à decorrente perda da habilidade de comunicá-las, os homens se tornaram incapazes de intercambiar ensinamentos através da tradição oral de contar narrativas (BENJAMIN, 1987).

Outrossim, o processo de objetificação dos sujeitos e de suas relações interpessoais também contribuiu para a destruição dos laços familiares. Com isso, os valores tradicionais da comunidade passaram a ser ignorados e substituídos pelas relações comerciais e pela relação de apego entre os sujeitos e as mercadorias; não mais havia espaço para os mais antigos contarem histórias de suas experiências vividas e passarem ensinamentos aos mais jovens. Consequentemente, a decadência da oralidade passada de pai para filho, de avós para netos, e o declínio da possibilidade de produção coletiva de experiências passadas de geração a geração.

Benjamin (1987) alude que com o crescimento e desenvolvimento desordenado das técnicas e com a abrangência adquirida nos últimos tempos, o homem é submetido a um novo modelo de miséria, especificamente aquela atribuída pelo declínio e pobreza das experiências, mas não só, também pela distorção da habilidade de validar a comunicação em forma de

narrativas. Diante dessa afirmativa benjaminiana, Eclea Bosi contribui com a sua narrativa e enfatiza a importância da escuta no processo de comunicação:

Quem está atento à escuta da voz e do pathos do narrador oral, que revive os momentos cruciais de sua vida, consegue distinguir uma fala que, ao mesmo tempo, produz imagens, e conota a sentimento do tempo enquanto duração. Não é, portanto, uma linguagem de coisas (no sentido estreito de função referencial), pois o que se lembra são momentos vividos, respostas pessoais, em suma, melodia do passado interpretada pelo presente. Não é uma linguagem de coisas porque o autor da narrativa oral coincide existencialmente com o seu sujeito; a duração do relato coincide com o Tempo lembrando que assim é intuído por dentro. (BOSI, 2003, p.48).

Entre a narrativa de Benjamin e Bosi é possível compreender que a perda do vínculo entre os indivíduos e seu tesouro cultural a partir das experiências da humanidade, inevitavelmente ficará cada vez mais pobre culturalmente e principalmente de experiências vividas.

No texto “O narrador - considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, Benjamin (1996) protagoniza a sua afirmação sobre a escassez da figura do narrador, ainda que muitos se iludam com essa falsa presença. O fato é que há uma privação da faculdade de intercambiar experiências, de maneira consistente e inalienável. Também, neste trabalho, escolhi trabalhar com a metodologia da História Oral, a qual proporciona a escuta das narrativas produzidas, no/pelo diálogo com psicólogos formadores de psicólogos e alunos formandos em Psicologia, expressando, cada um com suas especificidades, as suas experiências vividas. “Aquele que conta transmite um saber, uma sapiência, que os ouvintes podem receber com proveito” (GAGNEBIN, 1999, p.14).

Os conceitos de narrador e de experiência, na perspectiva de Benjamin demarcam as percepções de supervisores e alunos como narradores e a própria capacidade de narrar o processo de formação do Psicólogo. Benjamin distingue “experiência” (*erfahrung*) de “vivência” (*erlebnis*). Konder (1998) demarca a distinção:

O nosso crítico distinguia entre duas modalidades de conhecimento, indicadas por duas palavras diversas em alemão: Erfahrung e Erlebnis. “Erfahrung” é o conhecimento obtido através de uma experiência que se acumula, que se prolonga, que se desdobra, como numa viagem (e viajar, em alemão, é fahren) —, o sujeito integrado numa comunidade dispõe de critérios que lhe permitem ir sedimentando as coisas, com o tempo. “Erlebnis” é a vivência do indivíduo privado, isolado; é a impressão forte, que precisa ser assimilada às pressas, que produz efeitos imediatos. “Erfahrung é o produto do trabalho” — esquematizaria Benjamin no Trabalho das passagens — “e Erlebnis é a fantasmagoria do ocioso.” (KONDER, 1998, p.72)

Pude perceber, enquanto pesquisadora, a necessidade de ter uma postura de escuta aberta durante o processo da pesquisa, uma exigência tecida pelos aspectos das narrativas, vistos como diálogos que se entrelaçam na subjetividade e no tempo vivido de cada supervisor e aluno, colaboradores dessa pesquisa. Benjamin mostra que com a modernidade, o “dom de ouvir” está escasso, da mesma forma, não se encontra mais a “comunidade dos ouvintes” (BENJAMIN, 1996, p.205). Deste modo, na condição de psicóloga, também sujeito desta pesquisa, lancei-me na perspectiva de preservar a escuta, mas também de disseminar os elementos fundamentais para pensar o sentido trazido pela percepção desses narradores. De acordo com Benjamin (1996), o narrador é aquele que, tem a capacidade de transmitir o conselho, saberes, valores e práticas que possam contribuir para a formação das novas gerações. Com isso, ganha-se a missão de dar sentido ao que foi (ou é) vivenciado, mas não só. Os supervisores e alunos fomentaram suas autoridades diante do tema proposto, pois ficou evidente o quanto essa autonomia/autoridade nasce das experiências vividas nos processos de formação, mostrando o quão narrativas produzidas pelo/no diálogo possibilitam aprendizagens outras.

Benjamin mostra que o trauma da guerra os envolvidos são silenciados e consequentemente suas experiências são silenciadas, ou melhor, não vieram à superfície para uma elaboração de uma vivência e depois transformadas em experiências, pois sabe-se que não existe experiência sem elaboração dos fatos vividos.

Diante do roteiro de pesquisa e da escolha dos colaboradores, veio também a intenção de promover um convite à reflexão, respeitando o “lugar de fala” de cada sujeito, seja ele aluno ou supervisor, a narrar suas vivências e compreender se nelas há experiências percebidas por seus autores e ou leitores. Pois de acordo com Benjamin, é possível viver sem ter experiências apreendidas.

Para que haja de fato experiência, há a necessidade de se despir de possíveis alienações, sejam elas históricas, jornalísticas ou empíricas. Ao liberta-se dar-se-á espaço à percepção em seu meio social e também à sua capacidade de aprender com o significado, libertando-se conscientemente de possíveis alienações.

Pode-se dizer que o conjunto das experiências vividas marca a constituição de um sujeito. Sob a ótica de autores como Guattari (1996), Deleuze (1992) e Boaventura de Souza Santos (1994), o termo “subjetividade” amplia a noção e as implicações do conceito de “identidade” que, por sua vez, corre o risco de se mostrar reducionista, determinista e essencialista.

Enquanto que “identidade” é entendida como conjunto de elementos imaginários e discursivos que caracterizam especificamente um indivíduo ou grupo, o conceito de

“subjetividade” constitui-se em função dos agenciamentos feitos historicamente e que demarcam um lugar dinâmico no qual um sujeito se constitui (SILVA, 1998). Guattari assim define subjetividade:

Conjunto de condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial auto-referencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva. (GUATTARI, 1992, p.19).

Nessa definição, pode-se perceber que as circunstâncias nas quais indivíduos ou grupos se demarcam em suas especificidades também fazem parte da subjetividade em si. Talvez por isso Deleuze (1992) prefira falar em “processos de subjetivação” ao invés de simplesmente “subjetividade”. Para o autor, tal processo pode ser entendido como o agenciamento das diversas maneiras pelas quais os indivíduos ou as coletividades se constituem enquanto sujeitos.

Nesse sentido, falar em “processo de subjetivação” é falar sobre os diferentes elementos que formam um lugar de auto identificação diretamente atrelado às condições concretas e simbólicas que lhe servem de marcadores para sua própria constituição. O ato de “tornar-se sujeito” está, portanto, na circunstância configurada pelos acontecimentos, agenciada com os modos como são assumidos em atos e narrativas.

O supervisor de estágio e o aluno que está nesse momento final de sua graduação em Psicologia têm uma trajetória pautada por acontecimentos, escolhas, afetos e entendimentos, passíveis de serem narrados e servirem como registro vivo de subjetividades em ato.

Assim como acontece na “experiência vivida”, no mesmo sentido trazido por Walter Benjamin (1996), penso que faz sentido relatar parte da minha história com a Psicologia e tornar existente através da escrita algumas experiências vividas que até então não tinham voz. O desejo de narrar sobre a minha escolha pela psicologia está imbricado com o respeito a todos os professores e futuros psicólogos que contribuíram com essa pesquisa mas também para não me distanciar de todas as vivências e experiências trazidas por todos em suas narrativas visto que, em muitos momentos me identifiquei com falas, angústias, emoções, medo e incertezas, diante de uma profissão que exige um mergulho na subjetividade diariamente e o contato com novas experiências que é sem dúvida o nosso combustível para continuar na trilha da complexidade do comportamento humano, digo, do nosso e do paciente que nos confia a suas vivências.

1.2 Minhas Narrativas-Ensaio de Produção de Subjetividade: o ensaio para a pesquisa de mestrado em educação

Nossas experiências verdadeiramente fundamentais não são, de forma alguma, tagarelas. Elas não saberiam se comunicar, mesmo que quisessem. É que lhes falta a palavra. Aquilo para que encontramos palavras, já ultrapassamos [...] A língua, parece, foi inventada somente para as coisas mediócras, comuns, comunicáveis. Pela linguagem, aquele que fala se vulgariza (NIETZSCHE, 1984, p.26).

Se para Nietzsche (1984) a linguagem é apenas um meio de comunicação, talvez não consiga encontrar as palavras para expressar o que vivi e senti frente a escolha do Curso de Psicologia. As experiências vividas naquela época, que ressoam em mim até o presente momento, também ressoaram na escolha pelo Objeto de estudo deste trabalho: a formação do Psicólogo nos cursos de Psicologia da UNIT Aracaju e UNIT - Maceió, tendo por base as narrativas de supervisores e estagiários no contexto dos Serviços Escola destas duas instituições.

A metodologia da História Oral, que será o caminho metodológico deste trabalho, propõe que o pesquisador se coloque em uma posição de igualdade em relação ao entrevistado. É nesta perspectiva de Verena Alberti (2012), em seu Manual de História Oral, que pautei minha escrita sobre as minhas experiências vividas na escolha pela Psicologia e nas minhas práticas enquanto Psicóloga.

Enveredei por esse caminho da Psicologia de maneira tardia para os parâmetros sociais, depois de ser mãe de três filhos e ter passado por várias experiências profissionais distintas. Aos 28 anos decidi fazer Psicologia. No segundo semestre de 2003 entrava pela primeira vez em um curso superior na Faculdade Pio Décimo. Lembro-me do tamanho da minha felicidade ao entrar na sala de aula com o meu “caderno universitário”. É claro que não prestei atenção na aula e, conseqüentemente, não lembro do conteúdo, era somente a vez da emoção. Aquele momento era só “sentido” não cabia mais nada! Não tinha ideia do que me aguardava, sabia apenas que tinha uma grande motivação que me acompanhava desde criança e que sempre me deixou inquieta e com sede de conhecimento. O fenômeno que me inquietava e sempre conduziu a minha vida foi o mesmo que me impulsionou a fazer Psicologia: “os sonhos”. O conhecimento da Psicologia era sem dúvida a única fonte possível para matar a sede de conhecimento sobre o fenômeno da vida onírica, fenômeno que me inspirava, orientava, assustava e, também, revelava.

A linguagem humana, os desejos, as repressões, os símbolos, os arquétipos, os complexos, são elementos que ampliam a dinâmica dos sonhos e da vigília, revelando a cada momento um conhecimento próprio e singular da psique humana.

As disciplinas dos primeiros períodos trouxeram embasamento para a compreensão da Psicologia, como a disciplina Psicologia Geral I. Todos com os olhares vidrados, atentos e sedentos de conhecimento; a disciplina Filosofia chegou para todos com estranhamento. Logo a pergunta coletiva tomou conta de todas as cabeças da sala: para que filosofia? Mal sabíamos que a raiz da Psicologia está na Filosofia. Muito antes de Freud, muitos antes de Jung, muito antes de Adler, filósofos como Aristóteles, Sócrates e Platão foram precursores que impulsionaram a reflexão de muitos teóricos reconhecidos cientificamente.

A Psicologia como ciência independente de outras áreas como a Sociologia, a História, Biologia, Medicina e tantas outras ciências, surgiu, em termos comparativos, recentemente. Assim, somente após a segunda metade do XIX aconteceu a manifestação de homens que tiveram interesse em reservar a psicologia a um território próprio, para desbrava-la e estudá-la ao seu modo, cujo sucesso dessa conquista dos estudos psicológicos se apresenta nas divisões de abordagens teóricas e de profissionais que representam o ensino em instituições universitárias e de pesquisa.

As disciplinas Ética e Cidadania, Antropologia Cultural, Biologia, Anatomia Humana chegaram com o objetivo de orientar a base epistemológica e todas as expectativas que o início do curso suscitava.

O Estágio Básico chegou para abrir novos caminhos e tirar todos os alunos da redoma da sala de aula. Ir a campo significou uma janela aberta para alcançar novos conhecimentos que antes estavam limitados na sala de aula sobre o manto dos exemplos citados por alguns professores.

Para podermos ter uma compreensão mais aprofundada e alargada da realidade dos estágios curriculares, nomeadamente as vivências a estas associadas e do seu impacto no desenvolvimento e aprendizagem destes formandos, é mister sua trajetória de formação educacional e suas expectativas quanto ao estágio e à sua futura profissão. Os contextos nos quais se insere o estágio, as atividades desenvolvidas, a relação dos estagiários com os supervisores, ou dimensões como a motivação dos alunos, são aspectos de igual relevo na compreensão mais aprofundada desta etapa da formação e desenvolvimento dos estudantes do Ensino Superior (LIMA, 2010, p. 59).

O professor Rivaldo Sávio de Jesus Lima da Universidade Federal de Sergipe retrata em sua tese de doutoramento a representação dos estágios curriculares no processo de formação do aluno, independentemente da sua escolha profissional. Acrescenta que há, definitivamente, a análise da ótica do aluno na travessia entre o mundo acadêmico para o mundo do trabalho. Momento de descobertas de identidade, de como se processa o seu desenvolvimento de quais são as suas conquistas durante a formação na universidade. Tudo isso pode “trazer uma nova

“luz” à compreensão dos múltiplos processos e impactos dos estágios nestes quase-profissionais”. (LIMA, 2010, p.59).

Meu primeiro estágio foi no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). No primeiro semestre a recomendação era criar um projeto de intervenção para ser posteriormente executado no semestre seguinte. E assim o fiz. Fiz a ambientação, apropriação das demandas, mapeamento do público alvo e no semestre posterior, a vez da intervenção: ainda me via como uma aluna imatura mas que desejava fazer a diferença para a vida daqueles pacientes que eu reconhecia pelo nome, sabia da queixa inicial e ainda por vezes, tive acesso a família de muitos.

Pois, para o psicoterapeuta, não há melhor introdução à variedade do sofrimento humano do que a descoberta de que, em algum canto de seus pensamentos, ele pode encontrar palavras, lembranças, razões, visões e pensamentos parecidos com aqueles que afetam, agitam ou mesmo enlouquecem seus pacientes. [...] Espera-se que um psicoterapeuta conheça o essencial da tortuosa história do sofrimento psíquico, não por gosto erudito, mas porque essa história apresenta as respostas que nós, humanos e modernos, construímos para entender quem somos (CALLIGARIS, 2008, p.56).

A minha prática clínica foi essencial para fazer a reflexão sobre a formação que recebia. Muitas descobertas e incertezas. O medo de errar estava sempre constante. A emoção sentida ao esperar o paciente era o “termômetro” que registrava o respeito ao outro e a importância daquele momento, o de ficar frente a frente com o desconhecido: o paciente. Fui orientada tendo por base a abordagem fenomenológica existencial. Um novo mundo se abria para aplicar técnicas e conhecimentos. Foi nessa fase que descobri o quanto a emoção diante do paciente/cliente fazia todo o sentido. Era algo que me conectava ao respeito, à responsabilidade e aos desprendimentos dos meus valores diante do outro.

Quatro anos depois do início do curso, precisava escolher uma temática para a minha monografia. Meus colegas de sala escolheram seus pares e, quando me dei conta, estava sozinha para mais um desafio. Contudo, sabia o que escolher para pesquisar: “sonhos”. A minha monografia foi intitulada: *A relevância da vida onírica: contrapontos entre Freud e Jung*. Lembro-me da experiência da escrita da monografia como uma fase significativa da minha vida! Debrucei-me sobre os escritos de Freud e Jung, sob interpretação e análise dos sonhos, respectivamente. Aquela experiência me fez descobrir tudo que estava em mim e não reconhecia como potencialidades: desejo, coragem e disciplina. Por muitas vezes não via a hora passar, definitivamente, foi puro crescimento, desejo de conhecimento.

Implicada com tudo que vivi e experimentei na minha graduação, com os professores que me fizeram perguntas que até hoje não saberia responder, fui fazer uma especialização em Didática do Ensino Superior, concluída em 2010, dois anos depois da minha graduação. Foquei

na importância da Psicologia Analítica para o ensino superior, com ênfase na relação professor aluno. Um trabalho que considero motivador para escolher o mestrado na área da educação.

Para narrar sobre minha motivação a respeito da temática estudada, preciso contar sobre a minha chegada na Universidade Tiradentes. Momento que considero um divisor de águas em minha vida. Desde a conclusão do curso de Psicologia em 2007, atuei nos Centros de Referência Especializados da Assistência Social - CREAS. Anos de muito aprendizado, dor e contribuição para uma sociedade que se esconde sob o véu do trauma, memórias e medo. Permaneci neste desafio até o ano de 2010, quando passei por uma seleção e fui atuar no estado como gestora do Núcleo de Projetos Intersetoriais. Lá coordenava ações e campanha para o combate ao abuso e exploração sexual e em políticas públicas em defesa da mulher contra a violência sofrida. Nesta atividade ouvia relatos de mães e crianças. Convivia diariamente com o trauma, o medo e a patologia velada de muitos. Por meio da escuta e das memórias de mães, pais, crianças e suas famílias, adquiri um acervo que configurava como modelo de dor, desespero e desesperança. Com essas memórias, pude desenvolver ações de fortalecimento e enfrentamento ao abuso e a violência sexual no estado de Sergipe. Essas ações estão registradas através de projetos na Secretaria de Inclusão Social nos anos de 2010 até o primeiro semestre de 2013.

Em 2013 passei num processo seletivo na Universidade Tiradentes para Coordenar a Clínica de Psicologia. Outro desafio, mas com possibilidades de aprendizagens na área de educação. Fazer parte da formação dos alunos, acompanhar de perto a angústia de se iniciar a prática clínica ou a euforia de ganhar o primeiro paciente, bem como a alegria de receber um *feedback* positivo de pacientes, familiares e professores, posso considerar como parte da história da formação dos alunos.

Então, posso afirmar que o nascimento da presente pesquisa veio de minha experiência profissional como psicóloga clínica e, também, como coordenadora do Serviço-Escola de Psicologia da Universidade Tiradentes em Aracaju, Sergipe, desde 2013 até a presente data. Minha atuação enquanto gestora de um Serviço-Escola, que é requisito obrigatório para a constituição do curso de Psicologia, despertou-me o desejo de compreender como o serviço-escola tem favorecido a formação do Psicólogo e suas práticas profissionais. Esse desejo levou-me a buscar respostas quanto ao processo de formação dos alunos em seu último ano do Curso de Psicologia, uma vez que suas experiências nos atendimentos realizados na prática clínica, no Estágio Específico, anunciam um ensaio para a sua profissionalização e, consequentemente, o início da construção de sua identidade profissional, ou, usando a expressão de Deleuze (1992), “processo de subjetivação”, relacionado às diversas maneiras pelas quais os indivíduos ou as coletividades se constituem enquanto sujeitos.

Para tanto, se torna fundamental conhecer a percepção dos supervisores de clínica frente a formação dos alunos, visto que são sujeitos formadores e presenciam o seguimento desses estágios como agentes protagonistas e testemunhas no cerne da teoria e da prática assimiladas por seus alunos. Do mesmo modo, é primordial conhecer também as perspectivas de alunos quanto a esse processo, posto que são eles os sujeitos em pleno processo de formação profissional.

Assim, depois desse ensaio, este trabalho de pesquisa tem por objetivo geral compreender o processo de formação do Psicólogo nos Serviços Escola dos cursos de Psicologia da UNIT Aracaju e UNIT Maceió, em diálogo com supervisores e alunos. Como objetivos específicos, busco caracterizar a trajetória e o perfil dos alunos e supervisores participantes; identificar as disciplinas curriculares indicadas como mais importantes para a formação a partir da prática no Serviço- Escola; analisar a importância da atuação do Serviço- Escola para a Formação do Psicólogo.

Carl Rogers (1987) salienta que a formação em Psicologia exige um conjunto de fatores que inicia desde a escolha do curso por meio de uma postura conscienciosa, madura e analítica, bem como a implicação do aluno diante da sua vida pessoal, na vigilância da sua saúde mental e da compreensão do sentido de cada teoria e técnica aprendida ao longo dos cinco anos de formação. Sabe-se que quando um desses aspectos é negligenciado, ocorre uma falha em sua formação que naturalmente implicará na sua atuação profissional e na sua capacidade de contribuir com a compreensão de uma escuta qualificada, independentemente da área de atuação. É notório que, independentemente da área na qual é exercido o seu papel, a escuta e a observação do comportamento continuarão sendo o maior recurso de compreensão do sujeito, bem como o eixo principal para o uso de sua potencialidade nas técnicas e teorias ajustadas nos contextos psicoterápicos.

O exercício da Psicologia é um ato de desprendimento de valores, preconceitos, tabus, julgamentos e resistências adquiridas por vezes no seio familiar, religioso e ou cultural. Tal exercício exige que o psicólogo adote uma postura fenomenológica. Deste modo, evidencia-se a importância e os tipos de implicação vivenciadas pelos estagiários, de que forma isso é refletida na qualidade da sua formação e consequentemente na comunidade atendida nos serviços ofertados.

Durante o processo de formação, percebe-se uma carência da qualidade do aprendizado não apenas associada aos conteúdos aprendidos, mas intimamente ligada à atuação clínica exigida nos estágios obrigatórios inseridos nas estruturas curriculares. De acordo com Dimenstein e Macedo (2012), existe uma limitação aparente nos modelos curriculares

ofertados. Com isso, há uma ênfase na repetição do padrão tradicional na atuação do discente durante a prática.

É no momento da formação inicial que é possível estabelecer a relação entre disciplinas estudadas na graduação e a prática nos estágios. Melo-Silva (2005) atribui que, para se configurar a relação ensino aprendizagem em Psicologia, necessita-se de uma contínua conexão entre fazeres e saberes, sendo este um requisito essencial para composição da identidade profissional do psicólogo.

Assim, esta pesquisa se justifica pela posição estratégica dos serviço-escola na formação do psicólogo. Estes serviços são de cunho obrigatório a todos os cursos de formação em Psicologia, devendo estar em consonância com as disciplinas dos currículos ofertados e sua conexão com o conhecimento do aluno e do professor no processo de formação.

A escolha das duas IES pesquisadas se deu em função de ambas pertencerem ao mesmo grupo educacional e estarem em estados vizinhos do nordeste brasileiro. Ambas as IES pesquisadas pertencem ao Grupo Tiradentes, uma no Estado de Sergipe e a outra em Alagoas. O fato de os cursos estarem localizados em capitais de diferentes Estados, indica que eles representam duas realidades distintas em termos de contextos sociais e, consequentemente, de necessidades de formação.

Além disso, apesar de pertencerem ao mesmo grupo, estes cursos apresentam estruturas curriculares distintas para os cursos de Psicologia, sendo, inclusive, diferente o momento da formação no qual há a prática do estágio curricular no serviço- escola: na UNIT de Aracaju, o estágio no serviço- escola ocorre nos dois últimos semestres do curso, o 9º e o 10º períodos, enquanto que na UNIT Maceió, o estágio correspondente ocorre nos períodos 7º e 8º, 9º e 10º e é possível que o aluno não passe pelo serviço- escola, a depender de sua escolha de área de estágio.

De forma mais detalhada, na UNIT Maceió, nos 7º e 8º períodos, os alunos atuam em diferentes áreas da Psicologia: Escolar, Clínica, Jurídica, Hospitalar e Organizacional. Quando chegam no 9º e 10º períodos, o aluno escolhe a ênfase que deseja atuar, podendo ser qualquer uma dessas áreas. Já na UNIT Aracaju, nos Estágios Básicos que ocorrem no 7º e 8º períodos, os alunos escolhem uma das áreas, com exceção da área Clínica, e no 9º e 10º, obrigatoriamente, passarão pelo estágio na área Clínica no Serviço -Escola.

O foco das entrevistas foi a apreensão de como os parceiros de entrevista, alunos e supervisores, acomodam as suas experiências vividas no processo de formação em Psicologia. Desta forma, com o conjunto de narrativas, espero ter construído uma escrita que contribua com

o entendimento de como se dá a complexidade do processo de formação de Psicólogos das IES pesquisadas, valorizando a subjetividade dos narradores.

1.3- A Pesquisa Qualitativa e a escolha da História Oral como caminho metodológico

Trabalhar com a História Oral é fazer vir à tona o que ainda não havia sido registrado ou que foi, muitas vezes, expurgado dos depósitos de memória: arquivos, armários, estantes... A pesquisa em educação requer uma busca criteriosa de evidências, para não cairmos nas armadilhas das fontes oficiais e apenas reproduzir o que desejam nos passar. O pesquisador não pode se contentar em apenas preencher as lacunas deixadas pelos manipuladores da memória. Nesta perspectiva, se são muitas questões a serem investigadas, torna-se essencial a busca e o uso da evidência oral. (MESQUITA, 2008, p.274).

O meu primeiro contato com a História Oral aconteceu no primeiro encontro com a minha orientadora, a professora Ilka Miglio de Mesquita, quando ouviu as minhas propostas de fazer uma pesquisa que tivesse a oportunidade de alcançar as experiências de alunos e supervisores de estágio específico na prática clínica dos Curso de Psicologia das IES UNIT-Aracaju e UNIT-Maceió. Seu olhar sensível e experiente com a História Oral apresentou-me uma metodologia que possibilitou, através das narrativas dos alunos e supervisores entrevistados, conhecer e analisar suas experiências com relação à formação em Psicologia dos alunos e supervisores. A indicação de obras como o Manual de História Oral, de Verena Alberti; O tempo Vivo da Memória; História e Sociedade: Lembranças de Velhos, de Ecléa Bosi; entre seminários e aulas promovidas pela professora, foram suficientes para compreender que a metodologia da História Oral daria a trama necessária para compreensão de como se dá a relação da formação de psicólogos nas IES pesquisadas. Desse modo, em meio às leituras feitas, faço minhas as palavras da minha orientadora, ao fazer um recorte do livro Urdidura e Trama de Memórias do Ensino de História, como complemento à minha escolha metodológica:

Assim, a história oral é concebida neste trabalho como uma metodologia que investiga a produção de narrativas, a compreensão dos contextos, instituições e experiências vividas e sobretudo, que permite a produção da nossa tessitura [...] vivificada pelo diálogo.

Um tear manual composto de peças e fios que traz em si o movimento que impulsiona a organização e realização de entrevistas, no sentido de orientar rememorações de experiências vividas, de promover o diálogo com as evidências e de potencializar ou permitir que o tecelão produza o seu tecido.[...] No uso da metáfora, a materialidade desse tear é composta pelo rolo urdidor, o pente, a cala e o arranjo de cores na matéria-prima dos fios, como sua organização na trama e na urdidura” (MESQUITA, 2017, p.56).

Estamos imersos em uma época na qual as relações humanas estão cada vez mais frágeis. Nossos passos, ouvidos e olhares se conectam facilmente a tudo que é instantâneo, volátil, efêmero. Para tanto, elegi uma abordagem qualitativa, tomando como base as narrativas dos sujeitos pesquisados. Penso que em suas narrativas, os supervisores dos estágios específicos e estagiários do último semestre em Psicologia puderam narrar suas experiências no processo de formação em Psicologia.

É característica de toda pesquisa qualitativa a elucidação de um diálogo progressivo e categoricamente constituído, como uma das fontes primárias de produção de informação. Nesse encontro, é possível a criação de climas de interesses, tensão intelectual, segurança, confiança, tudo isso favorecem níveis de reflexão da experiência que dificilmente surge espontaneamente no dia a dia (GONZALEZ, 2002).

A pesquisa qualitativa apresenta-se como uma direção a ser seguida cada vez mais veiculada no campo da atividade científica neste início do século e se constrói como uma forma de investigação muito empregada e reconhecida nas Ciências Sociais. Com a pesquisa qualitativa há uma valorização do sujeito e de seus valores na construção dos resultados, pois se aplica ao estudo das relações, percepções e crenças, história de vida, opiniões e entendimentos humanos que são parte do seu modo de pensar, sentir viver e construir a si mesmo. (MINAYO, 2008).

A produção de uma pesquisa com base nas narrativas, compostas por entendimentos e vivências singulares dos atores participantes, encontra na História Oral um método que respeite as peculiaridades do objeto de conhecimento e favoreça a compreensão do texto de pesquisa.

A História Oral é um caminho metodológico abrangente e integrador, sendo, portanto, bastante relevante sua escolha na área das Ciências Humanas, em suas diversas áreas, como a Psicologia, a Sociologia, Antropologia, História e Terapia Ocupacional (SILVA e BARROS, 2010). A relevância e uso deste caminho metodológico em estudos interessados em descobrir de maneira peculiar fatos de uma temática sob a perspectiva de seus entrevistados, justifica-se porque neste há a possibilidade de trazer experiências vividas, histórias, percepções e aprendizados, presentes em suas memórias, mas até então não narrados.

A abordagem da História Oral enfatiza, como pesquisa qualitativa, o alcance da compreensão das experiências e ensinamentos narrados nas falas gravadas dos professores e alunos. Possibilita também o privilégio de estar na condição de pesquisadora (ouvinte) exercendo o ato da escuta atenta, respeitosa sem interferências e julgamentos, conforme orientam Alberti (2013) e Ecléa Bosi (1994). O cuidado na elaboração do roteiro e a atenção plena no momento da narrativa fizeram-me por alguns momentos me sentir num *setting*

terapêutico, muito embora não fizesse intervenções nem devolutivas. As emoções trazidas nas narrativas dos professores e alunos são contribuições para uma experiência que reverberará na minha prática enquanto professora, pesquisadora, psicóloga e mulher.

É na realização de entrevistas que se situa efetivamente o fazer a história oral; é para lá que convergem os investimentos iniciais de implantação do projeto de pesquisa, e de lá que partem os esforços de tratamento do acervo. Por seu papel central, esta etapa deve ser objeto de todo cuidado e dedicação da parte dos pesquisadores. Isso significa, entre outras coisas, investir seriamente na elaboração dos roteiros, produzir os instrumentos de controle e de acompanhamento da entrevista, cuidar da carta de cessão de direitos do depoimento e, principalmente, ter consciência da especificidade da relação que se estabelece com o entrevistado (ALBERTI, 1989, p.75).

Pesquisar educação seguindo os caminhos metodológicos da História Oral potencializa a produção de narrativas, de histórias, de sentidos e de reflexões, possibilitando o diálogo com atores na produção do conhecimento científico. Também dá sentido às pesquisas que tem como princípio o compromisso ético com a profissão, com a vida, numa perspectiva psicossocial e, acima de tudo, humana.

1.4- Eixos pesquisados para análise das narrativas – tentativas de compreensão da subjetividade de alunos e supervisores

No processo de desenvolvimento deste estudo optei por trabalhar com a análise das narrativas coletadas, seguindo quatro eixos temáticos ofertados para supervisores e alunos. O primeiro eixo visa compreender a caracterização da trajetória do supervisor; o segundo eixo, versa sobre as contribuições das disciplinas curriculares para a prática no Serviço-Escola de Psicologia; o terceiro eixo investiga a importância da atuação no Serviço-Escola para a formação do Psicólogo e, por fim, o quarto eixo remete aos pontos positivos, críticas e sugestões quanto ao Serviço Escola e sua função.

Como instrumentos de coleta de dados foram utilizadas entrevistas gravadas com roteiro previamente organizado, utilizando-se gravador de áudio. Segundo Alberti (1989), a entrevista é o “coração” da pesquisa quando escolhemos a metodologia da História Oral. Tal acontecimento promove o casamento da investigação com as práticas científicas que, juntas, geram frutos. A concretude da História Oral se faz na consumação das entrevistas.

Nesta experiência, desejamos costurar num só retalho a proposta de sermos sujeitos e objetos com o desígnio de apresentar no ato das entrevistas, uma postura que transita entre o

respeito e o afeto para com os participantes e o que vier como expressão de suas percepções, compreensões e emoções. Segundo Bosi (1979), o entrevistador pode possivelmente alcançar a condição de ser sujeito e objeto durante o processo de escuta das narrativas: enquanto aborda a respeito das perguntas que irá costurar a pesquisa, está no papel de sujeito; no ato de registrar e apreender as memórias, falas e emoções, estará na condição de objeto. Deste modo, tenciono considerar a subjetividade dos participantes com a sensibilidade própria daquele que quer aprender com o outro. Assim, “a pesquisa em educação requer uma busca criteriosa de evidências, para não cairmos nas armadilhas das fontes oficiais e apenas reproduzir o que desejaram nos passar” (MESQUITA, 2000, p.10).

Inicialmente, a pesquisa se propôs a entrevistar três supervisores de cada instituição de ensino, e que trabalham com abordagens diferentes em suas supervisões. Por esse critério, escolhi as abordagens que mais são procuradas pelos alunos, quando estes escolhem a abordagem que irão adotar nos Estágios Específicos. Para isso, foi feito um levantamento junto a coordenação dos cursos. A coordenadora Angélica Piovesan, da UNIT Aracaju, indicou que a maior procura no ano de 2019/2 se deu pelas abordagens Psicanálise; Gestalt Terapia e Terapia Cognitiva Comportamental - TCC, não tendo um número expressivo na procura de supervisão na abordagem Psicodrama no referido semestre. Diante disso, foram entrevistados os supervisores da UNIT Aracaju: Petruska Passos (Psicanálise); Elen Rose Paesante (Gestalt Terapia) e Kayse Luisa Alcantara (Terapia cognitiva comportamental- TCC). Todas as professoras foram contactadas pessoalmente e aceitaram participar da pesquisa.

No caso das supervisoras da UNIT Maceió, mantive inicialmente contato via telefone e por e-mail com a coordenação do Serviço-Escola, a professora Elizabete Henrique Silva, solicitando a autorização, contribuição para o e-mail e telefone dos professores e os dados necessários para a aplicação na pesquisa. Foi indicado pela coordenadora que em seu Serviço Escola somente era oferecida a supervisão em Psicanálise, TCC e Gestalt Terapia, não possuindo o Psicodrama como opção para supervisão, e que todas as abordagens possuíam comparativamente a mesma quantidade de alunos. Dessa forma, feito os acertos, as entrevistas foram realizadas com os professores Roberto Lopes Sales (Gestalt Terapia) e Gabriela Costa Moura (Psicanálise). Foi feita a marcação para a entrevista com a professora da abordagem Terapia Cognitiva Comportamental da UNIT Maceió, mas na ocasião de entrevistá-la, a mesma havia sido desligada da instituição.

A escolha da quantidade dos alunos se deu buscando equivaler à de supervisores entrevistados de cada IES, de modo inverso, como forma compensatória à saída da supervisora de Maceió, resultando, portanto, em três alunos da UNIT Aracaju e dois da UNIT Maceió.

Foram entrevistados dois alunos da UNIT-Aracaju: Cleyson Avelino Militão e Eduardo Marck Oliveira; da UNIT-Maceió foram três alunos: Eveline Maria Ferreira Santana, Maylane dos Santos Silva Soares e Caren Renata Zarpelon. Totalizando, ao final, cinco alunos e cinco supervisores.

A escolha dos nomes dos alunos da UNIT Aracaju, foi feita pela indicação da psicóloga técnica da Clínica de Psicologia da UNIT, a preceptora Jamille Figueiredo. Foi solicitado à professora Jamille dois alunos (independentemente da abordagem teórica de atuação na clínica) que atendesse o critério de estar no décimo período e que tivesse atendido pelo menos quatro casos durante o semestre de 2019/2, com pelo menos 15 sessões de psicoterapia efetivadas em diferentes pacientes.

Seguindo o mesmo critério, a coordenadora do Serviço Escola da UNIT Maceió fez a seleção dos três alunos entrevistados na pesquisa. O contato foi feito via e-mail e pessoalmente, após o recebimento dos nomes enviados pelo Serviço Escola de Maceió e de Aracaju. A pesquisa só foi realizada após o aceite e assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido-TCLE.

O local da entrevista foi acordado com os participantes e o tempo da entrevista foi livre, com duração média de duas horas cada. As entrevistas foram gravadas com gravador digital, mediante anuência dos sujeitos participantes, via TCLE. Os participantes, alunos e professores da UNIT Maceió, optaram por realizar a entrevista nas dependências do Serviço Escola de sua instituição. As professoras Elen Rose e os alunos Cleyton Militão e Eduardo Mark também escolheram como cenário das suas narrativas o Serviço Escola, nesse caso da UNIT Aracaju. A professora Kayse Luiza escolheu a recepção de uma clínica de psicoterapia no bairro Treze de Julho, na cidade de Aracaju, enquanto aguardava sua filha que estava em atendimento. A professora Petruska Passos escolheu o seu consultório particular no bairro São José em Aracaju.

As entrevistas iniciaram com uma breve introdução para situar o entrevistado sobre o problema da pesquisa e o seu pressuposto. Em seguida, as entrevistas desenvolveram livremente, tendo por base um roteiro de entrevista (em anexo) que foi utilizado como forma de garantir que todos os temas de interesse fossem contemplados, caso o relato do entrevistado não os abordasse espontaneamente.

Sabe-se que numa pesquisa como esta, que envolve discentes em processo de formação em Psicologia, bem como Psicólogos atuantes em supervisão clínica, necessita-se de uma escolha metodológica que possibilite a expressão da subjetividade que vai além de respostas a uma entrevista gravada. Neste viés, entendo que a História Oral supre de maneira condizente com a peculiaridade das narrativas. Cabe ressaltar que na História Oral valoriza-se a

contribuição do entrevistado e seu viés biográfico também é apreciado no momento da entrevista, porque as vivências pessoais e as experiências profissionais estão correlacionadas ao objeto de pesquisa. Assim, pude ter, de maneira livre, flexível e sem amarras, relatos que vieram cheios de detalhes e emoções, uma vez que neste tipo de expressão a narrativa é feita por pessoas que vivem ou viveram experiências. São peças que configuram o processo de formação em Psicologia, levando em conta as implicações de quem as vivenciam.

Uma das peculiaridades da História Oral é a vicissitude de se conceber não apenas conhecimento, em forma de narrativas, mas também experiências vividas e expressada pelos sujeitos autores das narrativas. Assim, os entrevistados, por meio de suas narrativas, perpetuam suas sensações, experiências, lembranças que se dispuseram a dividir com o pesquisador e a coletividade. A escuta tem uma relevância primordial para o processo psicoterapêutico, de modo semelhante à metodologia da História Oral. É preciso escutar apuradamente, com atenção e desprendido de interrupções vazias, potencializando o conhecimento expressado por meio das vivências dos alunos e supervisores, narrados em sílabas, músicas, choros, cores e sorrisos. Traz, assim, a visibilidade do que muitas vezes pode passar despercebida (ALBERTI, 2004).

Importante destacar que o foco das entrevistas não é, nem de longe, a busca pela verdade, o certo ou errado, o melhor ou pior, sobre a formação de Psicólogos ou o melhor Serviço Escola entre as IES pesquisadas. O que está em questão é a apreensão da maneira que cada participante relata sua experiência, expressando a subjetividade tão valorizada na metodologia da História Oral. Assim, espera-se que com o conjunto das narrativas de alunos e supervisores seja possível pensar o processo de formação do Psicólogo a partir do momento de sua atuação no Serviço-Escola.

1.5. Estado da Arte sobre Formação em Psicologia e Serviços-Escola de Psicologia

Para este estudo procurei fazer um levantamento da produção de artigos e dissertações brasileiras que foram publicadas em plataformas de referências, cujo corpo do texto tenha palavras-chave: “Formação em Psicologia” e “Serviço-Escola de Psicologia”, entre os anos de 2015 a janeiro de 2020. Também pesquisei Dissertações sobre a História dos cursos de Psicologia no Brasil e nos Estados de Alagoas e Sergipe, com destaque para o papel dos Serviço-Escola destas instituições.

A procura inicial nas bases de dados (SciELO, PePSIC, LILACS, BDTD e na Base de dados da Universidade Tiradentes originou um total de 124 artigos em português. Depois da leitura de todos esses resumos encontrados, na primeira triagem foram excluídos 105 artigos que não correspondiam a temática pesquisada, permanecendo apenas 19 artigos publicados

entre 2015 a 2020 (**ver Quadro 1**). Nas plataformas BDTD foram selecionadas 03 dissertações de mestrado com as palavras-chave Formação em Psicologia e Serviço Escola de Psicologia, 2 dissertações na base de dados da Unit/SE e AL, formando um total de 05 dissertações de mestrado com a temática dessa pesquisa (**ver Quadro 2**).

O total desse levantamento soma 24 pesquisas relacionadas aos temas Formação em Psicologia e Serviço-Escola de Psicologia, sendo um número relativamente pequeno diante da quantidade de Cursos de Psicologias espalhados pelo país desde a Lei de Nº 11.788/2008, que regulamenta as atividades relacionadas aos estágios realizados nos cursos de formação das instituições públicas e particulares dos Brasil. O levantamento deste estudo referente ao quantitativo dos cursos de Psicologia no Brasil, foi buscado no domínio público contido no Cadastro das Instituições de Ensino Superior do Ministério da Educação. Foram identificados 396 cursos (até o ano de 2019), em sua totalidade presenciais, sendo que grande parte se encontra em instituições universitárias privadas com fins lucrativos, localizadas predominantemente em cidades no interior do País e na Região Sudeste.

Especificamente em Sergipe, há cinco cursos de Psicologia em andamento reconhecidos pelo MEC, das seguintes IES: Universidade Tiradentes-UNIT, Uninassau, Estácio-FASE, Faculdade Pio Décimo, UFS. Apenas a primeira (UNIT-SE) e a última (UFS) são Universidades, enquanto as demais são Faculdades ou Centros Universitários. Em Maceió/Alagoas são 06 cursos de Psicologia: Centro Universitário -UNIT-Maceió; Universidade Federal de Alagoas-UFAL; Estácio; Centro Universitário- CESMAC; UNOPAR; AGES em Arapiraca/AL.

Predominantemente, os cursos funcionam em turnos parciais, têm duração de 10 semestres e carga horária de cerca de 4.000 horas. Aderem ao regime letivo semestral e, nas avaliações nacionais, obtiveram o conceito médio. Evidencia-se um enorme, rápido e desordenado crescimento dos cursos de graduação, especialmente a partir da década de 1990.

Quanto ao ano de publicação dos estudos, considerando o intervalo de tempo (janeiro de 2015 a janeiro de 2020), chama a atenção o número de publicações no ano de 2015 e 2018. Os demais anos foram relativamente de poucas publicações em relação a esses dois anos em destaque. Diante deste cenário, é possível perceber a pequena quantidade de artigos e dissertações sobre uma temática que verse sobre a formação e prática de uma profissão cujo instrumento de trabalho é o comportamento e a subjetividade humana.

Quadro 1. Publicações dos Estudos entre 2015 e 2020:

Ano	Autores (as)	Base de Dados	Título	Objetivo (os)
2015	Carvalho, Liliane Brandão; Alves, Ana Maria Ferreira; Passos, Clarissa Ale; Lopes, Fernanda Gomes; Holanda, Renata Bessa; Moreira, Virginia.	LILACS/ SciELO.	A ética do cuidado e o encontro com o outro no contexto de uma Clínica-Escola em fortaleza.	Neste estudo, compreender o cuidado como uma atitude ética na experiência vivida dos estagiários de psicologia, a partir de uma lente fenomenológica. Como recurso metodológico, o método fenomenológico em uma perspectiva hermenêutica de influência gadameriana, tendo como instrumento a entrevista aberta com três perguntas norteadoras.
2019	Sei, Maíra Bonafé; Zuanazzi, Ana Carolina; Oliveira, Katya Luciane; Lúcio, Patrícia Silva; Cordeiro, Sílvia Nogueira.	LILACS, PePSIC.	Da Avaliação à Psicoterapia em um Serviço-Escola de Psicologia: uma Interlocução entre Práticas	Os serviços-escola de Psicologia são dispositivos que proporcionam campo para a prática de intervenções psicológicas, além de beneficiar a comunidade com tais atendimentos. Poucos são os trabalhos que integrem as variadas práticas desses serviços e, assim, objetivou-se relatar o percurso de uma família em um serviço-escola de Psicologia, da avaliação psicológica para a psicoterapia de família.
2016	Cerioni, Rita Aparecida Nicioli; Herzberg, Eliana.	LILACS	Triagem psicológica: da escuta das expectativas à formulação do desejo	A pesquisa visa analisar as expectativas acerca do atendimento psicológico verbalizadas no processo de triagem por pacientes de um Serviço-Escola e relacioná-las a desejos inconscientes.
2016	Osti, Natalia Monti Di; Sei, Maíra Bonafé; Zanetti, Sandra Aparecida Serra	LILACS SciELO	Psicoterapia de casal em um serviço-escola de Psicologia: uma ilustração clínica	Objetiva-se desenvolver um estudo teórico-clínico sobre a psicoterapia psicanalítica de casal, por meio da análise de um caso atendido em um Serviço Escola de Psicologia.
2018	Macêdo, Shirley; Souza, Gledson Wilber de; Lima, Monzitti Baumann Almeida.	LILACS; SciELO; PePSIC	Oficina de desenvolvimento da escuta: prática clínica na formação em psicologia	Objetivo geral: compreender sentidos da experiência de participação em oficinas de desenvolvimento da escuta entre estagiários de Psicologia, que as

				frequentaram antes de adentrar o estágio. Especificamente, buscou-se descrever como competências despertadas e desenvolvidas naquelas oficinas estariam sendo operacionalizadas no estágio; compreender como mudanças em modos de subjetivação desses estudantes favoreceram a inserção e a manutenção no estágio; e avaliar, na perspectiva destes estagiários, a operacionalidade da oficina para ser ofertada ao estudante em formação.
2017	Anon	LILACS	Caracterização da clientela que busca a psicoterapia psicanalítica de casais e famílias	Objetivou caracterizar a clientela que buscou a psicoterapia psicanalítica conjugal e familiar, atendimento ofertado em um serviço-escola de Psicologia. Trata-se de uma pesquisa descritiva, delineada como retrospectiva documental.
2016	Sei, Máira Bonafé; Colavin, João Rafael Pimentel.	LILACS; SciELO; PePSIC	Desistência e abandono da psicoterapia em um Serviço-Escola de Psicologia.	Objetivou-se, assim, mapear o índice de desistência e abandono dos atendimentos psicológicos em um serviço-escola de Psicologia de uma universidade pública do estado do Paraná.
2016	Cerioni, Rita Aparecida Nicioli; Herzberg, Eliana.	LILACS	Expectativas de Pacientes acerca do Atendimento Psicológico em um Serviço-Escola: da Escuta à Adesão	objetiva apresentar e discutir as expectativas acerca do atendimento psicológico de pessoas que se inscreveram em um serviço-escola de uma universidade do interior do estado de São Paulo, e analisar em que medida a escuta e compreensão dessas expectativas podem favorecer a adesão ao processo psicoterápico.
2015	Sousa, Conceição Reis de; Padovani, Ricardo da Costa.	LILACS SciELO, PePSIC	Supervisão em terapias cognitivo-comportamentais: trilhando outros	O objetivo deste estudo é descrever um modelo de supervisão que prepara psicólogos para desenvolver ações

			caminhos além do Serviço-Escola.	voltadas para prevenção, promoção, proteção e reabilitação em saúde.
2015	Gauy, Fabiana Vieira; Fernandes, Luan Flávia Barufi; Silvaes, Edwiges Ferreira de Matos; Marinho-Casanova, Maria Luiza; Lôhr, Suzane Schmidlin.	LILACS; SciELO.	Perfil dos supervisores de psicologia em serviços-escola brasileiros.	Objetivo foi descrever o perfil demográfico dos supervisores dos cursos de graduação em Psicologia, obtidos pelo projeto de pesquisa intitulado "Serviços-Escola de Psicologia no Brasil", que tinha entre seus objetivos a caracterização dos serviços-escola de psicologia brasileiros.
2015	Carvalho, Liliane Brandão; Alves, Ana Maria Ferreira; Passos, Clarissa Ale; Lopes, Fernanda Gomes; Holanda, Renata Bessa; Moreira, Virginia.	LILACS	A ética do cuidado e o encontro com o outro no contexto de uma Clínica-Escola em fortaleza	Neste estudo, objetivamos compreender o cuidado como uma atitude ética na experiência vivida dos estagiários de psicologia, a partir de uma lente fenomenológica.
2019	Galindo, Wedna Cristina Marinho; Sousa, Tamires Brandão de Siqueira e; Tamman, Bianca Falcão.	LILACS;SciELO, PePSIC	Modalidades de atendimento à população por Serviços-Escola de Psicologia: panorama das publicações.	O objeto de estudo as modalidades disponibilizadas de atendimento à população por serviços-escola de Psicologia. Parte do pressuposto de que a formação e a atuação em Psicologia têm sido perpassadas por significativas mudanças no contexto sócio-histórico-político do Brasil.
2019	Jaileila Araújo Menezes, Saiane Silva Lins e Juliana Vieira Sampaio	LILACS	Provocações pós-coloniais à formação em psicologia.	Nesse artigo buscamos apresentar a experiência da oficina Racismo, Sexismo, Epistemicídios e os saberes Psi, que aconteceu durante a XXVI Semana de Psicologia da Universidade Federal do Ceará
2019	Ana Ignez Belém Lima Nunes; Aline Guilherme de Melo; Artur Bruno Fonseca de Oliveira	LILACS;SciELO, PePSIC	Psicologia escolar na escola pública: desafios para a formação do psicólogo.	Propõe a reflexão acerca da formação e atuação do psicólogo na área educacional. Para tanto, foi analisada uma experiência de inserção, em uma escola municipal de Fortaleza, desenvolvida no Serviço de Psicologia Aplicada da Universidade Estadual do Ceará e apoiada pelo

				CNPq, realizada pelo Laboratório de Estudos da Subjetividade e Saúde Mental da mesma instituição.
2018	Renata Guerda Araujo Santos; Jerfesson de Souza Bernardes.	LILACS/Revista Interfaces	Seis propostas para a formação em Psicologia: um diálogo entre PET-Saúde e Ítalo Calvino.	Visa problematizar a formação em Psicologia orientada aos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS). Apresenta pesquisa produzida por meio de rodas de conversas com o Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).
2018	Migliorini, Walter José Martins.	LILACS	Projeto AMF na Universidade Pública: uma breve notícia.	Apresentação do Projeto AMF na Universidade Pública, parceria criada em 2017, entre a Associação de Membros Filiados (AMF) e o Serviço-Escola do Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada Dra. Betti Katzenstein (CPPA)/Universidade.
2016	Mônica Lima Denise Coutinho Jhonata Andrade Fabio Nieto Lopez	LILACS; SciELO; PePSIC	Trajetórias acadêmicas de estudantes dos Bacharelados Interdisciplinares e do curso de Psicologia: análise de históricos escolares.	Analisa-se os históricos escolares de 31 egressos dos Bacharelados Interdisciplinares na transição para o curso de Psicologia da Universidade Federal da Bahia, nos anos de 2012 e 2013, em comparação com os históricos escolares de 95 estudantes ingressantes neste curso diretamente pelo vestibular, nos mesmos anos
2016	Monica Lima; Denise Coutinho; Cristina Moreira Jalil; Fábio Nieto Lopez.	Revista Psicologia Ciência e Profissão.	Transição dos Bacharelados Interdisciplinares para a Formação em Psicologia.	Em 2009, o Instituto de Psicologia da Universidade Federal da Bahia propõe a área de concentração Estudos da Subjetividade e do Comportamento Humano como transição dos Bacharelados Interdisciplinares (BI) para o curso de graduação em Formação de Psicólogo.

2017	Joao Paulo Macedo; Marta Savana de Sousa Lima Cândida; Dantas; Magda Dimenstein.	Revista Psicologia Ciência e Profissão.	Transnacionalização do Ensino Superior: Impactos nos Processos Formativos em Psicologia no Brasil.	O presente trabalho traça um panorama histórico quanto à formação desses grupos no Brasil acompanhado da análise do impacto desse processo na formação em Psicologia e na organização dos cursos em termos do perfil do egresso, objetivos e estrutura curricular.
------	--	---	---	---

Fonte: Produzido pela autora (2020)

Quadro 2 Dissertações Seleccionadas para a Pesquisa

Ano	Instituição	Autor	Título	Objetivo(s)
2013	UFAL	Renata Guerda de Araújo Santos	Conversa sobre a formação em psicologia e o trabalho para o sistema único de saúde.	O objetivo principal desta pesquisa, portanto, é discutir a formação em Psicologia a partir da introdução de políticas e práticas orientadas para as necessidades de saúde da população e para o Sistema Único de Saúde. Buscando visibilizar alguns dispositivos e práticas orientadas para a formação do trabalho para o SUS desenvolvidos no Curso de Psicologia da UFAL/Maceió e problematizar como estes articulam a integração ensino-serviço-comunidade.
2013	UFS/SÃO CRISTOVÃO /SE	Nedelka Solis Palma	Formação em psicologia: cartografando linhas moleculares	O intuito é problematizar a formação em psicologia enquanto práticas e discursões tradicionalmente comprometidos com as normatizações – Plano molar das formas instituídas – Traçando esboços para uma cartografia do plano molecular, plano das fabulosas e terríveis linhas de fulga, as estrelas destas cartografias da formação das psicólogas e dos psicólogos.
2014	UFS/ São Cristóvão/ Sergipe	Erika Porto Grise	Fragmentos e Correspondências de uma formação que está por vir.	O objetivo é problematizar a formação acadêmica a partir da noção de prática, passando à concepção de práticas de liberdade, ambas aprendidas desde o pensamento foucaultiano, para formular um primeiro questionamento: se a

				formação é uma prática, de que modo é possível fazer dela uma prática de liberdade?
2014	UFS/São Cristóvão	Roberta Câmara Rocha Menezes	Perspectiva profissional em Psicologia: um estudo sobre a formação, autoeficácia e empatia.	Esta pesquisa trata-se da relação entre autoeficácia, empatia e formação em Psicologia Clínica para entender como essas variáveis influenciam a perspectiva profissional nessa área de atuação de estudantes do curso de Psicologia.
2015	UFS/ São Cristóvão/ Sergipe	Wilson Bispo da Fonseca	Psicologia e Educação: o perfil da atuação dos Psicólogos(as) nas escolas em Aracaju.	Esta pesquisa visa investigar e verificar a atuação dos psicólogos (as) na educação em Aracaju.

Fonte: Produzido pela autora (2020)

Os artigos e dissertações lidas e triadas trouxeram contribuições importantes para o cenário dessa pesquisa no que se refere a formação em Psicologia e a importância do Serviço-Escola de Psicologia nas práticas de estágio.

Historicamente, os Serviços-Escola de Psicologia têm sua trajetória atrelada com o início do curso de Psicologia e da regulamentação da profissão de Psicólogo. Assim, os Serviços- Escola têm como objetivo oferecer espaço para a efetivação, na prática, das técnicas psicológicas aprendidas durante o processo de formação (PERES et al., 2003). A profissão foi instituída na década de 1960 (Brasil, 1962) e, concomitantemente a esta, surgiram as Clínicas-Escola, com a finalidade primordial de atender à necessidade de formação na graduação em Psicologia.

De acordo com Ancona-Lopez (1995), as pesquisas e estudos sobre a temática eram necessários para promover continuamente melhor adequação dos serviços, propiciando ampliação dos conhecimentos e das necessidades específicas da população, visando adequar à atuação profissional oferecida, orientar a implantação de novas atividades, acompanhar a evolução do funcionamento de serviços diversos e contribuir para maior inserção social da Psicologia. Essas características, para a autora, são inerentes à própria função dupla do Serviço-Escola, qual seja, oferecer condição de treinamento clínico para os alunos e prestar serviço psicológico à comunidade (Gorayeb et al., 1992). Desta forma, os estudos relativos a essa prática devem verificar não apenas se o atendimento corresponde às expectativas sobre os serviços ofertados, mas também se oferece oportunidade para a formação adequada dos profissionais.

2. A Psicologia Aplicada nas áreas de educação e trabalho

Ao lado dessa necessidade que emerge no contexto das existências individuais de se saber o que somos, quem somos, como somos, Por que agimos de uma ou outra maneira, surge para o Estado a necessidade de recorrer a práticas de previsão e controle: como lidar melhor com os sujeitos individuais?; como educá-los de forma mais eficaz, treiná-los, selecioná-los para os diversos trabalhos? Em todas essas questões se expressa o reconhecimento de que existe um sujeito individual e a esperança de que é possível padronizá-lo segundo uma disciplina, normalizá-lo, colocá-lo, enfim, a serviço da ordem social (FIGUEIREDO, 1997, p.11).

O interesse pela Psicologia, enquanto estudo de processos intrínsecos ao ser humano, sempre existiu desde os primeiros registros de conhecimento da humanidade (MASSIMI e GUEDES, 2004; MALVEZZI, 2010). A Psicologia enquanto ciência nasceu em vários países, antes mesmo da criação da psicologia experimental e dos primeiros laboratórios na Alemanha, precisamente em Leipzig em 1879.

As vertentes que abrangem o fortalecimento da Psicologia como profissão têm despertado a atenção de pesquisadores. São quesitos que percorrem diversas áreas da formação e em diferentes profissões, muitas vezes movidos por uma demanda que envolve a identidade profissional e suas diferentes dinâmicas de atuação, que são conduzidas de acordo com a necessidade da sociedade moderna, cada vez mais exigente, afetando assim o exercício da profissão e consequentemente sua formação. Diferentemente do que ocorria antes da metade do século XIX, quando o psicólogo não ocupava um papel ocupacional.

De acordo com Esch e Jacó-Vilela (2012), por volta da metade do século XIX aconteceram vários ensaios para a instalação da profissionalização da psicologia no Brasil, precisamente na época da República Velha (1889 a 1930), efetivada por Radecki e Mira y Lopez, com o objetivo inicial de utilizar testes psicológicos em “doentes mentais” e em crianças atendidas nas instituições de educação e de saúde. Nesta mesma perspectiva Figueiredo (1997) afirma:

Surge, desse modo, a demanda por uma psicologia aplicada, principalmente nos campos da educação e do trabalho. Ou seja, o Regime Disciplinar, em si mesmo, exige a produção de um certo tipo de conhecimento psicológico de forma a tornar mais eficazes suas técnicas de controle. Mas também as subjetividades formadas, pelos modelos liberais e românticos, sentindo-se contestadas e problemáticas, são atraídas pelos estudos psicológicos (FIGUEIREDO, 1997, p.11).

A história dos cursos de Psicologia no Brasil como formação surgiu em 1958, porém a regulamentação com a Lei nº 4.119 aconteceu somente quatro anos depois em 27 de Agosto de 1962, data que se comemora o Dia do Psicólogo. A psicologia já era estudada como disciplina,

muito antes do primeiro curso e da lei que a regulamenta. Os cursos que tinham a disciplina psicologia era Filosofia, Pedagogia, Teologia, Direito e Medicina, todos esses cursos foram relevantes para reconhecer a necessidade de expansão e independência rumo a profissionalização com autonomia e ciência (RUBIANO, 2005).

Segundo Angeline (2011), as antigas Escolas Normais na primeira metade do século XX são responsáveis pelo histórico de crescimento e expansão da Psicologia no Estado de São Paulo e em outros Estados do Brasil. A Psicologia já estava presente nos currículos das Escolas como disciplina autônoma para formação de professores, que na época denominava ensino primário e em parte dessas Escolas foram criados os primeiros laboratórios de Psicologia.

Clemente Quaglio, em 1912, foi responsável por fundar na Escola Normal de São Paulo o primeiro Laboratório de Psicologia Experimental, que foi reorganizado e ampliado consideravelmente em 1913 quando contou com a ajuda do psicólogo italiano Ugo Pizzoli, que trouxe com ele uma relevante quantidade de aparelhos científicos da tradição da Psicologia Experimental dominada por Wilhelm Wundt. Tais aparelhos científicos tinham o objetivo de ampliar os estudos da área da psicometria e sensopercepção. Mas foi na década de 20 que o laboratório teve sua grande ascensão com Lourenço Filho e a professora Noemy da Silveira com o fomento de inúmeras pesquisas de relevância para a educação, como testes de inteligência e memória, aproveitamento escolar, análise psicológica das cartilhas escolares utilizada na rede de alfabetização da rede escolar e as demandas ligadas à Psicologia da Criança e da Adolescência.

Ainda neste sentido, a educação foi o campo que primeiramente abraçou a Psicologia, sendo posteriormente aplicada às áreas do Trabalho e da Clínica. Cabe ressaltar que os responsáveis por aplicar a Psicologia nessas novas áreas foram professores que tiveram sua formação nas Escolas Normais e que, ao chegar em suas áreas de atividades, começaram a aplicar o conhecimento da Psicologia para as suas dinâmicas de trabalho, buscando aprimoramento e sendo multiplicadores para os demais (RUBIANO, 2005).

Os cursos de Nível Superior tiveram início na Escola Normal de São Paulo em 1931. Tinham o objetivo de aprimorar os professores na área da Sociologia da Educação, Biologia e Psicologia. Neste evento a professora Noemy Rudolfer teve protagonismo na sucessão de Lourenço Filho assumindo a Psicologia Educacional da Escola que em 1933, com os mesmos objetivos recebeu o nome de Instituto de Educação. A professora Noemy também assumiu o Laboratório de Psicologia Educacional e submeteu-se ao Concurso Público para provimento efetivo da cátedra de Psicologia Educacional do Instituto de Educação utilizando a temática *A Evolução da psicologia Educacional por meio de um histórico da Psicologia Moderna*, que,

após a sua divulgação, foi publicada em 1938 como Introdução a Psicologia Educacional. Título que se tornou referência para muitos professores na época. (RUBIANO, 2005).

No dia 25 de janeiro de 1934 o Decreto Estadual 6.283 foi publicado autorizando a Criação da Universidade de São Paulo, com a reunião de algumas escolas atuantes e pelo surgimento de novas unidades básicas como a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Na estrutura do prédio de Administração - FFLCH da Faculdade de São Paulo, foi agregada a cátedra de Psicologia, que tinha como atividade a administração das disciplinas complementares dos cursos de Filosofia e Ciências Sociais.

A cátedra de Psicologia Educacional ganhou uma nova terminologia em 1968 passando a ser chamada de Departamento de Psicologia Social e Experimental. Neste ano, o acervo do Laboratório de Psicologia Educacional foi fundido ao Departamento que, com a direção da professora Noemy Rudolfer, deu continuidade a realização de pesquisas psicológicas de interesse e utilidade para a educação até ser extinto na década de 40 (CAPITÃO, 2003).

As disciplinas do curso de Pedagogia, pois, essa parte da história foi um grande parâmetro para a formação do currículo dos cursos de formação posteriormente. Faziam parte as disciplinas: Introdução à Psicologia, Psicologia do Desenvolvimento, Psicologia do Adolescente, Psicologia da Aprendizagem, Psicologia da Personalidade, Psicologia do Anormal, Psicologia Diferencial e Métodos da Psicologia, além das disciplinas, Fisiologia, Biologia, Antropologia, Estatística. A cátedra também exigia para o aluno de Formação em Pedagogia os estágios em serviços de Psicologia Aplicada e da frequência em seminários de métodos de pesquisas psicológicas, além de estágios obrigatórios em serviços psicológicos.

A cátedra de Psicologia do Curso de Filosofia passou a ofertar um curso de especialização com as seguintes disciplinas: Biologia, Estatística, Fisiologia, Antropologia, e uma disciplina avançada de Psicologia, além de estágios obrigatórios em serviços psicológicos ser aprovado nos Cursos de Especialização e construir uma tese elaborada pelo candidato e aceita por um professor catedrático, eram pré-requisito para efetivar inscrição no curso de doutoramento. Tudo isso regido pela portaria Ministerial n. 497, de 15.10.1947 (ANGELINI, 2011). Na Cátedra de Psicologia, em 1954, foi criada uma área de especialização em Psicologia Clínica conduzida por nomes como Durval Bellegarde (professor visitante), Marcondes e Anibal Cipriano Silveira dos Santos. Os professores Marcondes Cabral, e a professora Annita de Castilho, que também regeram a cátedra de Psicologia no Curso de Filosofia da Universidade de São Paulo em 1953, propuseram à faculdade a criação de um curso de graduação em Psicologia, no qual, teve o Decreto Estadual em 28/05/1957. Com a duração de apenas três anos, dava ao aluno que o concluísse o título de Bacharel em Psicologia. Os três anos de

graduação habilitava apenas em nível teórico, não concedendo o direito profissionalizante. Alguns optavam por mais um ano na graduação para aquisição do diploma de Licenciatura, podendo com isso lecionar no magistério secundário (CAPITÃO, 2003).

Somente em 1958, sob a coordenação do professor Arrigo Leonardo Angelini o Curso de Psicologia começou a funcionar, com dezoito disciplinas, distribuídas em três anos de graduação. Gradativamente o curso foi se desenvolvendo, sua estrutura de disciplinas remodeladas e fomentadas com as disciplinas Psicologia Experimental, Psicologia do Trabalho e Psicologia Clínica, bem como atividades didáticas que despertavam o interesse na pesquisa, como a instalação de novos laboratórios e biotérios, que possibilitavam pesquisas com animais para aprender sobre leis comportamentais, além do surgimento de Clínicas de Psicologia, que faziam atendimentos à comunidade ao tempo que ensinavam as práticas psicológicas aos seus alunos, sempre supervisionados por seus professores supervisores.

No final da década de 1950 foi iniciada uma mobilização significativa por aqueles que exerciam atividades na Psicologia, como professores universitários, e também por aqueles que aplicavam o conhecimento da psicologia em instituições profissionais, ou mesmo nos serviços de cunho assistenciais, além de Associações de Psicologia que já ganhavam força. (ERSH e JACÓ-VILELA, 2012). O julgamento desses profissionais era que já havia chegado a hora de profissionalizar a Psicologia, estabelecendo legalmente a profissão no país. Por conta desse movimento, foi desenvolvida uma campanha que durou muitos anos, tramitou no Congresso Nacional muitos anteprojeto, e no dia 27 de Agosto de 1962 a Lei 4.119 foi sancionada. Neste mesmo ano, o Conselho Federal de Educação (Parecer 403), fixou o currículo mínimo e a duração, em cinco anos, do curso de graduação em Psicologia, com novas disciplinas que possibilitavam a natureza profissional para a formação do Psicólogo (SILVA BATISTA, 2010).

Com a profissão de Psicólogo instituída, surgem, como já foi dito, os serviços- escola, instalados com o objetivo principal de atender à necessidade de formação nos cursos de Psicologia. Os Serviços-Escola têm, desde então, o objetivo de aplicar, na prática, as técnicas psicológicas aprendidas em sala de aula. Ao mesmo tempo, adquiriram também um papel social importante, visto que possibilitam à população carente um atendimento psicológico que, de outro modo, poderia ser inacessível, como também a realização de processo de seleções com aplicação de testes psicológicos para colaboradores das indústrias, contribuindo com a qualificação dos serviços prestados a sociedade (PERES et al., 2003).

Foi através da psicotécnica que os processos de seleção, orientação e treinamento de trabalhadores surgiram como demanda de atendimento resultante da explosão da chegada das novas indústrias no Brasil. Com isso, inicia-se um crescimento no que se refere à criação de

departamentos e núcleos especializados em seleção. Deste modo, surgiu o Departamento do Serviço Público (DASP), tendo este um relevante papel na contratação de pessoal e que reverberou na criação da Fundação Getúlio Vargas. Também surge o Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP) sob a direção de Mira y López.

A seguir, um breve estudo das características dos primeiros serviços-escola e a compreensão do seu papel na formação do Psicólogo.

2.1 Serviços-Escola de Psicologia: lugar de formação de Psicólogos?

O Serviço- Escola é uma exigência legal desde a criação da profissão de Psicólogo (Decreto 53464, de 21/01/1964, artigo 7º, b), sendo um dos espaços essenciais para o processo de profissionalização do psicólogo e para o fortalecimento e integração das habilidades desenvolvidas ao longo do Curso de Psicologia.

Nesse contexto, é fundamental mencionar as contribuições do 12º Encontro de Clínicas-Escola do Estado de São Paulo, promovido pela Associação Paulista de Psicologia, realizado em 2004, no qual se destaca a mudança da nomenclatura anteriormente reconhecida como “Clínicas-Escola”, e desde então firmada como “Serviços-Escola de Psicologia”. A referida mudança correlaciona o nome “serviço” com as possibilidades e tipos de intervenções psicológicas possíveis na formação do aluno, para além da atuação do modelo clínico, expandindo o campo de atuação e formação (MELO-SILVA et al., 2005). Deste modo, ampliou-se consideravelmente os estudos nesta temática para promover continuamente uma melhor adequação dos serviços, proporcionando ampliação dos conhecimentos em psicologia em função das especificidades da sociedade atendida. Trata-se do objetivo de adaptar à atuação profissional oferecida, orientar a execução de novas incumbências, acompanhar o crescimento dos serviços diversos e objetivar uma maior inserção social da Psicologia (ANCONA-LOPEZ, 1995).

Os Serviços-Escola em Psicologia possuem dois grandes objetivos fundamentais: primeiro, o de atender à necessidade de formação do aluno nos cursos de Psicologia, efetivando a prática das teorias e técnicas psicológicas ensinadas em sala de aula por seus supervisores e, segundo, a oferta de atendimento psicológico à população em geral, cumprindo assim, o seu papel social. Ambos os objetivos convergem na oferta de serviços que concretizam uma educação sólida e criativa de profissionais habilitados e capazes de desenvolver um papel social relevante em suas práticas (FERREIRA, 1998).

Além da relevância no aprendizado do aluno em formação, destaca-se um outro objetivo, não menos importante, que é a oferta de atendimento psicológico à sociedade que, de outro modo, seria inacessível para alguns ou muito caro para outros desfrutar de atendimentos psicológicos como estes (RUBIANO, 2005).

Na primeira década de criação dos Cursos de Psicologia no Brasil também surgiram as primeiras associações da área, formadas por graduados em algumas entidades, dentre estas, destaca-se a Associação Brasileira de Psicologia de Ribeirão Preto. Esta teve papel relevante na criação do Conselho Federal de Psicologia e dos Conselhos Regionais, bem como, na afirmação da Psicologia como profissão e produção científica (SOUZA, 2012). Cabe destacar que o Serviço-Escola é uma significativa conquista oriunda das contribuições dos primeiros graduados em Psicologia, que favoreceram a formação do aluno, a contribuição à sociedade e a produção acadêmica em diferentes áreas, desde as suas primeiras instalações até os dias atuais.

Os serviços executados em uma clínica-escola de Psicologia estão correlacionados a uma gama de fatores. Na instituição de ensino, a participação dos alunos como protagonistas nos processos objetiva a formação como Psicólogo, devendo a prática estar conectada a um currículo e a todas as diretrizes que regulam a formação acadêmica. Além da formação profissional e do atendimento à sociedade, existe o desafio da articulação entre ensino, pesquisa e extensão e a criação de novos serviços que contribuam com a excelência dos atendimentos e seus resultados para a tríade implícita no processo, educação, formação e extensão (BOECKEL, 2010).

Segundo Yoshida (2005, apud VIEIRA, 2011), o serviço ofertado por esse formato de estágio é a possibilidade e a oportunidade do universitário de Psicologia de vivenciar o exercício da prática clínica profissional, além da ênfase no processo educacional e científico oferecido à comunidade. Yehia (1996, apud CAMPEZATTO et al., 2005), enfatiza que a diversidade de pacientes e as múltiplas situações vividas aumentam o nível de conhecimento dos estagiários, solidificando sua graduação e permitindo que tenham uma percepção abrangente e real da personalidade do sujeito, sem torná-lo um simples instrumento para o aprendizado.

No que diz respeito à dinâmica do estágio clínico no Serviço-Escola, os estagiários realizam atividades como triagem, plantão de acolhimento, psicodiagnóstico, supervisão de casos atendidos, terapia de grupo, psicoterapia de apoio e psicoterapia breve de acordo com o modelo tradicional de exercício da profissão (LEVANDOWSKI, 1998, apud CAMPEZATTO et al., 2005). O treinamento realizado nos Serviços-Escola, devem contribuir para a formação de profissionais habilitados e capazes de desenvolver as práticas psicológicas de acordo com as novas realidades e demandas sociais, políticas e culturais atuais (Herzberg, 1999).

É sabido que parte importante da população brasileira tem nos Serviços-Escola a possibilidade de ter acesso ao atendimento psicológico, posto que se configuram como uma das poucas possibilidades de realização de atendimentos psicológicos em virtude de ofertarem taxas simbólicas ou gratuidade dos serviços.

2.2 – UNIT Aracaju e UNIT Maceió – diferentes realidades na trilha da formação de Psicólogos

A Sociedade de Educação Tiradentes S/S Ltda — SET, Grupo Educacional, é a mantenedora da UNIT Sergipe e da UNIT Alagoas. Teve seu início em dezembro de 1971 na Rua Laranjeiras no bairro do Centro em Aracaju - SE. A história do grupo SET teve início com a fundação do Colégio Tiradentes, criado pela família Uchôa de Mendonça, no ano de 1962, localizado no endereço acima mencionado. Antes de completar um ano o Colégio Tiradentes ampliou seus cursos, inserindo os cursos profissionalizantes de Contabilidade e Pedagógico, ainda na modalidade de primeiro e segundo graus. As Faculdades Integradas Tiradentes foram autorizadas pelo MEC em 1972 com a implantação de novos cursos de Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas no Estado de Sergipe. Somente em 25 de agosto de 1994, as Faculdades Integradas Tiradentes foram reconhecidas como Universidade pela Presidência da República e pelo MEC, passando a chamar-se Universidade Tiradentes — UNIT SE, por meio da Portaria Ministerial Nº 1.274, publicada no diário oficial da União Nº 164. (PPC do curso de Psicologia, 2012)

Atualmente, a UNIT de Aracaju possui cursos de graduação nas modalidades presencial e a distância, em diversas áreas do conhecimento, entre elas os Bacharelados na modalidade presencial e também na pós-graduação *lato e stricto sensu*, cursos esses ofertados nos campi da capital e do interior de Sergipe. Todos esses localizados no Campus Aracaju Farolândia no endereço av. Murilo Dantas, 300, Farolândia, CEP 49032-490, telefax: (79) 3218- 2100 - Aracaju/SE.

O Campus Aracaju, oferta para seus alunos e professores uma Vila Olímpica com quadras poliesportivas; Complexo Laboratorial Interdisciplinar para as áreas de Ciências Biológicas e da Saúde, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e Ciências Exatas e Tecnológicas. No Campus Farolândia, como também é conhecido, também está localizado, o Instituto de Tecnologia e Pesquisa – ITP, integrante do seleto grupo dos Institutos do Milênio/CNPq que facilita o desenvolvimento da pesquisa e tecnologia da Instituição.

A partir da experiência bem-sucedida e consolidada em Sergipe, o Grupo SET optou por expandir suas atividades educacionais para o vizinho Estado de Alagoas. Em 28 de abril de 2006, a Faculdade Integrada Tiradentes – FITS foi inaugurada no município de Maceió. Em sua Portaria de Nº 963, ofertava para a população de Alagoas os cursos de Serviço Social, Administração e Ciências Contábeis.

Em 2007 o Grupo SET inaugurou a sua sede definitiva, o Campus Amélia Maria Uchôa, localizado na Av. Gustavo Paiva, 5.017, no bairro de Cruz das Almas - Maceió/AL. Nessa nova sede, com uma infraestrutura que contemplava as melhorias dos cursos existentes, pode avançar com a oferta de novos cursos de graduação e pós-graduação *lato sensu*, além da ampliação de suas atividades de extensão.

Ainda no ano de 2007, com a nova sede e toda estrutura em constante evolução, surgiu o Curso de Psicologia com a missão de proporcionar ensino de qualidade, atendendo uma demanda da comunidade alagoana e em estados vizinhos, tendo em vista a ampliação do mercado de trabalho e as condições restritas de acesso à formação acadêmica, pautadas no conhecimento teórico-metodológico acerca da realidade social e das demandas da ação profissional; com o compromisso ético-político e social pautado em valores autônomos e no desenvolvimento de habilidades e competências com o propósito de fazer alcançar estratégias de cuidado e resguardo, atendimento psicológico pautado em técnicas interventivas e procedimentos técnico- profissional voltadas à transformação social conforme consta no Plano Político do Curso/UNIT Maceió.

Cabe registrar que em 2014 a FITS foi credenciada pelo MEC como Centro Universitário, recebendo Conceito Institucional 4 e mantendo a direção no sentido de propiciar o contínuo aperfeiçoamento de suas atividades acadêmicas, de gestão e responsabilidade social.

Em 2019 os dois Cursos de Psicologia receberam o conceito 5, pondo em prova que o trabalho do Grupo Educacional-SET vem trabalhando e consolidando cada vez mais o seu papel com responsabilidade social, contribuindo para o desenvolvimento regional, buscando realizar atendimentos à comunidade alagoana e sergipanas nas áreas de saúde, educação e cultura, desencadeando uma série de ações que favorecem a ampliação dos aportes sociais e culturais onde tem seu espectro de atuação.

Os cursos de Psicologia das duas IES, de Aracaju e de Maceió, apresentam Estruturas Curriculares próximas, mas não idênticas, conforme apresentado a seguir:

Quadro 3: Matriz Curricular do Curso de Psicologia UNIT Aracaju

1º Período		2º Período	
Disciplina	Carga Horária	Disciplina	Carga Horária
Bioestatística	40	Fundamentos Antropológicos e Sociológicos	80
Metodologia Científica	80	Ética Profissional em Psicologia	40
Introdução à Psicologia	40	Psicobiologia	40
Psicologia Ciência e Profissão	40	Técnicas de Observação Psicológica	40
Fund. Epistemológicos da Psicologia	40	Processos Psicológicos Básicos I	40
Anatomofisiologia Geral	120	Neuroanatomia do Comportamento	80
		Práticas de Psicologia I	40
		Desenvolvimento Humano	80
TOTAL	360	TOTAL	440

3º Período		4º Período	
Disciplina	Carga Horária	Disciplina	Carga Horária
Filosofia e Cidadania	80	Teorias da Personalidade	80
Práticas de Pesquisa na área de Saúde	40	Psicopatologia I	80
Matrizes do Pensamento Psicológico IV	40	Técnicas de Exames Psicológicos I	80
Matrizes do Pensamento Psicológico III	40	Técnicas de Entrevista Psicológica	40
Matrizes do Pensamento Psicológico II	40	Saúde Coletiva	40
Matrizes do Pensamento Psicológico I	40	Teorias e Técnicas de Intervenção Grupal	40
Processos Psicológicos Básicos I	80	Práticas em Psicologia II	40
Psicologia Social	80		
Análise Experimental do Comportamento	40		
TOTAL	480	TOTAL	400

5º Período		6º Período	
Disciplina	Carga Horária	Disciplina	Carga Horária
Projetos de Intervenção em Psicologia	40	Psicofarmacologia	40
Psicologia do Trabalho e Organizacional	80	Psicodiagnóstico	80
Psicologia Escolar	80	Práticas em Psicologia III	40
Psicopatologia II	80	Políticas Públicas em Psicologia	40
Técnicas de Exames Psicológicos II	80	Técnicas de Orientação e Aconselhamento	40
Práticas de Extensão na Área de Saúde	40	Psicologia Jurídica	40
TOTAL	400	TOTAL	280

7º Período		8º Período	
Disciplina	Carga Horária	Disciplina	Carga Horária
Psicogerontologia	40	Estágio Básico II	200

Estágio Básico I	160	Práticas de Psicologia IV	40
Psicoterapia Infantil	40	Eletiva	80
Psicologia da Família/Grupo Intervenção	40	Teorias e Técnicas Psicoterápicas IV – Fenomenológica	80
Psicologia e Inclusão Social (Excepcional)	40	Teorias e Técnicas Psicoterápicas III – Cognitivo	80
Psicologia da Saúde com Ênfase em Hospitalar	40	Teorias e Técnicas Psicoterápicas II – Behaviorismo	40
Psicologia da Saúde	80	Teorias e Técnicas Psicoterápicas I - Psicanálise	80
TOTAL	440	TOTAL	600

9º Período		10º Período	
Disciplina	Carga Horária	Disciplina	Carga Horária
Trabalho de Conclusão de Curso I	40	Estágio Específico II	240
Seminários de Psicologia I	40	Trabalho de Conclusão de Curso II	40
Estágio Específico I	240	Seminários de Psicologia II	40
Formação Cidadã	80	Optativa I	80
TOTAL	400	TOTAL	400

Fonte: Produzido pela autora (2020)

Quadro 4: das Disciplinas Optativas

Disciplina	Carga Horária
Criatividade e Inovação	80
Empreendedorismo	80
História e cultura afro-brasileira e africana	80
Relações Étnicas – Raciais	80
Libras	80

Fonte: Produzido pela autora (2020)

Quadro 5: Matriz Curricular do curso de Psicologia UNIT Maceió

1º PERÍODO		2º PERÍODO	
Disciplina	Carga Horária	Disciplina	Carga Horária
Metodologia Científica	80	Fisiologia Humana	80
Desenvolvimento humano	80	Matrizes do Pensamento Psicológico I	40
Anatomia Humana	80	Matrizes do Pensamento Psicológico II	40

Psicologia e Ética Profissional	40		Processos Psicológicos I	80
Técnica de Observação Psicológica	80		Processos Grupais	80
Fundamentos Epistemológicos e históricos da Psicologia	80		Psicologia Social	80
Total	440		Total	400
3º PERÍODO			4º PERÍODO	
Disciplina	Carga Horária		Disciplina	Carga Horária
Matrizes do Pensamento Psicológico III	40		Psicologia da Personalidade	80
Neuroanatomia	40		Psicopatologia	80
Processos Psicológicos II	80		Avaliação Psicológica I	80
Fundamentos Antropológicos e Sociológicos II	80		Estratégias de Políticas em Saúde	40
Análise Experimental do Comportamento	40			
Bioestatística	40			
Matrizes do pensamento psicológico IV	40			
Total	360		Total	280
5º PERÍODO			6º PERÍODO	
Disciplina	Carga Horária		Disciplina	Carga Horária
Avaliação Psicológica II	80		Psicodiagnóstico	80
Ação Interdisciplinar na Área de Saúde	40		Teorias Psicoterápicas (Cognitiva)	80
Formação Cidadã	80		Criatividade e Inovação	80
Psicologia Escolar	80		Estágio Básico Escolar	60
Psicopatologia II	80		Psicologia Organizacional e do Trabalho	80

Políticas Públicas Em Psicologia	40			
Total	400		Total	380
7º PERÍODO			8º PERÍODO	
Disciplina	Carga Horária		Disciplina	Carga Horária
Técnicas Psicoterápicas (Behaviorismo)	80		Psicologia Jurídica	80
Técnica de Entrevista e Avaliação Psicológica	80		Estágio Básico CLÍNICA	80
Técnica Psicoterápicas (Fenomenológicas)	80		Intervenção Psicossocial	40
Empreendedorismo	80		Psicologia e Processo de Gestão	40
Psicologia da Saúde	80		Psicossomática	80
Estágio Básico Institucional	60		Estágio Básico (Saúde)	80
Psicofarmacologia	40			
Psicologia Comunitária	40			
Total	540		Total	360
9º PERÍODO			10º PERÍODO	
Disciplina	Total		Disciplina	Total
Psicogerontologia	80			
Higiene e Segurança do Trabalho	40		Optativa 4 Libras	80
Projeto de pesquisa em Psicologia	40		Estágio Específico (Processos Clínicos)	80
Estágio Específico I (Proc.E Preven. E Prom. Saúde)	160		Política Aplicada a Inclusão Social	80
Psicologia E Neurociência	80		Estágios específicos II (Processos Clínicos)	160
Gestão Pública	80		Histórica e Cultura Afro-Brasileira e Africana	80

		Relações Étnicas Raciais	80
		TCC	40
		Fórum Interdisciplinar (Estudo de Caso na Área de Saúde)	40
Total	480	Total	640

Fonte: Produzido pela autora (2020)

Os Estágios Específicos em Psicologia Clínica são realizados nos Serviços Escola das IES de Aracaju e de Maceió. Todos os Serviços-Escola de Psicologia possuem como ponto de convergência um documento federal que agrega a principal legislação federal sobre os estágios, regulamentação profissional e ética em Psicologia. Tal documento congrega vários documentos de produção do Conselho Federal de Psicologia e também da Associação Brasileira de Psicologia-ABEP, que tem como papel de associação civil a primazia do desenvolvimento e o aprimoramento do ensino da Psicologia, sempre com um ideal de orientação, promoção de diálogo e promovendo qualificação nas atividades que envolvam os estágios.

Tal documento é a Carta de Serviços sobre estágios e Serviço-Escola lançada em 2013 o documento realizado em parceria com o Conselho Federal de Psicologia, a Associação Brasileira de Psicologia- ABEP e o Conselho Regional de São Paulo-CRP/06, e que tem como objetivo a orientação a sociedade, alunos, coordenadores, professores, orientadores e supervisores de estágio quanto aos procedimentos acadêmicos e técnicos nas atividades de estágios. O documento é um guia de referências sobre a formação e o exercício profissional levando em conta a existência de diferentes papéis exercidos por várias instituições de ensino do país que são preestabelecidas pelo Ministério da Educação, órgão responsável pela formação. Quanto ao CFP, cabe a orientação e fiscalização do exercício legal da profissão.

De acordo com a Lei nº 11.788/2008, todas as instituições de ensino de Psicologia, deverão ofertar estágios obrigatórios e não obrigatórios, estabelecendo que essas duas modalidades são determinadas pelas diretrizes curriculares e pelo projeto pedagógico do curso.

O Serviço-Escola deve garantir as atividades práticas e supervisões, por meio de estrutura física, material, administrativa e pedagógica digna, com condições adequadas para garantir a efetivação das práticas e o sigilo dos dados de atendimento e supervisão. Todo Serviço-Escola deve conter em suas dependências: salas de atendimento com isolamento

acústico, salas de supervisão também com isolamento acústico, uma recepção e uma estrutura que contemple as atividades ofertadas à sociedade e o aluno em formação.

O modelo de atendimento adotado no Serviço-Escola precisou se adequar aos tempos. O campo de atuação profissional do psicólogo ampliou-se no decorrer da história e suas formas de atuação passaram a abranger novos contextos, como fóruns, hospitais, ONGs, presídios, clubes esportivos etc. e ter de lidar com novas e complexas demandas. Por ir além da “clínica” individual, herdada do modelo médico, e se tornar algo que amplia as possibilidades de atuação e contribuição do profissional de Psicologia, tal prática passou a ser denominada de “Clínica Ampliada”. Essa prática é respaldada por diretrizes do MEC, pelo CFP e CRPs, por políticas públicas e pelo próprio Projeto Político Institucional- PPI da Universidade. A proposta comporta um modelo de clínica que atenda aos objetivos de promoção de saúde, cuidado e respeito ao outro em vários âmbitos.

Com essa perspectiva, a Clínica de Psicologia da UNIT Aracaju foi inaugurada em 2001. Na época ainda com o nome de Centro de Acompanhamento Psicossocial – CEAP, tinha como principal objetivo atender à comunidade de Aracaju e do interior do estado de Sergipe, e a usuários em situação de vulnerabilidade econômica e social. Além disso, como outro objetivo central de um Serviço-Escola, visava abrigar as atividades de práticas e de estágio dos alunos do curso de Psicologia em todas as áreas. (PROJETO POLÍTICO DO CURSO DE PSICOLOGIA UNIT ARCAJU, 2019).

A proposta se mantém até a atualidade. Os atendimentos no Serviço Escola são desenvolvidos por alunos do curso de Psicologia que estão no 9º e 10º períodos, supervisionados por uma equipe de professores com experiência prática em diversos campos da psicologia. A Clínica de Psicologia da UNIT Aracaju também deve ser utilizada em diversas atividades práticas nas disciplinas ofertadas durante o curso, bem como em atividades de extensão e pesquisa. Além disso, a Clínica oferece serviços multiprofissionais, de alunos de outros períodos, a exemplo dos alunos da disciplina Psicodiagnóstico, no 6º período, ou alunos que estejam cursando Estágio Básico I ou II, e alunos de outros cursos da Universidade, tais como: Serviço Social, Administração de Recursos Humanos.

As atividades da Clínica têm abrangência significativa na sociedade sergipana, uma vez que suas ações têm envolvido diversos segmentos da comunidade, além de entidades e instituições voltadas para questões sociais do nosso Estado, a exemplo da Secretaria Municipal de Ação Social e Conselhos Tutelares, CAPS e Ministério Público.

Quanto às atividades oferecidas, destacam-se: atendimento familiar; atendimento psicológico a crianças, adolescentes, adultos e idosos, em dificuldades emocionais, de

aprendizagem, psicomotoras e/ou de ajustamento; atendimento a portadores de deficiência; orientação vocacional; grupos de adolescentes; grupos de homens; grupos de mulheres. Plantão Psicológico; avaliação Neuropsicológica, desenvolvida por alunos da pós-graduação de Neuropsicopedagogia; Avaliação psicopedagógica (desenvolvida por alunos da pós-graduação de psicopedagogia).

Até o semestre de 2019/2 a Clínica de Psicologia da UNIT alcançou a marca de mais de 5.5000 atendimentos por semestre. De acordo com o Projeto Político do Curso de Psicologia, as duas IES possuem o Objetivo Geral semelhante, conforme apresentado aqui:

Formar profissionais que dominem criticamente os instrumentais e conhecimento da ciência psicológica para uma atuação voltada ao desenvolvimento de competências necessárias para a inserção no mercado de trabalho desta região, promovendo o bem-estar de indivíduos e grupos e ao desenvolvimento da ciência, dentro dos princípios éticos regulamentados pela profissão (PROJETO POLÍTICO DO CURSO DA UNIT ARACAJU, p. 45, 2019).

Formar profissionais que dominem, dentro dos princípios éticos, os conceitos e os instrumentais da Psicologia para que de forma crítica tenham uma atuação voltada à prevenção, promoção e tratamento da saúde, de indivíduos e de grupos, e do desenvolvimento da ciência voltada para a Psicologia. (PROJETO POLÍTICO DO CURSO UNIT MACEIÓ, p.52, 2019)

Tais atividades de estágio estão ligadas ao Eixo Estruturante de Práticas Profissionais do PPC, que alcança as unidades dirigentes para o exercício e inserção dos alunos em atividades inerentes a sua profissão, favorecendo a conexão entre teoria e prática. Desse modo, o aluno terá contato com a realidade profissional em que irá atuar, não apenas para conhecê-la, mas também para desenvolver as competências e habilidades específicas à formação profissional.

Com as mesmas demandas de atendimento e serviços ofertados, o Serviço-Escola da UNIT Maceió, denominado Centro de Psicologia Aplicada- CPA, inaugurou suas atividades em 2012, desenvolvendo as seguintes atividades em três turnos de funcionamento e aproximadamente cem alunos nos estágios. Oferece as atividades: atendimento familiar; atendimento psicológico a crianças, adolescentes, adultos e idosos, em dificuldades emocionais, de aprendizagem, psicomotoras e/ou de ajustamento; atendimento a portadores de deficiência; orientação vocacional; grupos de adolescentes; grupos de homens; grupos de mulheres. Plantão Psicológico;

De acordo com o PPC do curso de Psicologia da UNIT Maceió, os alunos que estão nos Estágios Específicos I e II, no 9º e 10º períodos respectivamente, ambos contando 08 créditos, devem contemplar a carga horária de 160 horas de cada estágio, 320 horas no total. As atividades de estágio devem estar de acordo com as demandas dos locais de estágio e com as

exigências do programa da disciplina, sendo estabelecidas no início do semestre letivo com o supervisor local.

As atividades exigidas, em compatibilidade com a programação curricular de seu curso, para os Estágios Específicos I e II, o aluno deverá atuar como agente promotor de saúde e de desenvolvimento integral a indivíduos e grupos, visando propiciar ao aluno a experiência prática, com fundamentação teórica, nas áreas das duas ênfases curriculares do curso, específico I e II.

As atividades de desenvolvidas nos Estágios Específicos da UNIT-Maceió podem ser realizadas em outros centros além do Serviço Escola, desde que tenham parceria com a UNIT e um supervisor local em constante comunicação com o supervisor do Serviço-Escola. Não há, portanto, a obrigatoriedade de exercer o estágio somente nas dependências do Serviço Escola da Universidade, contrariamente acontece com o PPC da UNIT Aracaju que exige que as práticas de estágio sejam feitas única e exclusivamente no Serviço Escola.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Psicologia, os estágios devem se configurar como formas de “práticas integrativas voltadas para o desenvolvimento de habilidades e competências em situações de complexidade variada...”, Configurando-se como uma atividade curricular obrigatória planejada e diretamente supervisionada por membros do corpo docente da instituição formadora, procurando assegurar a concretização e a articulação das competências instituídas.

A supervisão de estágio é feita, conjuntamente, pelo professor orientador desta instituição de ensino e pelo profissional supervisor de campo das organizações que oferecem estágio, com base em planos de estágio elaborados em conjunto pelas partes. Quanto à carga horária, o Regimento Interno em seu capítulo 06, art. 64, parágrafo único, em obediência ao art. 22, parágrafo 3 das DCNs do curso, determina que os Estágios Básicos e Específicos deverão perfazer, ao todo, pelo menos 15% da carga horária total do curso. No caso das duas IES são computadas 120 horas de atendimento clínico e 80 horas de supervisão.

As Normas que regem os estágios obrigatórios do Curso de Psicologia da UNIT ARACAJU e da UNIT MACEIÓ encontram-se no Regulamento do Estágio Obrigatório dos Cursos de Psicologia, conforme Portaria nº 01/2008, e na forma do artigo 13, VIII, do Regimento Geral desta Instituição.

O objetivo é regulamentar as atividades de estágio, representando um documento de referência para alunos, supervisores acadêmicos e supervisores de campo sobre as disposições do Estágio Obrigatório do Curso de Psicologia EIS, orientando-os quanto às normas de funcionamento, programas, disciplinas e atividades a serem cumpridas pelos mesmos, a fim de

terem um melhor aproveitamento desta experiência. Portanto, o aluno dos estágios específicos deverá ser capaz de compreender ações profissionalizantes e entender a dinâmica de funcionamento do fazer da prática clínica nos atendimentos psicológicos ofertados à comunidade em geral, dentro de diferentes referenciais teóricos visando introduzi-los na formação clínica, além de discutir alguns aspectos específicos desta atividade profissional em supervisão clínica coletiva.

Na próxima seção serão apresentadas narrativas dos supervisores de estágios específicos sobre a formação do psicólogo de acordo com suas experiências vividas.

3. A formação do psicólogo nos Serviços-Escola: o olhar e a experiência vivida do professor-supervisor clínico

Se alguém colhe um grande ramalhete de narrativas orais, tem pouca coisa nas mãos. Uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu (BOSI, 2003, p. 69).

Nesta seção serão apresentados e analisados os dados relacionados aos supervisores de Estágio Específico em Clínica nos dois Serviços-Escola pesquisados. Para organizar a seção, seguiremos os eixos de investigação que nortearam o roteiro de entrevista, que são: caracterização da trajetória do supervisor; contribuição das disciplinas curriculares para a prática no Serviço-Escola; a importância da atuação no Serviço-Escola para formação do psicólogo.

3.1 Caracterização da trajetória e perfil do supervisor

3.1.1. Formação e trajetória profissional

Na UNIT Aracaju foram entrevistados três supervisoras de Estágio: Petruska Passos Menezes, Kayse Luisa Carvalho Alcântara e Elen Rose Paesante. Na UNIT Maceió, dois supervisores foram entrevistados: Roberto Lopes Sales e Gabriela Costa Moura.

As supervisoras Petruska, Kayse e Elen entraram na UNIT Aracaju no mesmo processo seletivo em 2018. No entanto, todas declararam que já atuavam como supervisoras clínicas há mais tempo. A professora Petruska relatou que iniciou sua atuação como supervisora há quatro anos, fora da Academia, por conta de sua formação em Psicanálise. Já a professora Kayse afirmou que há cinco anos desenvolve o papel de supervisor, supervisionando casos de colegas psicólogos. A professora Elen, por sua vez, narrou que antes de entrar na Universidade já atuava como supervisora para alunos de pós-graduação em Gestalt Terapia, no Instituto de Gestalt da Bahia – IGTB e, também, para alguns psicólogos que a procuravam.

As três supervisoras relataram que tiveram o início de sua vida profissional logo após a graduação. Petruska, com seis meses de formada, começou atuando no serviço público, na área de Saúde. Atuou também na área de RH, coordenando equipe multiprofissional. Antes de completar um ano de formada, iniciou sua atuação em consultório particular, de imediato com pacientes de convênio e, posteriormente, também com pacientes particulares, na abordagem Psicanalítica. Sua formação em Psicanálise, segundo ela, gera certa confusão com relação à sua atuação enquanto psicóloga.

Sou psicóloga. Fiz minha formação em Psicologia e fiz uma formação em Psicanálise. A supervisão é algo intrínseco à Psicanálise por vida; minha supervisão enquanto psicanalista já acontecia antes. Então, há uns 4 anos, eu já recebia grupos de alunos ou pessoas de forma individual para dar supervisão, mas de cunho psicanalítico. Na academia eu comecei em 2018, em 1º de fevereiro de 2018, lá na Clínica de Psicologia da UNIT, e continuo agora até setembro de 2019. [...] Então, existe uma confusão na clínica entre o trabalho do psicanalista e o do psicólogo. Por exemplo, atender plano de saúde. Você só atende se for psicólogo, porque você tem que dar o CRP (nº de registro no Conselho Regional de Psicologia); você tem que dar algumas documentações que são da Psicologia, mas você atende com o viés psicanalítico. Então existe uma confusão muito grande nisso daí; se a gente é psicólogo ou se é só psicanalista. Por via das dúvidas, eu coloco as duas coisas. Na Psicologia, mais acentuadamente, eu trabalho mais com palestras, tanto dando palestras quanto quando sou convidada reunindo pessoas para conversarmos tópicos em Psicologia. (Petruska Passos Meneses, 2019).

Essa colocação de Petruska se justifica, posto que a ocupação de psicanalista não é de fato equivalente à de psicólogo e nem se configura como profissão regulamentada. Isso se deve a questões históricas da constituição da Psicanálise, por iniciativa de seu fundador, que determinou que a formação de Psicanálise não se daria nos meios acadêmicos, mas exclusivamente no contexto da IPA (Associação Internacional de Psicanálise), fundada por Freud e colaboradores em 1910. Já em seu início, a IPA determinou o famoso “tripé” de formação do analista: análise pessoal, estudo teórico e supervisão dos casos atendidos. Essa formação se dá por critérios próprios e internos à instituição. Com o tempo, outros grupos de Psicanálise surgiram, mas mantiveram essa tradição de formação de analistas (SHAMDASANI, 2014; ROUDINESCO, 2016).

A Psicologia, como área acadêmica e como profissão, tem na teoria psicanalítica um importante referencial teórico, que, no entanto, não é exclusivo e nem determina os caminhos de formação ou de atuação profissional, o que tende a gerar sobreposições que, para muitos, são confusas entre as duas áreas. Percebe-se esse cenário implícito na fala de Petruska, que, além de Psicóloga, fez sua formação em Psicanálise pela própria IPA.

A supervisora Kayse possui doze anos de prática clínica utilizando a abordagem da Terapia Cognitivo Comportamental – TCC. Começou sua prática clínica em consultório particular e se dedicou a uma única abordagem. A supervisora tem prática clínica com adolescentes e adultos. Fez mestrado na área da Psicologia Social na Universidade Federal de Sergipe. Kayse é sucinta quando fala de sua formação: “Eu sempre atendi pela abordagem TCC. Desde a saída da faculdade eu atendo como terapeuta cognitiva comportamental.” (Kayse Luisa Carvalho Alcântara, 2019).

No caso da supervisora Elen, ela relatou que iniciou sua atuação no Serviço Público em 1995, trabalhando diretamente com Saúde Mental em um hospital psiquiátrico da cidade de Aracaju, durante um ano. Após essa fase, trabalhou em Políticas Públicas com crianças e adolescentes reclusos. Também atuou com crianças especiais e, após três anos de formada, iniciou sua atuação em consultório particular. Nessa mesma fase, iniciou sua atuação docente no SENAC e como professora substituta da Universidade Federal de Sergipe.

Nenhuma delas fez formação específica para atuar como supervisora. Petruska chamou a atenção, conforme já sinalizou antes, que sua formação em Psicanálise faz da supervisão clínica algo intrínseco à formação do Psicanalista. Relatou ter feito vinte anos de análise, entendendo que, tanto a formação em Psicanálise quanto os anos de análise, a capacitaram para atuação como supervisora.

Desde que eu comecei, eu fazia a supervisão e, quando eu me formei, continuei fazendo supervisão. Eu tenho de análise 20 anos, 7 analistas, e não sei quantos supervisores já tive. Então, eu vivenciei muito como é a experiência enquanto alguém supervisionando e, depois de um tempo, passei a dar supervisão também.[...] Mais difícil não foi a experiência de supervisão, porque não me é estranha; o mais difícil é você poder fazer adaptação da técnica e da teoria, que é de um canto para outro, mas hoje em dia a gente já tem muitos livros sobre isso, não é? E a gente chama de Psicanálise aplicada. Um autor que me ajudou muito nesse trabalho, por incrível que pareça, foi Wanderley Codo que trabalha com saúde do trabalhador no serviço público. (Petruska Passos Menezes, 2019).

Kayse narra que sua formação como supervisora começou com sua prática de supervisionar “um caso ou outro” trazido por colega psicólogo, ou até mesmo por pacientes seus, também psicólogos, quando começavam a atuar em consultório e pediam sua ajuda.

Tinha gente que eu começava atendendo como paciente mesmo, nas demandas pessoais e individuais, e aí, com um tempo, acabava criando a vinculação e pedia que eu fosse realizar a supervisão. Então a gente marcava um horário por fora e eu realizava a supervisão daquele caso. (Kayse Luisa Carvalho Alcântara, 2019)

Elen explana que sentiu vontade de passar para outras pessoas um pouco do que estava fazendo enquanto psicóloga, depois de alguns anos de atuação. Expressou ter sentido necessidade de “esvaziamento”. Segundo ela, a atividade de supervisão a “escolheu”. “[...] E aí foi quando eu pisei na Clínica de Psicologia da UNIT, acho que uns 3 anos antes de iniciar como supervisora. Foi quando me bateu uma sensação muito forte e eu falei: é aqui que eu quero estar!” (Elen Rose Paesante, 2019).

Quanto aos dois supervisores entrevistados do curso de Psicologia da UNIT Maceió, ambos possuem um relevante tempo de atuação na atividade de supervisão. Professor Roberto

atua há 17 anos como supervisor de estágio em clínica, tendo a Gestalt Terapia como abordagem. Professora Gabriela exerce a atividade de supervisão desde 2011 na abordagem psicanalítica. Os dois entrevistados começaram suas atuações profissionais logo após a graduação, em diferentes áreas da Psicologia. Roberto começou sua atuação como psicólogo clínico em consultório particular. Também trabalhou em projetos sociais de acolhimento a crianças carentes. Atuou ainda em hospitais; como terapeuta sexual, terapeuta de casais. Sua opção para ser professor se deu desde o início:

Eu me formei em 1995, vinte e quatro anos e meio. Em janeiro faço vinte e cinco anos que eu saí da faculdade, e que entrei na faculdade. Porque eu saí da faculdade em dezembro e voltei à faculdade em março, mais ou menos, como professor. Uma das coisas que me fazia estar como professor era a vontade realmente de não só clinicar enquanto psicólogo, mas de realmente ter um aprendizado ensinando (Roberto Lopes Sales, 2019).

Gabriela, por sua vez, atuou primeiramente na área de Recursos Humanos, com recrutamento e seleção de pessoas. Atuou na área de Avaliação Psicológica, chegando a montar uma Sociedade com uma colega. Posteriormente começou a atuar em Psicologia Clínica. Também é professora de pós-graduação na área de Psicologia. Ela também descreve seu início profissional:

Eu acho que para todo jovem recém-formado é a primeira questão, e ainda tinha o peso de chegar aqui em Maceió, não ser daqui, e não conhecer ninguém, e eu pensei: 'se eu fizer um curso de pós-graduação, uma especialização, eu acho que pode me ajudar tanto no aprimoramento do conhecimento do estudo, mas também eu vou conhecer outros psicólogos no curso, então eu vou começar meu network, minha rede de trabalho'. Fui fazer um curso de pós-graduação em Psicologia Clínica, em uma outra instituição aqui em Maceió que se chama CESMAC (Centro de Estudo Superior de Maceió), que, inclusive, eu sou professora nessa pós-graduação. Então é algo assim, bem interessante...e aí, durante esse curso de pós-graduação, foi quando eu participei do processo seletivo. Acho que já ia fazer uns dois anos que eu estava aqui. Era um anúncio fechado no Jornal Gazeta de Alagoas no domingo, e ele pedia para enviar seu currículo por e-mail. Você não sabia de quem era a empresa, nada, mas era para psicólogo, e foi assim que comecei. Logo depois da Graduação. Então trabalhei diretamente, durante dois anos, com recrutamento e seleção. A minha experiência com teste psicológico vem daí, então por isso que eu ministro as disciplinas referentes. (Gabriela Costa Moura, 2019).

Assim como as supervisoras entrevistadas da UNIT Aracaju, os supervisores de Maceió não fizeram curso de formação para atuação como supervisor. Roberto refere-se a si mesmo como autodidata. Fez treinamentos nas instituições que atuou e atua: CESMAC e UNIT Maceió. Diz que sua dedicação intensa à leitura, e sua experiência na clínica e em sala de aula, o fizeram supervisor.

Não, especificamente como supervisor não. As formações que me foram habilitadas foi no exercício da profissão mesmo; leituras também. Tornei-me autodidata, e os próprios treinamentos das instituições da qual eu iniciei no CESMAC. E depois fiquei tanto no CESMAC quanto na UNIT, que eram as duas instituições de peso. Hoje, sem modéstia, a UNIT tem uma hegemonia no Estado, apesar de existirem muitas outras, principalmente na área de Psicologia. Mas ela realmente é quem tem o poderio em termos de treinamento, em termos de assistência ao alunado. (Roberto Lopes Sales, 2019).

Quanto à professora Gabriela, sua formação em Psicanálise deu subsídio para sua atuação como supervisora. Assim como a professora Petruska, ressalta que a formação psicanalítica fomenta o aprendizado da supervisão e que também exige que o aluno em formação psicanalítica faça supervisão dos casos que atende. Diz ainda que em seu consultório particular também realiza supervisões.

Quando eu parei em Maceió e comecei a lecionar aqui na UNIT, eu fui buscar a formação em Psicanálise e clínica. Procurei saber quais instituições, escolas de Psicanálise e grupos de estudos havia aqui e, conversando com o professor lá de Caruaru, da instituição que eu dei aula, ele me indicou o TORO - Escola de Psicanálise. É um psicanalista de lá que vem a Maceió há quase 30 anos para trazer os estudos do grupo de Pernambuco. Hoje é a única escola de Psicanálise que trabalha com formação de psicanalista aqui de Maceió e eu faço parte. Comecei análise pessoal desde esse tempo, e a supervisão desde que eu decidi que, então, agora sim vou me dedicar a área clínica, que é minha paixão. Também trabalho como supervisora Clínica, na minha clínica no meu consultório, não só aqui. (Gabriela Costa Moura, 2019).

Em síntese, percebe-se que tanto os supervisores de Aracaju quanto os de Maceió começaram a atuar logo após a graduação e tem um histórico profissional em diferentes áreas, sendo a área clínica, a partir de um certo momento, priorizada. Com exceção de Petruska e Gabriela, que se constituíram como supervisoras a partir dos grupos de Psicanálise que fazem parte, os demais supervisores iniciaram sua atuação como supervisor por conta própria, em função de demandas de outros profissionais ou deles próprios.

De acordo com a Carta de Serviços sobre Estágios e Serviços Escola (2012), bem como nas DCNS, no Regulamento de Estágio das duas IES, especificamente em seu artigo 26, o professor preceptor deverá ser psicólogo e possuir curso de pós-graduação e experiência profissional na área de estágio e/ou áreas afins, bem como registro no respectivo Conselho Regional de Psicologia.

Gauy et al. (2015) aponta que, segundo dados recentes sobre o perfil do psicólogo no Brasil, há poucas referências sobre o supervisor de Psicologia, com relação à sua formação, tempo de experiência e carga horária de trabalho, por exemplo. Na maioria dos casos, o

supervisor se constitui enquanto tal de forma autônoma, sem que seja feita uma formação específica para essa função. Geralmente, é na própria prática de atendimento e de ser supervisionado que se dá o embasamento e a legitimação para tal.

Consequentemente, a formação na graduação e em pós-graduações, a atuação profissional em clínica e em outras áreas, a própria supervisão da sua prática e o referencial teórico adotado terminam por ser, em seu conjunto, a grande influência na constituição do papel de supervisor por parte do profissional, gerando diferentes tendências de supervisão. Como descreve Lima:

A qualidade de supervisão pode estar diretamente associada à sua formação profissional, tanto teórica/academicista, quanto prática e experiencial. Com estas características satisfeitas, o supervisor poderá desenvolver um trabalho ajustado às necessidades de orientação dos seus estagiários. Assim se faz necessária uma maior discussão dentro das instituições envolvidas com o estágio sobre novos modelos para garantir uma boa formação de seus supervisores, imprimindo, nestes, características que visem à sua melhor capacitação técnica e didático-pedagógica, permitindo, então, uma formação de qualidade também para os seus estagiários. (LIMA, 2010, p. 78).

As implicações destas duas tendências, a teórico/academicista e a prática/experiencial, apresentadas por Lima (2010) na atuação dos supervisores investigados serão analisadas no próximo tópico, após os relatos sobre a dinâmica de supervisão adotadas.

3.1.2. Dinâmica de supervisão

Ser psicoterapeuta significa ajudar alguém a se ver, a se conhecer, a tomar posse de si mesmo. A responsabilidade e a complexidade da tarefa de responder terapeuticamente ao pedido de ajuda de outro ser humano justificam a necessidade de maior consciência do futuro profissional sobre a concepção a respeito do que é ser psicoterapeuta e sua implicação de ordem prática na qualidade da sua formação profissional (FALEIROS, 2004, p 28.).

Ensinar a atitude clínica em sala de supervisão envolve a necessidade de uma abertura para além dos valores e conhecimento teórico dos alunos. Sem a experiência subjetiva adquirida e da escuta realizada nos atendimentos aos pacientes, não é possível alcançar a construção de um pensamento clínico e, consequentemente, não seria possível ensiná-lo.

Dos supervisores entrevistados da UNIT Aracaju, com relação à dinâmica de supervisão, as supervisoras Petruska e Elen compreendem que o processo de supervisão é “para o aluno”, e não para os casos atendidos. Já Kayse entende que a sua supervisão prioriza os casos atendidos e se atém aos detalhes dos casos clínicos trazidos pelos alunos nas supervisões.

Petruska, buscando conciliar as atividades burocráticas inerentes ao estágio com sua proposta de orientação aos alunos, conduz sua dinâmica de supervisão iniciando com a parte teórica. Durante a segunda hora de supervisão, a professora ouve os relatos dialogados (relatos de sessão com citação direta, em forma de diálogo), feitos pelos alunos após os atendimentos. Em seguida, dá *feedbacks* para os alunos, orientando-os para os próximos atendimentos.

Então, temos alguns trâmites institucionais que precisam ser feitos dentro do horário da supervisão, que é em grupo, não é individual. Diante de toda essa burocracia que a gente precisa fazer - e que eu acho importante, quando eu estou trabalhando com esses registros, eles já receberam capítulos de livros (seminários) para o semestre todo, para 20 supervisões, para eles já trazerem lidos para supervisão, enquanto eu estou fazendo ajuste de documento dentro do sistema¹ (SICS Magister), porque eu deixei muito claro que o que eles estão vivendo lá é um aprendizado da teoria psicanalítica aplicada ao modelo clínico institucional. Muitas vezes eu faço a comparação, inclusive nos relatos dialogados, sobre: ‘olhe, a gente aqui faz assim, mas em determinada escola a gente não faria assim, a gente faria assado’, dando possibilidade para eles entenderem que também não existe um único caminho de verdade ou inverdade. Eu tento fazer muito isso com eles, passando essa primeira parte de seminário de meia hora, uma hora. Aí sim, nós entramos no relato dialogado. Algumas vezes essa primeira parte demora mais um pouquinho, porque eles começam a trazer os exemplos dos pacientes ou de algumas coisas ou até de vivências deles mesmos para supervisão (risos), e aí a minha maior preocupação é o limite de até onde pode-se ir com isso ou não. E aí vai conversando. Às vezes as dúvidas são tantas que a gente até acaba passando um pouquinho do tempo. (Petruska Passos Meneses, 2019).

Kayse, por sua vez, procura escutar todos os casos apresentados, atendo-se ao maior número de detalhes possível, para que possa compreender como cada paciente funciona: “Então, eu sempre procuro escutar o caso todo. No primeiro momento, eu gosto de escutar com detalhes, então eu tento restringir a partir das seções, na terceira seção mais ou menos.”

A supervisora Elen procura manter uma aproximação afetiva com os alunos, enfatizando que, se o aluno não estiver bem, não conseguirá trazer o caso à contento. Procura saber como está o emocional de cada um e observa se há alteração no comportamento do aluno. Quando percebe, chama-o para conversar a respeito. Acrescenta que busca “leveza” em supervisão, mesmo correndo para dar conta de ouvir todos os casos. Em sua dinâmica de supervisão, leva exemplos de casos atendidos por ela em seu consultório e diz que, com isso, se aproxima do aluno, pois quando alguém percebe um erro seu, ela reforça que “ainda hoje costuma errar”. Com esses exemplos, Elen considera que sai de um “patamar superior” e se coloca em uma posição de igualdade. Sobre isso, finaliza dizendo:

¹ O Sistema de Clínicas Integradas da Saúde- SICS-MAGISTER foi adquirido pelo Grupo Tiradentes para comportar o acervo de atendimentos realizados pelos alunos e garantir a segurança do sigilo profissional do psicólogo. Nele, o aluno insere os resumos de sessões e o supervisor registra as orientações que dão ciência as atividades dos alunos em supervisão clínica.

À medida que eles vão trazendo os relatos, eu vou inserindo os conteúdos teóricos dentro dos exemplos e sempre intercalando com brincadeiras, com risos, com histórias. Sempre que possível eu trago alguma atividade de arte para que eles possam vivenciar, sentir o aplicar; para que eles possam ver que não é tão fácil. Acho que é mais ou menos isso. A teoria é sempre colocada com uma dose de humor, arte e brincadeiras, para que os alunos vivenciem e apliquem da melhor forma possível. Nunca levo conteúdo pronto, pois entendo que na supervisão tudo muda o tempo inteiro. (Elen Rose Paesante, 2019).

Os professores entrevistados da UNIT Maceió possuem diferentes olhares a respeito da dinâmica de supervisão no contexto acadêmico. Roberto descreve sua supervisão como “atípica”. Disse que dispensa as cadeiras, utiliza almofadas, ressaltando que um ambiente acolhedor é mais convidativo para que o aluno se expresse mais, admita erros e se aproxime de uma relação que ele denomina como “afetiva profissional”. O professor entende que em suas aulas os alunos não se sentem “amedrontados”, mas “convidados”, porque os vê como “colegas de formação”.

Eu vejo não só como uma supervisão para relato de caso, mas uma necessidade de aprendizado constante. Então muitas vezes eu digo a eles que a supervisão é uma escuta interessada; não é só o relato de caso, não é só você chegar aqui, expor quatro ou seis indivíduos, mas sim a escuta aprimorada, a escuta ao colega, o acolhimento, aquilo que (Carl) Rogers chama de ‘emergência segura do grupo’, para ele se sentir acolhido e para ele se expor também. [...] É uma relação afetiva profissional que se estabelece; lógico, tem critérios, tem formalidades, tem hierarquia, é uma relação respeitosa, mas também fluida, natural. Eles ficam à vontade para não só fazer o relato de caso, mas falar deles próprios enquanto situações. Então eles se sentem muito à vontade de dizer: ‘Professor, eu acho que fiz uma [sic]’, ‘professor eu acho que eu errei’. Eu me sinto muito confortável em vê-los realmente... respeitosamente se denunciarem, porque eu acredito que o processo de crescimento se dá dessa forma” (Roberto Lopes Sales, 2019).

Gabriela ressalta que o mais importante na supervisão é a “escuta”. Enfatiza que em suas supervisões são com oito alunos e cada aluno atende seis pacientes. Em quatro horas, portanto, precisa ouvir 48 relatos de atendimento. Contudo, nessas mesmas quatro horas, também precisa fazer a evolução do Sistema (SICS-Magister), que diz ainda estar se adaptando. Em sua opinião, o ideal seria supervisão individual, porque preocupa-se com a questão do sigilo. Porém, reconhece que há aprendizado na supervisão coletiva.

Eu estou agora passando por um processo de tentativa, tentativa mesmo, que eu acho que não consegui ainda, de adaptação à questão do sistema (SICS-Magister), porque penso que, para a supervisão, o essencial é a escuta que os alunos vão levar para supervisão. Somos profissionais da escuta; sabemos o quanto as pessoas vão aparecer justamente aí. Então para mim isso é o mais importante em uma supervisão: escutar. Os alunos vão trazer tanto... não é só a questão do relato da sessão, mas também vão trazer as interrogações, de como foi, como que ele está pensando a sessão agora, a dinâmica desse paciente que ele está atendendo. Então, eu tenho me dedicado a isso.

Não dá tempo de escutar tudo de todos os estagiários. Essa é a primeira questão que a gente vai aprendendo a manejar: a questão do tempo. Porque, para a Psicanálise que eu conheço, que eu trabalho, o ideal seria a supervisão individual. A gente sabe que o ideal está longe do que é possível aqui, mas acho que tem até alguns benefícios, no sentido de que, mesmo que o aluno não traga muitas questões hoje da supervisão dos casos, ele está escutando as pessoas, o que seu colega está trazendo para mim. Também tem a questão do sigilo dos dados dos pacientes, que entra cheque. Eu tenho hoje 8 estagiários, 4 horas aula para fazer a supervisão de estagiários. Tenho que estudar casos clínicos fora o tempo da supervisão e atualizar tudo no Sistema. Esse atualizar do sistema que eu ainda estou me adaptando (Gabriela Costa Moura, 2019).

Petruska e Gabriela já sinalizam desconforto com relação à burocracia e ao preenchimento do Sistema (SICS-Magister) nesse momento de suas falas, temas que serão abordados mais adiante.

De modo geral, os supervisores apresentam dinâmicas de supervisão distintas, mas que apresentam semelhanças entre aqueles que adotam abordagens teóricas similares ou próximas. Percebe-se que Elen e Roberto, ambos Gestalt terapeutas, tem afinidades entre suas atuações como supervisores. Elen construindo uma relação emocional com alunos, uma posição horizontal, trazendo inclusive casos de sua própria prática clínica. Roberto, de modo similar, considerando os alunos como colegas em formação, construindo uma relação que ele denominou de “afetiva profissional”. Algo similar acontece com Petruska e Gabriela. Adotando a teoria psicanalítica, ambas enfatizam o ponto de vista do aluno, visando construir um entendimento clínico a partir dessas percepções: a postura do aluno como ponto central para Petruska, e a “escuta” analítica para Gabriela. Kayse, por sua vez, deixa claro que prioriza os casos apresentados em sua objetividade, visando construir o entendimento clínico do aluno por esse viés. Tal conduta está em sintonia com a proposta da TCC, adotada por ela (RANGÉ, 2011).

Conforme os supervisores descreveram suas trajetórias e suas práticas, pode-se perceber que há uma tendência evidenciada por todos os supervisores com relação ao aspecto prático e experiencial da atuação de supervisão, conforme apresentado por Lima (2010), principalmente no caso de Elen e Roberto, quando se põem horizontalmente nas supervisões, com fins de descobertas mútuas e aprendizados constantes com os alunos. As demais supervisoras também seguem, ao seu modo, esta ênfase da prática, mas, concomitantemente, dão atenção especial ao aspecto teórico/academicista, quando relatam a deficiência ou “lacuna” na formação teórica dos alunos na graduação: TCC para Kayse e Psicanálise para Petruska e Gabriela.

Em princípio, os supervisores colocam a abordagem teórica como um processo de identificação e produção de subjetividade. A importância da abordagem teórica na prática do supervisor será melhor abordada a seguir.

3.1.3. Papel da abordagem teórica na prática de supervisão

As supervisoras da UNIT Aracaju divergem diante do papel da abordagem teórica em suas práticas de supervisão. Ora colocando como recursos que definem a conduta do supervisor, ora colocando como processo de identificação. Petruska define o papel da abordagem e das técnicas como recursos que evitam “a transgressão e o desrespeito”, e não “uma religião a ser seguida”. Expressa que, por vezes, percebe convergências e divergências entre as abordagens, mas que cada pessoa é única e pode ou não se adaptar às abordagens existentes. Destaca que o mais importante é o olhar e a afetividade do terapeuta diante do paciente/cliente.

Porque cada paciente é único, não dá para estabelecer um tipo de padrão comum para trabalhar com eles. Então eu respeito muito a intuição do aluno, e quando eu falo intuição, não estou falando de algo holístico, é da ordem do inconsciente. [...] Muitas das vezes o aluno diz: ‘professora, eu queria testar isso com o meu paciente.’ Aí eu pergunto ‘por que’ a ele, e ele responde ‘porque eu acho que o paciente é assim, assado’. Então tente, vamos ver o que dá, porque a hora de errar agora. (Petruska Passos Menezes, 2019).

Kayse expõe que a abordagem “define o olhar do supervisor”, mas quando há necessidade de usar técnicas de outras abordagens ela as utiliza, desde que seja para o benefício do paciente.

Procuro deixar bem claro como é que a abordagem trabalha. Eu tento mostrar para o outro, ou para o colega, ou para o aluno, o que a abordagem tem de princípio básico para que a gente possa conduzir os atendimentos agora. Se houver a necessidade, ou se o aluno quiser usar uma técnica de outra abordagem, desde que tenha fundamento, que seja para coletar alguma informação daquele caso, não me oponho.[...] Eu acho que a abordagem é primordial; acho que você tem que ter um referencial teórico que defina o seu olhar. É muito difícil você trabalhar com aquilo que você não acredita, então eu parto desse princípio. Eu falo isso para os alunos, tanto quanto para os colegas, quando você atende por uma abordagem que condiz com a sua visão de mundo, fica muito mais coerente, muito mais fácil você conduzir. Você trabalhar em uma abordagem que você não acredita, que você não vê a vida, e não vê o mundo daquela forma, eu acho complicado. (Kayse Luisa Carvalho Alcântara, 2019).

Para Elen, a “abordagem é mais que uma abordagem”, e a coloca como uma “filosofia de vida”. Percebe que o aluno que escolhe a Gestalt Terapia tem que compreender um pouco de como essa é vivenciada. Diz que, às vezes, sente um distanciamento do querer-fazer do aluno e o saber como vivenciá-lo. Elen busca compensar isso mencionando sua própria prática em consultório. Nesse sentido, Elen faz uma analogia da relação supervisor-aluno com a relação

terapeuta-paciente: ambas as relações se dão no processo de aliança, com autenticidade, espontaneidade e confiança.

É vivenciar mesmo, eu acho que eu venho tendo um retorno por parte deles em relação a isso, é vivência. Eu acho muito mais fácil aprender quando ela é vivenciada, quando ela é sentida [...] trazendo princípios da Gestalt Terapia para dentro dos espaços, para que possam ser vivenciados, e aí é bem mais fácil e eles acabam reproduzindo de maneira muito natural na relação com o paciente. (Elen Rose Paesante).

As três supervisoras adotam abordagens diferentes em sua prática. Petruska optou pela Psicanálise Freudiana desde sua graduação. Fez formação, especialização e terapia em Psicanálise. Narra que até a acessar leituras de autores como Melanie Klein, Bion, Winnicott, Lacan quando não encontra respostas em Freud. Faz também leituras de autores contemporâneos, como André Green, Thomas Hodges e Ivanize Fontes, que têm seus trabalhos pautados nos escritos de Peirre Fédida e de Didier Anzieu, todos da Psicanálise.

Kayse escolheu a Terapia Cognitivo Comportamental – TCC, mas, se houver necessidade ou se o aluno defender o uso de alguma técnica de outra abordagem que esteja no alcance da TCC não há empecilho para seu uso. A professora afirma ter conhecimento superficial da Psicanálise e da Gestalt e, por isso, utiliza a Terapia Cognitivo Comportamental como embasamento do seu trabalho em sala de aula, em supervisão ou no consultório, pois já fez vários cursos de especialização em TCC.

Elen relatou que sua abordagem de atuação é a Gestalt Terapia e destaca que há diferentes correntes dentro desta abordagem. Uma voltada para a filosofia e outras se voltam para os transtornos de personalidade. Diz que a Gestalt é ramo da abordagem Fenomenológica, segundo o autor Ponciano Ribeiro, e que mais importante é a sensibilidade de perceber o que o paciente está precisando naquele momento. Acrescenta que quando há um pedido do aluno para utilizar técnicas de outras abordagens, a exemplo da TCC, não há restrição, desde que esteja trabalhando a favor do paciente e que seja ajustado com ele.

Ambos os professores da UNIT Maceió expressam de maneira semelhante a importância da abordagem teórica em suas atuações. Roberto narra que sua escolha pela abordagem foi feita desde o primeiro período de graduação. Critica aqueles que não fazem escolha de uma abordagem específica ou se dizem “eccléticos”. “Quem utiliza todas as abordagens corre o risco de não fazer nada em prol do paciente. Ter uma abordagem é sinal de respeito ao outro”, diz. Roberto declarou ainda que, mesmo utilizando a Gestalt Terapia como abordagem, utiliza das técnicas da Terapia Cognitiva Comportamental -TCC e da Constelação Familiar. Relata que isso faz com que não se sinta “engessado”.

Desde o primeiro período até o décimo, décimo segundo período, quando era na minha época - e eu digo a eles -, uma pessoa que não tem uma abordagem, não tem uma compreensão de homem; ela nada pode fazer porque essa coisa de se dizer eclético beira a possibilidade de se não fazer nada. Você quer tudo, mas não faz nada. Então, ter uma abordagem, ter um seguimento, uma estruturação, um norteamento de compreensão de homem. Você fazer uma estruturação dentro da Gestalt Terapia ou da abordagem Centrada na Pessoa, dentro de um viés fenomenológico existencial compreensivo, e não puramente diagnóstico, mas que realmente tem uma estruturação, tem um respeito ao cliente. (Roberto Sales Lopes, 2019).

Por sua vez, a Professora Gabriela relatou que utiliza, além da teoria freudiana, a teoria lacaniana, enfatizando que os alunos veem muito pouco Lacan na academia.

Freud e Lacan. Desde a minha graduação o contato foi com esses dois teóricos. Então a minha formação também já foi buscada em cima desse direcionamento de estudo. É Freud e Jacques Lacan, que em alguma medida traz uma dificuldade para os alunos, porque os alunos mal veem. Eu acho que eles não veem na verdade Lacan, então, eu vou tentando traduzir para eles alguma coisa. (Gabriela Costa Moura, 2019).

Gabriela ainda considerou a escolha da abordagem como uma questão de “identificação” e de “transferência”. Ressaltou que escolheu a Psicanálise ainda no quinto período de sua graduação e recebe com estranheza o aluno que chega ao final do curso sem ter feito sua escolha.

Pela complexidade do campo, existe uma multiplicidade teórica, metodológica, filosófica e das práticas na Psicologia. Essa característica torna o ensino universitário em Psicologia uma tarefa igualmente complexa, que não atenderá a uma expectativa de formação única e uniforme, pois estaria em oposição à realidade desse campo de conhecimento, conforme assinala Figueiredo:

Formar é proporcionar uma forma, mas não é modelar uma forma. Ao formar estamos oferecendo um continente e uma matriz a partir dos quais algo possa vir a ser. Disciplinas formativas seriam aquelas que prioritariamente promovem a constituição de um ser-psicólogo. Ser-psicólogo é, por exemplo, saber lidar com multiplicidade sem recorrer às mais fáceis respostas à angústia que sempre nos acomete quando nos defrontamos com o indeterminado: o dogmatismo e o ecletismo. Ser-psicólogo é, também, saber dialogar com áreas afins - disciplinas biológicas e histórico-culturais – já que de uma forma ou de outra nos compete tratar de uma unidade psico-sócio-biológica. Assim sendo, estaremos sempre remetidos à dimensão epistemológica da nossa área de conhecimento. Mas ser-psicólogo é também ocupar espaços e posições na história e estar preparado para lidar com outras posições, para lidar com alteridades, o que nos remete à dimensão ética e política de nossa profissão. Em outras palavras, ser-psicólogo, independentemente das escolhas teóricas de cada um, implica em situar-se nos campos da epistemologia e da ética, não sendo jamais apenas um feixe de habilidades técnicas (FIGUEIREDO, 2004, p.14).

As narrativas dos supervisores indicam sensibilidade e propriedade quanto a essa problemática das abordagens na Psicologia. Assim, partem das suas disciplinas formativas, não se esquecem do campo da Psicologia, remetendo à dimensão epistemológica, mesmo com dimensões teóricas diferentes, pois não se trata apenas de habilidades técnicas, mas principalmente do conhecimento do comportamento humano, considerando os aspectos nos quais o sujeito está inserido, sua cultura, seus valores, suas memórias e o olhar e posição diante do mundo em que vive. Os diálogos dos supervisores ecoam no que Benjamin expõe como construção de novas modalidades de viver possibilitando a emergência de constituições subjetivas. Neste universo da Psicologia em que são tratados os diálogos e que certamente só ecoarão e farão sentido a quem estiver conectado a esse mesmo mundo. Podendo ser vistos como formações de significados contínuos no processo de formação dos alunos.

Petruska apresentou que as abordagens, além das diferenças, têm aproximações e cita a proposta do Núcleo Docente Estruturante de integrar as supervisões na UNIT Aracaju, tendo por foco o tipo de caso e de proposta prática de atendimento, principalmente. O mais importante para ela é a postura profissional. Não obstante, indica que uma abordagem teórica demarca “limites” de olhar e de atuação.

Para Kayse, é preciso aproximar a teoria das técnicas e se mostra aberta a utilizar técnicas comuns de outras abordagens, mas mantendo o rigor de sua leitura teórica. De forma semelhante, Roberto, ao criticar o risco de superficialidade no “ecletismo”, diz adotar técnicas de outras abordagens, “em respeito ao outro”.

Elen e Gabriela, por sua vez, abraçam suas abordagens considerando-as como uma “filosofia de vida” ou como resultante de “identificação e transferência”. Não demonstram, contudo, postura de segregação ou fechamento com relação a outros olhares teóricos. Desse modo, todos evidenciam de alguma forma que, inclinando-se para o “ecletismo” ou para o “dogmatismo”, a postura ética e técnica implica em uma leitura aberta e crítica das propriedades da teoria e da relação dialógica com a prática e com o outro.

3.2. Contribuições das disciplinas curriculares na prática do Serviço-Escola

Ensinar a Psicologia não é como ensinar outros conteúdos da cultura necessários à humanização dos indivíduos. O que torna essa atividade especial é que ela incide sobre quem a aprende em dois grandes aspectos. Primeiro, transmite os conhecimentos sobre como a subjetividade individual se constituiu ao longo da história e, assim, implica em estabelecermos

uma posição epistemológica, política e socialmente orientada sobre a história e a subjetividade. Segundo, ao ensinarmos e ao aprendermos a Psicologia, agimos sobre nós mesmos e nos constituímos sujeitos e objetos dessa mesma ciência, porque sabemos que esse ensino e essa aprendizagem, diferentemente daqueles oferecidos pelas outras ciências, versam sobre nós e se tornam os conteúdos e processos com os quais nos entendemos, explicamos e agimos em relação aos outros. (MELO-SILVA, 2005, p.26).

As três supervisoras de Aracaju têm posições ora divergentes, ora convergentes, quanto ao que deve ser priorizado na formação. Petruska coloca como prioridade na formação do aluno a prática de atendimento psicoterápico. Considera que o curso precisa de mais prática, de diferentes tipos, e logo no início da formação, se possível, e que as dificuldades do aluno, muitas vezes, são decorrentes da sua falta de vivência e, conseqüentemente, de experiência.

Prática! Eu vi uma coisa na medicina que me assustou. Quando fui dar uma palestra no curso de Medicina de Lagarto (SE) e me disseram que a medicina da UNIT é assim também: eles recebem o caso do paciente e se viraram para aprender. Você não tem aquela coisa seccionada do corpo; vou estudar aparelho digestivo, vou estudar sistema circulatório... eles têm que estudar tudo ao mesmo tempo, que eu acho que é uma loucura também, mas o ser humano é assim. Então, o que eu sinto muitas vezes do curso de Psicologia é que o conhecimento acaba se tornando fragmentado, não porque é passado fragmentado, mas porque a capacidade de recepção do aluno sem a experiência acaba tornando o processo fragmentado. Acho que o papel das Ligas Acadêmicas é muito importante nessa tentativa de meio termo. É para você chegar na prática, porque eu entendo que o problema não é passar. Isso aí é muito Bioniano, porque Bion diz que a experiência só se constrói com a vivência. Aquilo precisa fazer sentido para mim. Se aquilo não me transforma, se aquilo não tem o efeito de me modificar, não é aprendido. [...] Se a gente viesse trabalhando nisso do primeiro período, para quando chegar nesse processo de clínica eles já estarem de alguma forma, já com algum tipo de análise pessoal, com algum tipo de vivência, eu acho que seria mais rápido o aprendizado. Porque eu tenho que estar criando ferramentas para alguns alunos que não dão conta afetivamente de atender determinados pacientes e tem alguns que não dão conta de atender nenhum paciente, pelo nível de ansiedade que tem. (Petruska Passos Meneses, 2019).

Por sua vez, a supervisora Kayse coloca como prioridade o embasamento teórico do aluno com relação ao desenvolvimento humano; a divisão do currículo de maneira equitativa para técnicas e teorias; disciplinas que foquem na aplicação de testes psicológicos e a importância de bons estágios, ressaltando a relevância da prática.

Acho que o aluno precisa estar bem embasado a respeito de como se dá o desenvolvimento humano, como ocorre cada uma dessas fases teóricas [...] porque a gente vê muita demanda, por exemplo, de adolescente. Mas o aluno às vezes não entende por que o paciente está funcionando daquele jeito. Eu digo que o paciente funciona assim porque ele precisa da aceitação do grupo, então ele rejeita tudo que vem de casa e passa a andar, funcionar de acordo com o grupo, para que ele seja aceito dentro daquele grupo. Então, para mim, o aluno precisa saber e conhecer o

desenvolvimento humano, isso é fundamental (Kayse Luisa Carvalho Alcântara, 2019).

A supervisora Elen percebe como “divisor de águas” a chegada dos alunos no Estágio Específico, em Clínica. Dá primazia a um “olhar mais humanizado” para os alunos durante os quatro anos de aulas teóricas, pois eles “irão passar uma vida cuidando de humanos”. Afirmo que, por priorizar questões humanas, deixa de lado as questões burocráticas, e foca na “ética humana” em suas supervisões. Destaca que tal postura ensinaria ao aluno a fazer da mesma forma na sua prática profissional.

São quatro anos na academia onde eles têm que seguir um padrão de funcionamento. E de repente, quando chegam na Clínica, eles ficam mais soltinhos, mais profissionais. Eles esticam o pescocinho. Mas eu acho que precisa ser trabalhado na academia o ser humano, que muitas vezes o aluno chega na Clínica destroçado; ele chega na Clínica às vezes decepcionado com o curso; chega na clínica cansado, maltratado. Não sei se é da própria academia, pelas cobranças, mas às vezes olhar mais para esse aluno como humano, já que ele vai ter que passar a vida dele trabalhando com seres humanos, ele precisa se perceber, e a sensação que eu tenho à partir do relato deles é que eles não são vistos como seres humanos, com amorosidade, com carinho. É o que eu tento fazer na Clínica e acho que é questão ética. A gente às vezes deixa passar muita coisa. Acho que eles precisam da ética humana mesmo, enquanto pessoa, enquanto profissional, para poder trazer para a prática. (Elen Rose Paesante, 2019).

As supervisoras da UNIT Aracaju divergem em suas narrativas com relação às disciplinas da estrutura curricular que dialogam mais com a prática psicoterápica. A seguir veremos o entendimento de cada uma de acordo com suas práticas.

Petruska considera que todas as disciplinas são importantes e que o grande desafio da educação é integrá-las, uma vez que são vistas de maneira fragmentada. Conclui que não há uma mais importante que a outra e que todas são essenciais ao processo de formação do aluno.

Eu acho que tudo. Eu não consigo ver a Psicologia como uma coisa só. Veja, eu estou falando para você de atendimento clínico institucional. Envolve Saúde Mental, envolve Psicologia Social, envolve Psicologia do Trabalho e envolve Teoria Clínica. Só isso já é muito e ainda digo mais, que ainda acho que envolve a parte biológica todinha, porque eu digo muito para eles: veja, vocês tem que entender de Psicofarmacologia e vocês tem que entender de funcionamento humano, porque um paciente que chega com depressão pode estar com hipotireoidismo; 25% das mulheres acima de 40 anos vão ter hipotireoidismo. Então, se você está atendendo uma paciente que está acima dos 40 e vem com diagnóstico, pode ser diagnóstico de depressão, você tem que perguntar se o exame dela está em dia. Então não dá para você separar ou sentir as coisas de dentro do ser humano, ignorar o corpo diante disso; uma pessoa que não faz atividade física, como é que ela vai ter prazer sem a liberação de endorfina? Além de toda conjectura e rigidez que ela se coloca, assim como eu penso que a mente faz o corpo, então você veja que tem pessoas com a mentalidade muito rígida, você vê que o corpo é rígido, o corpo se expressa, a mente se expressa no corpo e o corpo se expressa na mente, eu não tenho como separar isso, então não tem disciplina melhor ou disciplina mais próxima do que a outra. Elas precisam estar integradas de alguma forma, e aí é o desafio da educação, porque não dá para ensinar

tudo de uma vez só e os professores não dão conta também de aprender tudo. (Petruska Passos Meneses, 2019).

Por outro sentido, Keyse aponta duas disciplinas como sendo fundamentais: a Psicologia Social e a Psicologia do Desenvolvimento. A primeira ela justifica que, para a aplicação de qualquer técnica, o aluno ou profissional de Psicologia precisa identificar as questões referentes ao contexto social que o paciente vive. E a segunda coloca como muito relevante para o processo de formação.

Acho que é fundamental que o aluno tenha conhecimento de todas as abordagens, porque eu senti uma falha na minha formação, porque eu tive uma base muito grande na Psicanálise e eu fui conhecer a TCC, por exemplo, que é a minha abordagem, como uma disciplina que era dividida com outra disciplina. Metade do semestre era TCC e a outra metade era outra abordagem. Desse jeito fica o conhecimento quebrado! No meu único contato com a abordagem TCC, quando escutei a abordagem, eu pensei: é nisso que eu acredito! Foi no primeiro semestre, e eu passei a faculdade toda estudando Psicanálise. Então eu acho que isso tinha que ser melhor de dividido; técnica; disciplinas que foquem a questão de aplicação de testes psicológicos também são importantes porque, às vezes, eles não sabem o que eles estão aplicando; não sabem ler o manual. Então eu acredito que essas disciplinas também são importantes e a questão dos estágios; a disciplina de estágio também são importantes. (Kayse Luisa Carvalho Alcântara, 2019).

Para Elen, todas as disciplinas que trabalham com relatos de casos clínicos são tidas como mais importantes. Ressalta que abordagem da Gestalt é pouco vista nas disciplinas e que isso dificulta o aprendizado. Enfatiza que, sempre que recebe um convite para participar de alguma aula, ela aceita para que os alunos aprendam mais sobre a abordagem.

Está tão distante para mim, porque faz tanto tempo que tive contato com o currículo, mas o que eu vejo os alunos comentarem muito é sobre algumas disciplinas onde eles podem trabalhar estudo de caso. A própria abordagem da Gestalt Terapia não é vista de uma forma plena dentro da academia. Alguns veem de forma pincelada, em uma aula ou duas aulas no máximo. Eu tenho dado muitas aulas e às vezes o que eles veem é o que eu estou levando, porque eu levo durante duas horas de aula, então muito pouco é visto. Não sei em relação as outras abordagens, como é que é feito isso, mas em relação à Gestalt Terapia eles não veem. Muitos vêm para cá porque já leram algo por fora, muitos vêm por conta do que contam para eles, muitos vêm porque assistiram uma fala minha e muitas vezes se encantaram; então muitos vêm porque acham que é isso, porque não se identificaram com nenhuma outra. Então eu acho que a prática, estudar mais a Gestalt Terapia dentro da academia, estudos de casos clínicos, acho que aproximam mais de uma prática. (Elen Rose Paesante, 2019).

As três supervisoras possuem opiniões distintas quanto a articulação das disciplinas com a prática de estágio. Petruska propõe uma integração entre os professores das disciplinas e os

professores da prática clínica. Reuniões regulares que promovam integração do que é estudado com a prática.

Se esses alunos viessem sendo trabalhados de alguma forma, por algum tipo de vivência; não vivência psicodramática, em sala de dinâmica de grupo, mas de estágios, desde o início, eu acho que quando eles chegassem na Clínica estariam mais bem preparados. Eu sinto a maior cisão no curso de Psicologia, porque eles vêm cheios de teoria, mas eles têm muita dificuldade de ver na prática isso, e às vezes um ano só não dá. (Petruska Passos Meneses, 2019).

Kayse destaca que o exercício constante da prática é a melhor maneira de articular as teorias vistas em sala de aula com a clínica. Diz que, ao se deparar com o paciente, o aluno tem a oportunidade de vivenciar na prática o que viu apenas em teoria. Dá como exemplo o fato de perceber muitas vezes que o aluno conhece as técnicas na teoria e sentem ansiedade ao aplicá-las. Complementa dizendo que coisas básicas da prática do TCC não são aprendidas em sala de aula, a exemplo de: pensamentos automáticos, crenças intermediárias, crença central, registro de pensamento disfuncional e distorções cognitivas, que são conceitos operatórios desta abordagem.

Acho que é fazendo a prática o tempo todo. O aluno olhar o paciente e buscar fazer essa relação com aquilo que vivenciou lá na graduação. No caso da TCC, querendo aplicar a técnica, eu digo assim: a gente precisa ter um olhar desse paciente como um todo[...] se eu aplico um teste no paciente, se vai ser aplicado um teste, eu tenho que olhar, eu tenho que saber articular aquilo que eu aprendi lá com a prática, e tem alunos que não sabem fazer isso. (Kayse Luisa Carvalho Alcantara, 2019).

Para Elen, a atuação do Estágio Básico contribui bastante para associação com as atividades da Clínica. As disciplinas de Psicopatologia são bem comentadas na supervisão, embora reforce que depende muito do interesse de cada aluno. Conclui dizendo que os alunos que fizeram iniciação científica na graduação costumam realizar com mais facilidade os seus relatórios de estágio e os artigos exigidos. Elen sugere mais prática de pesquisa na graduação.

Alguns trazem um conhecimento amplo sobre princípios de patologias vistos em sala de aula. Eu acho que é uma questão pessoal, talvez aquele aluno que goste mais daquela área, então eu percebo que vem e traz muito conteúdo e ficam muito presos. E aqui, na prática da Gestalt, a gente acaba desconstruindo um pouco, não porque não são relevantes as patologias, mas porque a gente acaba se detendo muito mais ao “ser” do que ao “sintoma”. Alguns alunos buscam muito por conta própria; eles mergulham e, quando chegam aqui na clínica, a gente já diz que estão quase prontos! São aqueles alunos que se dedicaram mais, que leram mais, que participaram de grupos de estudo, participaram de pesquisa. É lindo corrigir um artigo de um aluno que participou de pesquisa; o artigo vem pronto. Então sugiro praticar mais pesquisas. (Elen Rose Paesante, 2019).

Todas as três supervisoras concordam que existem deficiências na formação dos alunos. Petruska aponta que a deficiência do aprendizado do aluno depende do tipo de relação que ele tem com o professor. Diz sentir essas deficiências nos relatos dos alunos quando os ouve falando dos professores que gostam e das disciplinas que estes lecionam. O contrário também ocorre quando não há afeto entre o aluno e o professor e, conseqüentemente, não há interesse pela disciplina. Ressalta que o aprendizado acontece quando há uma identificação com o professor e a imaturidade do alunado com relação à densidade do curso de Psicologia. Enfatiza a necessidade de terapia pessoal como recurso para enfrentar as deficiências do aluno e destaca a presença de possíveis transtornos mentais entre os alunos de Psicologia. Segundo a supervisora, as patologias presentes, ou mesmo uma “falha de caráter” do aluno, podem impossibilitá-lo de se “afetar com o que o paciente traz”, dificultando o processo psicoterápico e a possível melhora do paciente.

Mas o amor que o professor tem pela disciplina é muito importante para transpor isso para o aluno. Tanto que os professores que são mais dedicados você vê que tem um brilho no olho naquilo que está ensinando. O aluno meio que absorve aquilo e vai pegando também. Isso infelizmente não é para todo professor; não é todo mundo que tem esse brilho no olhar, mas eu vejo que assim o aprendizado se dá mais para aqueles professores que o aluno se identifica, e que aí você tem até fã clube de professor (risos). Por causa disso, às vezes alguns atritos com professores são necessários, porque a gente assume também um papel de pai e mãe educador. E nesse sentido vai ter confusão também, mas depois de um tempo o aluno também agradece, no processo de educação, quando ele sai sentindo que aprendeu mesmo discordando de você. Na Psicologia é um amadurecimento também, então você tem que amadurecer junto com o curso, porque não é um curso técnico, é um curso de ‘ser’. Então o aluno tem que ir amadurecendo também. A gente pede muito para que os alunos façam terapia; quantos professores estão em processos psicoterápicos independente da abordagem. [...] Minha preocupação maior em relação ao aprendizado do aluno está muito mais ligada ao que o professor está fazendo, do que como o professor está ensinando. (Petruska Passos Meneses, 2019).

Kayse observa que alguns alunos não estudaram a TCC nas disciplinas teóricas e que, ao chegarem no estágio, não sabem o que fazer. Escolhem a TCC, diz, por pensarem ser mais fácil.

Eu vejo que muitas vezes eles estão procurando abordagem pelo que eles acham que gostam e talvez pelo que eles acham mais fácil, porque se tem toda uma ideia que a TCC é uma ‘receita de bolo’, e aí quando eles chegam lá, que eu começo a questionar, eles ficam meio perdidos sem saber o que fazer. E aí uma das coisas que eu exijo é que eles estudem para me dizer o que é que ele pretende fazer na sessão seguinte com paciente. Antes de eu dizer o que eles vão ter que fazer, eu quero que eles me digam o que eles pensaram em fazer, e aí me incomoda muito quando o aluno diz: ‘eu não pensei ainda o que fazer’, e aí eu chego e mando: vá ler sobre isso; se for um caso de ansiedade social, vá ler sobre ansiedade social. (Kayse Luisa Carvalho Alcântara, 2019).

Já Elen considera que uma minoria chega com “deficiências gritantes”, inclusive relacionada à escrita. “Não sabem nem o que é ABNT”, diz. “Alguns alunos são bons na escrita, mas não sabem olhar para o ser humano”. Percebe essa deficiência no fim do curso e se pergunta como isso não foi visto antes. Por fim, expõe a falta de psicoterapia pessoal dos alunos como uma deficiência na prática clínica, compreendendo como contradição o fato de o aluno atuar como terapeuta sem nunca ter estado do “outro lado”.

Às vezes escreveram há tantos anos e chegam aqui na Clínica sem a menor noção; a noção de olhar para o ser humano. Durante toda uma graduação, parece que só estuda uma coisa. Uma vez, eu conversando com alguém sobre a questão da Medicina: você passa anos estudando cadáveres e de repente você vai lidar com gente. Então o aluno da Psicologia passa quatro anos lidando com papel, lidando com relatos e, de repente, quando vai lidar com gente, parece que está lidando com algo novo. [...] Eu acho que, no decorrer da graduação, algo que eu venho questionando é a prática da terapia pessoal. Não sei se como exigência, mas eles começam a fazer a terapia pessoal dentro da Clínica. Hoje um aluno falou assim para mim: ‘a minha terapia é a minha música’. Aí eu disse: você jamais vai dizer isso para um paciente, jamais vai levar isso para fora, porque a música é terapêutica, mas a música não pode ser a sua terapia, você enquanto psicólogo! Eles precisam sentar no lugar do paciente para poder entender o que acontece com o paciente. [...] Como é que vai trabalhar com a terapia se não experimentou antes? Não sei como é que seria, talvez, passar pela clínica enquanto paciente, não é? Ter um pequeno experimento, uma vivência, mas talvez uma atividade de role-play, não sei qual tipo de atividade poderia ter na academia para que a clínica não fosse tão assustadora, tão distante. (Elen Rose Paesante, 2019).

No entendimento dos professores da UNIT Maceió, o que deve ser priorizado na formação dos profissionais de Psicologia é a análise pessoal ou a psicoterapia. O professor Roberto considera também como importante a participação em congressos e seminários. Descreve que mais importante é prática ao longo da formação.

Eu acho fundamental a qualidade do trabalho do psicólogo ao longo da formação dele. Ainda bem, eu não me sinto defasado com relação a esse aspecto, porque eu sou um dos poucos professores citado por eles que realmente fazem as técnicas fenomenológicas, as técnicas vivenciais, o experimento em Gestalt Terapia, a dinâmica de grupo, as técnicas... Então eles se sentem muito confortáveis comigo. Eles dizem assim: ‘professor, quando a gente vai te ver?’ Porque muitos deles me viram só no primeiro período. Sou um dos professores que enfatizam bastante a psicoterapia, a necessidade de psicoterapia desde o primeiro momento, a necessidade, logicamente, de ter uma base teórica, uma abordagem, um curso de formação. Eu digo que a faculdade é uma base; ela é um alicerce, mas que na verdade a gente se diferencia ao longo dela. Estágios, a leitura, uma escuta aprimorada, a ida realmente a congressos, seminários, palestras, que na minha época era muito difícil, mas hoje você troca um quilo de alimento por uma palestra; então eu acho indiscutível você não ir para algum local assim. (Roberto Lopes Sales, 2019).

Gabriela enfatiza ainda mais a psicoterapia na boa formação do aluno, considerando uma condição *sine qua non*. Acha muito contraditório um aluno de Psicologia nunca ter passado por uma psicoterapia.

Primeiro ponto é a dificuldade de os alunos fazerem o seu próprio trabalho de análise pessoal, de psicoterapia. Eu estou com estagiários que estamos trabalhando isso. Toda a supervisão eu ‘puxo a orelha’, simbolicamente, com relação a isso. A gente vai fazer o quê? Eu acho que esse é o grande gargalo do Curso de Psicologia no geral e, principalmente, para a formação crítica. Pensando no estágio de Psicologia Clínica, como é que alguém vai atender sem nunca ter se escutado, me diga? Eu fico sem entender. Eu não entendo, e ao mesmo tempo, o que é que a gente pode dizer? A gente fica meio que de mãos atadas; eu sou aquela professora que bate nessa tecla em todas as disciplinas”. (Gabriela Costa Moura, 2019).

De acordo com as narrativas dos supervisores a psicoterapia, aderida pelos alunos em formação, pode contribuir com a evolução dos alunos em diferentes frentes no processo de formação. Tal afirmativa tem ressonância na teoria de Karasu, citado por Cordioli (2018), que conceitua os agentes de mudança comuns às diversas psicoterapias englobando três itens de mudanças que seriam benéficas para a prática do fazer psicológico do aluno no processo de formação. São eles: Experiência Afetiva; Aumento de Habilidades Cognitivas; Regulação do Comportamento. A Experiência Afetiva se refere a quebra de dos mecanismos de defesa e consequentemente das resistências que pode proporcionar um descongelamento e promover as catarses, expressões de afeto. O Aumento de habilidades cognitivas: contemplará a aquisição e articulação de novos padrões e identificações de percepções e pensamentos que levarão a compreensão e si mesmo. A Regulação do comportamento está voltado para as questões da aprendizagem referente ao controle de ações de hábitos e, consequentemente, mudanças de comportamento. Esse processo existe em todas as terapias.

Segundo essa teoria, as diferentes psicoterapias realizadas em diferentes abordagens acessam distintas combinações desses três denominados agentes terapêuticos que podem ser aplicados com diferentes e diversas técnicas e em graus diversos de alcance. A teoria defende que cada abordagem terapêutica, com suas especificidades, focaria mais um ou outro desses três elementos, que podem simultaneamente reforçar-se e complementar-se.

Por fim, o que está como prioridade no processo de formação dos alunos para a maioria dos supervisores é a adesão da psicoterapia pessoal colocada como recurso para compreender os processos e fases da psicoterapia além do âmbito teórico.

Com relação às disciplinas da estrutura curricular que mais dialogam diretamente com a prática psicoterápica, professor Roberto percebe as disciplinas como uma “teia sistêmica”, entrelaçada com as práticas. Relaciona as disciplinas Processos Psicológicos Básicos, Matrizes

da Psicologia, Técnicas de Entrevista e os estágios como mais importantes. Lamenta que disciplinas como Sexualidade e Psicossomática tenham passado para a modalidade *on-line*, e que os alunos conhecem pouco a teoria junguiana, abordagem criada por C.G. Jung como uma continuidade e um contraponto da abordagem psicanalítica.

Para Gabriela, as disciplinas Matrizes do Pensamento Psicológico I, Teorias e Técnicas Psicoterápicas - TTP, são fundamentais. Acrescenta que as disciplinas que fazem uma discussão com questões psicopatológicas, que trabalham o normal e o patológico, e disciplinas que fundamentam uma Avaliação Psicológica tem muita importância também.

Os entrevistados divergem com relação à articulação dos conteúdos vistos nas disciplinas com as práticas de estágio. Roberto entende que essa articulação já vem sendo feita com a disciplina Práticas Integrativas, que envolve professores que ministram aulas nos primeiros e nos últimos períodos. Considera que essas aulas são recursos para associar os conteúdos vistos em sala de aula com as práticas de estágio.

Muitos professores, um coordenador anterior e essa nova coordenadora do Curso também, tinham muito a ideia de fazermos trabalhos conjuntos. Eram dois ou três professores que faziam alguns trabalhos. Nós temos jornadas de casos, que hoje mudou a formatação para um outro viés, mas como prática integrativa, que tem em várias UNITS. Os alunos dos primeiros, segundos, terceiros, oitavos, décimos, enfim... de todo o curso, eles vão ouvir os colegas falando os casos clínicos. É uma coisa que na minha época não existia; na época de muitos dos meus alunos não existia, que era aquela ideia do que eu vou fazer futuramente, daqui há oito, nove períodos, e eles ficam embevecidos de tanto material. Às vezes eles não entendem, embora outros colegas tencionam assim, serem o mais claro possível, mas eles aos poucos vão progredindo”. (Roberto Sales Lopes, 2019).

Gabriela, por sua vez, compreende como uma lacuna para essa articulação os conteúdos que não são vistos nas disciplinas, mas que são importantes, como a teoria de Lacan. Reforça que precisa ter um cuidado a mais com o manejo para fazer o aluno compreender Freud a partir a Lacan e que há a necessidade de trabalhar a teoria desde o início. Outra lacuna apontada por ela refere-se à disciplina Matrizes do Pensamento Psicológico, introdutória, ministrada no segundo período, ter apenas quarenta horas. Por outro lado, a disciplina Teorias e Técnica Psicoterápicas – TTP é ministrada apenas no oitavo período.

É a primeira lacuna a questão do Lacan, que eu falei antes, e que eles não veem. Eu tenho todo um cuidado e um manejo para estar ajudando a eles a fazer essa leitura do Freud a partir do Lacan. Eu realmente tenho que estar trabalhando teoricamente com eles desde o início, porque a gente encontra lacunas. Primeiro a disciplina de Matrizes era introdutória, no início; agora ela está no terceiro ou no segundo período, se não me engano, e ela é muito curtinha. Assim ela contempla no total 40 horas; é bem curtinha, mas é uma disciplina muito importante. E TTP, eu acho que é no oitavo. (Gabriela Costa Moura, 2019).

Roberto e Gabriela concordam que há deficiência na formação do aluno. Gabriela prefere chamar de “lacunas” ao invés de “deficiências”. Retoma a questão da falta de análise pessoal por parte dos alunos como uma lacuna na formação. Diz perceber algumas questões que precisam ser trabalhadas pelo aluno em terapia e prefere chamá-lo em particular, sempre oferecendo alguém que o aluno possa procurar para fazer terapia. Destaca que talvez por ser da área da Psicanálise estaria sendo mais enfática neste ponto.

Deficiência.... eu não sei. Acho ‘deficiência’ muito forte, mas eu acho que talvez haja algumas lacunas aí. Mais uma vez eu volto para a questão do trabalho pessoal, da análise pessoal, da psicoterapia do aluno. Eu penso que se ele escolhe o Estágio em Clínica, você tem que ter passado ou estar passando por esse processo psicoterápico. Eu acho que isso conta muito, e as questões vão aparecer na supervisão. Eu já tive analisando e, vez ou outra, na supervisão de “fulano”, eu chamo e falo: ‘quero falar com você no final’; ‘olha, só estava vendo isso que você trouxe hoje em supervisão, me parece que existem algumas questões suas’. Logo, vem a confirmação: ‘é professora, tens razão’. ‘Quer que eu te passe o telefone? Eu ligo e te indico’. Essa lacuna na formação eu acho que é mais prejudicial para Psicanálise. Talvez eu esteja sendo mais específica por ser Psicanálise, eu acho que a gente tem poucas discussões teóricas sobre a Psicanálise nas disciplinas. (Gabriela Costa Moura, 2019).

Gabriela coloca que haveria poucas discussões teóricas sobre a Psicanálise nas disciplinas do curso. Roberto, por sua vez, entende que deveria ser uma exigência do Conselho Federal de Psicologia o aluno de graduação em Psicologia se submeter à psicoterapia. O professor ressalta ainda que uma outra deficiência são os poucos trabalhos práticos voltados para as vivências dos alunos. Essas práticas colocariam o aluno na condição de cuidar de si antes de cuidar do outro.

Eu acho que uma das deficiências é a questão do pouco trabalho prático. Com relação ao aspecto vivencial do aluno, o aluno de Psicologia é um aluno diferenciado; é um aluno que tem uma situação muito positiva, que é trabalhar ‘nossa casa interna’ primeiro, para depois trabalhar a casa interna do outro. Enquanto os outros profissionais vão construir a casa do outro para depois eles construírem as casas deles, nós começamos por nós mesmos. Isso é um fator muito positivo, mas alguns negligenciam. Às vezes, isso raro de acontecer, mas às vezes chegam determinados alunos no oitavo período de nunca ter feito psicoterapia. Eu penso que a gente poderia amarrar mais em relação a isso, apesar de conscientizarmos continuamente desde o primeiro período, mas muitos chegam assim. Acho que poderia ser uma determinação formatada no curso, uma exigência mesmo, junto ao CFP- Conselho Federal de Psicologia e/ou do Conselho Regional de Psicologia -CRP/AL. (Roberto Sales Lopes, 2019).

Os supervisores confluem com relação a considerarem que atividades de ordem prática devem ser priorizadas na graduação, de modo constante e com início já nos primeiros períodos. Sinalizam que os alunos apresentam pouca base, com relação à leitura teórica da abordagem

adotada no estágio, com relação também à pesquisa e até à escrita. Não há um parâmetro único que pareça nortear essa escolha das disciplinas entendidas como mais importantes na formação do aluno. Nem propriamente diferença expressiva identificável entre as posturas dos supervisores de Aracaju e de Maceió. Em linhas bem gerais todos sinalizam que falta maior integração entre as disciplinas e os estágios. Isso chama a atenção, em especial na UNIT Maceió.

Entre as duas IES pesquisadas há diferença quanto ao supervisor de estágio fazer parte ou não do corpo docente propriamente dito. Na UNIT Maceió, são professores da casa que assumem também a função e o papel enquanto supervisor. Na UNIT Aracaju, por outro lado, desde o segundo semestre do ano de 2018, o supervisor de estágio é contratado especificamente para essa função e não ministra aulas no curso de graduação.

É praticamente unânime entre todos os supervisores entrevistados a ênfase na necessidade de o aluno de Psicologia se submeter à psicoterapia ou análise pessoal. O supervisor Roberto, inclusive, considera que o Conselho de Psicologia deveria tornar um requisito obrigatório na formação do psicólogo.

Quanto a isso, o Conselho Federal de Psicologia recomenda, independente da área de atuação ou abordagem, que o aluno faça supervisão após a sua formação. Esse entende que a prática clínica nos Serviços-Escola durante o último ano de formação pode não ser satisfatória para muitos, podendo o aluno sair inseguro, ou inexperiente para a condução de alguns transtornos, ou faixa etária, como atendimento infantil, ou atendimento a idosos. A continuidade das supervisões após a formação dará maior segurança ao recém-formado, bem como, do mesmo modo a psicoterapia pessoal, proporcionará mais compreensão dos conflitos e promoverá possíveis experiências.

Com isso, é possível compreender que a experiência proporciona uma transformação no comportamento que vai além do aprendizado individual de cada um, perpassando para as relações coletivas a possibilidade de novas criações e percepções. Segundo Hanns (2004), o ato de fazer terapia aciona temas cruciais para quem busca e admite a necessidade de ajuda psicoterápica. Apresenta que a terapia não está destinada apenas a aqueles que possuem casos complexos, mas também para pessoas que se encontram em transição, mudanças em suas vidas familiares e afetivas, referentes ao matrimônio, aos filhos, a vida profissional em crise. Tais conflitos poderão ser agravados caso a ajuda não seja capacitada para este tipo de atendimento.

De acordo com Bollas (1992) o aluno que se dispõe a fazer uma boa análise, ocupa um lugar privilegiado acerca de sua personalidade e dos seus conflitos, dando a ele uma compreensão da forma de elaboração desses problemas, adquirindo uma percepção de que seu

verdadeiro *self* contribuirá para firmar a suas relações profissionais e pessoais. Anzolin e Silveira (2003) corroboram:

O psicólogo precisa pensar na sua saúde mental e na necessidade de fazer terapia pessoal, o que não pode ser imposto. Mas deve-se associar o tratamento pessoal a um valor tão forte que o próprio aluno busque sua terapia e entenda que, para se colocar como um psicólogo, para trabalhar no crescimento das pessoas e nos relacionamentos, é preciso que ele mesmo se desenvolva pessoalmente (ANZOLIN e SILVEIRA, 2003, p.13).

Anzoline e Silveira (2003), portanto, compreendem uma necessidade de existir uma espontaneidade frente ao reconhecimento da necessidade de fazer terapia como parte fundamental para o desenvolvimento primário de sua atitude terapêutica. Nessa mesma perspectiva, Aguierre et al. (2000) aposta que a formação para essa atitude clínica está firmada em três pilares: psicoterapia pessoal, conhecimento teórico e prática clínica supervisionada. Tais fatores estão imbricados e ligados, pois, o sentido do conhecimento teórico se dá, de maneira internalizada e processada, quando o indivíduo tem conhecimento do seu mundo subjetivo e se apropria dos recursos pessoais reconhecidos no entendimento e compreensão dos processos psíquicos, deste modo, o objetivo da supervisão teria duas funções relevantes: a primeira seria a integração do conhecimento teórico com o autoconhecimento e a outra, e tão importante quanto, é fato de que os supervisores muitas vezes ocupam o lugar de referência a ser seguida, podendo ser aquela pessoa que você quer ser quando crescer.

O próximo eixo irá discorrer sobre as práticas de atuação no Serviço-Escola e suas reverberações para a formação do Psicólogo.

3.3. A importância da atuação no Serviço-Escola para a formação do psicólogo

As preceptoras têm percepções distintas quanto as principais demandas encontradas pelos profissionais de Psicologia. Petruska apresenta o tempo como o principal desafio a ser enfrentado pelos alunos de Psicologia. Infere que um ano não é suficiente para ensinar a prática clínica e, por essa razão, ela sempre convida algum profissional da Psicanálise para participar de suas supervisões, com o objetivo de mostrar outras maneiras de atuação.

É um ano para fazer a mágica de transformar alguém que às vezes nunca botou o pé no processo psicoterápico pessoal, que eu penso ser o que mais ensina para atender outras pessoas. Temos aí um grande risco para nossa profissão, porque aí é quando a gente começa a encontrar gente fazendo absurdos, porque entra naquela questão de achar que o que está fazendo é ciência; e o ‘achismo’ vira ciência. Vai fazendo na

intenção de que está certo o que está fazendo bem quando, na verdade, como eu tinha dito, a teoria e a técnica servem como parâmetros para a gente; para ajudar até onde a gente pode ir, até onde não é interessante ir.[...] Tem que continuar estudando, tem que estar em um grupo de estudo, tem que estar fazendo supervisão e tem que estar em análise, principalmente no meu caso, que é Psicanálise. [...] Um outro conflito que eu entendo no mercado de trabalho, - que eu acho que é legal a UNIT tenta quebrar isso, mas os próprios professores não entendem - é essa cisão que existe entre as linhas teóricas. Então quando o NDE trouxe a proposta da gente não fazer o diagnóstico do tipo de intervenção pela linha teórica, mas pelo tipo de trabalho que se vai construir independente da linha teórica, as outras supervisoras não entenderam isso. E isso vai se refletir nos alunos e quando eles saírem, o que a gente vai ter de 'igrejinhas', a igreja do Psicodrama, a igreja da Gestalt, a igreja do TCC, a igreja da Psicanálise. Todas as preceptoras da UNIT Aracaju têm uma dificuldade muito grande; eu sinto que existe uma dificuldade muito grande de entender que você pode inter-relacionar as coisas e aprender. Tanto que a proposta de fazer a supervisão integrada, que a gente fez com a Gestalt e iria fazer com o TCC, que não deu para fazer semestre passado e talvez a gente fizesse nesse, era justamente para desconstruir essa crença de que são coisas totalmente distintas e separadas, e que, às vezes, parecem como se fossem profissões diferentes. Do tipo 'eu não sou psicóloga, eu sou psicodramatista', 'não sou psicólogo, sou psicanalista', e isso às vezes eu acho que limita o aprendizado (Petruska Passos Meneses, 2019).

A afirmação da supervisora Petruska faz referência direta ao papel do supervisor junto ao aluno, independentemente de abordagem adotada. Este trabalho em conjunto deve ter como primazia o reconhecimento da natureza do objeto da psicologia clínica; cuidar de conteúdos subjetivos com objetividade e sem julgamentos, e também conduzir os fenômenos psicológicos que aparecem em torno do processo. Ainda faz parte desse processo de formação reconhecer as pontes do reconhecimento, garimpar as diferenças teóricas, ter uma abertura para fazer e promover o diálogo entre outras áreas, reconhecer as diferenças sem propor unificações para generalizar o que não comportará dimensão da subjetividade humana e a produção de subjetividade (FIGUEIREDO, 2004).

Kayse, por sua vez, considera que a maior demanda a ser atendida, tanto no Serviço Escola quanto em seu consultório, é o número alto de casos de ansiedade. Muitos adolescentes com casos de autolesão, ideação suicida e depressão.

A meu ver, o que mais chega, tanto no serviço da Clínica Escola como no consultório, é caso de ansiedade, auto lesão, adolescente com auto lesão, adultos com autolesão, ideação suicida e depressão. Se eu pudesse listar quatro, eu diria que esses quatro é o que se está mais presente; chega com muito mais frequência. (Kayse Luisa Carvalho Alcântara, 2019).

Segundo a narrativa da professora Keyse, transtornos de ansiedade e transtornos depressivos estão entre os transtornos mentais mais recorrentes nos Serviços-Escola e em consultórios particulares e por isso opções de tratamentos mais breves e efetivas são cada vez mais necessárias. Kayse, ao adotar a TCC como abordagem clínica, pretende estar em sintonia

com essa urgência. Segundo Beck (1997), a Terapia Cognitiva Comportamental apresenta resultados positivos e promissores para o tratamento eficaz desses transtornos.

Elen também considera o grande número de pessoas com ideação ou tentativa de suicídio e depressão atendido pelos alunos como uma demanda que afeta o desempenho deles. No entanto, compreende como principal demanda a angústia trazida pelos alunos em relação à dificuldade para entrar no mercado de trabalho.

A primeira coisa que percebo por eles é uma angústia muito grande. Eu tive alguns casos agora, exatamente assim. O cliente que chega com uma queixa de não saber o que fazer, e eles estão no momento de não saber o que fazer, então choca demais! Aí eu estou vivendo uma angústia de partir de uma prática, para uma angústia de partir para o novo. Angústia de entrar no mercado de trabalho. Isso acaba chocando muitas vezes entre aluno e paciente. O que a gente vem observando demais na clínica são essas questões relacionadas a auto lesão, a tentativa de suicídio, a depressão, quadro de ansiedade. Todos os quadros de ansiedades são as maiores demandas, e aí mobiliza demais o aluno, porque já se chega com algo que é em relação a vida; é algo que eles ficam bem assustados. (Elen Rose Paesante, 2019).

As supervisoras Petruska e Elen comungam da mesma opinião quando apontam que os alunos apresentam evolução em termos de aprendizado e postura profissional após o recesso do Estágio Específico I e a chegada ao Específico II. Petruska entende o tempo do recesso como um tempo de maturação. Considera também, como fatores determinantes, a empatia e a sensibilidade, sem os quais não há evolução.

Eu acho que eles saem me xingando (risadas), porque eu sou muito ‘cricri’. Eu não ensino só a Psicanálise. Eles estão lá também para aprender a Psicologia, e a Psicologia envolve ética, envolve legislação, envolve compromisso. [...] Mas o que eu sinto mais é que a grande maioria amadurece no Específico II para o trabalho clínico. Parece que esse período sabático do descanso entre o Específico I e II, eles voltam como um tempo de digestão daquilo que foi apreendido no primeiro semestre, e eles voltam normalmente melhores. Eles voltam mais aptos, eu sinto isso. E eu sinto que uns realmente evoluem muito do início ao final; outros evoluem menos; às vezes estão até mais preparados, mas há resistência dele com ele mesmo, sabe? Outros evoluem menos e tem uns que vem mesmo que ‘banda voou’, assim, sabe, meio atropelado. Mas às vezes eles têm uma capacidade de transformação muito maior, e eles começam a ‘fazer miséria’ com o paciente e terminam fazendo coisas fantásticas. Então, depende muito de cada um nesse processo de evolução. [...] Não me preocupo só com a melhora do paciente, isso é prioridade sim, mas eu me preocupo muito com a conduta ética e com o olhar e cuidado que o aluno tem que ter com o paciente. (Petruska Passos Meneses, 2019).

É a chegada no Específico II que faz a evolução acontecer, conforme Elen. No Específico I, eles chegavam inseguros e, após os primeiros pacientes, melhoram. A evolução se dá de modo evidenciado no Estágio Específico II, quando a supervisão passa a funcionar como um “grupo terapêutico”: os alunos adotam uma postura de coterapeutas e a supervisora

se percebe como não sendo muito necessária, dando-lhes a impressão de que eles já estão se formando como psicólogos.

Ah, eu acho muito lindo! É um caminho, não tem como, é um caminhar. Chegam com medo, chegam vivendo angústia e aí tem o primeiro atendimento... eu sempre mando para eles um gatinho caminhando... o aluno depois do primeiro atendimento, com o pescocinho esticado. Então, depois do primeiro atendimento, algo sai do lugar. Esse período agora no meio do semestre algo sai do lugar, já de uma forma ampla. E quando eles voltam para o Específico II, voltam completamente diferentes, e aí quando chega no meio do segundo semestre, para finalizar, eu digo para eles que eles funcionam quase que como um grupo terapêutico e que começam a ser co-terapeutas. Porque eles já quase não precisam de mim enquanto supervisora. Então as trocas são maiores; eles se colocam mais; a gente relaxa um pouquinho e então começamos então a trabalhar o processo de “despedida” do estágio. Eu trabalho com isso dois meses antes, porque é o encerramento do paciente e é o encerramento deles. Quando eu toco no assunto, os olhos já lacrimejam, mas ainda há falta tempo. E aí vai ‘cair a ficha’ de que já estão se formando; de que está finalizando; de que vai ter que encerrar. ‘Como é que fica meu paciente, será que vai se me procurar?’ ‘Será que vai ter trabalho?’ Várias questões vão sendo trazidas a partir dessa segunda unidade. É quando eles começam a se dar conta de interrupção do processo, não necessariamente de alta; o processo de despedida do paciente e da Clínica e da academia [...] Acho que engajamento é a palavra que vem, como respostas aos fatores determinantes. Quando ele se engaja, ele avança. (Elen Rose Paesante, 2019).

A professora Kayse percebe a evolução por um outro ângulo. Entende que essa evolução só acontece quando o aluno estuda o caso do paciente. Para ela, o bom aluno precisa saber elaborar uma sessão, ter noção do andamento da sessão e saber criar um projeto terapêutico.

Eu acho que o aluno bom é o aluno que estuda o caso do paciente. Para mim, um aluno bom precisa conseguir elaborar uma sessão; precisa ter uma noção do andamento da sessão; precisa criar um projeto terapêutico. O aluno tem que aprender a definir uma sessão; planejar uma sessão; observar a evolução do paciente; observar; fazer contextualizações entre as seções. E então pegar um link do que aconteceu de três seções atrás, vamos supor, e conseguir fazer um link com o comportamento em relação à posição do paciente naquela sessão, com uma informação que ele trouxe a respeito daquela semana. Então, ele tem que ser capaz de fazer isso, criar um projeto terapêutico. Outra coisa que é importante é não botar a abordagem acima do paciente enquanto pessoa. Então, eu sempre falo: ‘escute esse paciente, não adianta você querer aplicar a técnica, você tem que aprender a escutar esse paciente, porque se você escuta, você vai ter mais informações e isso vai te dar mais conhecimento para você entender o que é que se vai trabalhar’.[...] Então, no primeiro momento eu não crio aquele nível de exigência máximo. Eu permito que o aluno chegue com o básico, pelo menos uma noção básica da TCC, e eu vou mostrando para ele que tem que ir se apropriando de outras questões: se é um tratamento do transtorno de ansiedade; como a TCC trata a ansiedade. Assim a evolução dele vai ser justamente a partir daquele ponto que resaltei anteriormente: se ele consegue planejar uma sessão, se ele consegue contextualizar uma sessão, se ele consegue criar um projeto terapêutico, se ele aprendeu a priorizar o paciente dentro uma técnica, dependendo do momento. Com isso ele vai mostrar que está evoluindo dentro do processo de aprendizagem. (Kayse Luisa Carvalho Alcântara, 2019).

Kayse e Elen convergem em suas narrativas com relação a dificuldades em suas práticas como supervisoras. Consideram alto o número de casos atendidos pelos alunos dada a dificuldade de supervisioná-los integralmente. Kayse coloca que a orientação de vários casos em uma supervisão de quatro horas como uma grande dificuldade. Em sua fala também coloca a obrigatoriedade de evoluir o sistema (SICS) e preencher folha de ata de supervisão, que ela reconhece como necessário, mas que seria muito desgastante para o professor. Acrescenta que são apenas vinte horas semanais para muitas atribuições e acaba não tendo tempo para aprofundar os casos e discutir temas importante sem supervisão.

Então, eu encontro sim. O excesso de demanda. A supervisão de vários casos em uma mesma supervisão, psicologicamente é exaustivo. Já teve supervisão de eu escutar 21 casos! Então eu acho muita coisa; é cansativo. No final, você já está mesmo cansado. É tanto que eu inverte: quem começa numa supervisão nunca começa na outra; quem termina geralmente começa na semana seguinte. Porque eu sinto que, no último, meu rendimento também já não está o mesmo do início, e assim, no início, eu sempre colho mais informações do que no último, porque já estou cansada também. Outra coisa que me incomoda é o fato de tudo ter que se anotar, e então você tem uma ata para fazer, tem que evoluir no sistema. Isso dificulta. Eu sei que é necessário para a instituição, mas só que isso é desgastante, porque você tem 20 horas para dar. No meu caso, eu dou às 20 horas de supervisão. Aí eu tenho que fazer diário de classe de todos os alunos, tenho que fazer ata, tenho que evoluir no sistema... [...] eu não tenho tempo; eu vou para a supervisão com 02 livros na mochila para ler com eles, mas não dá tempo. Também outra coisa que me incomoda eu não tenho tempo de discutir algumas técnicas. Você ali o tempo todo, aí eu mando o aluno ler ou mando que aplique tal técnica e explico, mas eu queria tempo para discutir com os alunos, tipo assim: ansiedade, o que é? O que é depressão? O que caracteriza? Eu peço que leiam sobre transtorno depressivo com sintomas psicótico, sobre ansiedade social, mando ler sobre fobia específica. Eu fico assim mandando o aluno ler, eu sei que tenho que mandar o aluno ler, mas eu queria ter um tempo para que o outro colega também conhecesse a respeito daquele transtorno (Kayse Luisa Carvalho Alcântara, 2019).

Elen destaca como sua maior dificuldade a sua ansiedade em querer dar conta de todos os casos atendidos. Afirma que realiza a escuta de todos os casos e, na sequência, faz a orientação, mas a custo de muita ansiedade. Outro ponto trazido por ela é sua dificuldade de realizar avaliação, principalmente quando a nota não é satisfatória.

Acho que engajamento é a palavra que vem. Quando ele se engaja, ele vai. Hoje eu ouvi uma aluna dizer que ela foi uma dessas que se chocou no início com a fala do paciente; que se sentiu perdida. E ela disse: ‘eu tenho que mudar isso, porque é isso que eu quero’. E ela disse que, a partir dessa fala dela, a coisa saiu do lugar. Então, assim é um engajamento. É a dedicação, o empenho, a relação que se estabelece com esse paciente. Acho que são coisas que ele vai caminhando. E o desejo, quando eles vão percebendo que era exatamente isso que eles queriam; que eles estão exatamente no lugar que esperavam estar. Muitos, às vezes, demoram um pouquinho, e é engraçado como os ritmos são diferentes. Às vezes não atendeu um paciente adulto e, quando atende um paciente adulto, vibra com o modo de funcionar do adulto, a evolução, e ‘cair a ficha’ que é isso que quer fazer. A diferença do atender a criança e

do atender o adulto vai ficando claro. Alguns já vão delineando o caminho que vão traçar, então acho que é por aí. (Elen Rose Paesante, 2019).

Petruska narra que algumas situações apresentadas pelos alunos seriam questões para serem trabalhadas em suas análises pessoais. E, quando isso fica evidente, por necessidade, chama o aluno e faz pontuações para ajudá-los a entender que algumas questões pertencem ao aluno e não ao paciente. Atribui também como dificuldade a sua própria “personalidade sincera”.

Quanto à minha personalidade, eu preciso tomar cuidado, porque, assim, não é que eu vá ser diferente, eu não vou, não gosto nem um pouco do papel de ‘falso self’ de supervisora, diferente daquilo que eu sou, mas eu tomo muito cuidado sempre. Sou muito cuidadosa quando tenho que dar uma devolutiva para um aluno, porque não sei o ponto da ferida que vai se estar tocando na hora que você dá uma interpretação[...] Na Psicanálise eu penso que a supervisão é mais difícil, porque não tem como não se implicar. O que é que um estudante de psicanálise faz? Se expõe o sentido de estar presente de corpo e alma para o outro conversar. Não tem técnica para isso, não tem subterfúgio, não tem desenho, não tem nada que você vai utilizar, a não ser sua mente e sua presença lá com outro. Trabalhar isso no relato dialogado, mostrar todinho o funcionamento do aluno. Eu não vejo só o funcionamento do paciente lá; eu vejo o funcionamento do aluno. Tem coisas que dá para apontar lá na supervisão com todo mundo; tem coisas que, se piorar muito, se compromete muito, aí preciso chamar à parte para conversar. Para mim isso é muito desconfortável, porque eu acho que é mais um aspecto de análise, mas como está comprometendo o andamento do trabalho do paciente, me cabe pontuar isso. E é muito complicado” (Petruska Passos Meneses, 2019).

Todas as preceptoras da UNIT Aracaju concordam com a grande relevância do Serviço-Escola e da prática clínica para a formação do psicólogo. Para Petruska, a função do Serviço-Escola é fomentar a prática, considerando a fase mais importante do curso. Para ela, a prática deveria ocorrer desde o primeiro período.

Eu acho que no estágio, como eu estava dizendo, a prática é basilar. Eu acho que a gente tinha que ter muito mais prática ou a maioria das disciplinas talvez tivessem que ter aplicação prática, e não só os dois últimos dois últimos anos de curso. O estágio é fundamental para sedimentar o aprendizado para o estudante. [...] Hoje em dia as principais crenças de memória é que ela se desconstrói e se reconstrói como o mesmo filete, só que alterado. Então isso é transformação, isso é aprendizado. Eu acho que isso é que precisa existir dentro do curso da gente. Isso é para qualquer curso, mas eu acho que para a Psicologia precisa mesmo existir. (Petruska Passos Meneses, 2019).

Para Kayse o Serviço-Escola é fundamental. Em sua formação, o Estágio em Clínica não era obrigatório. O aluno tinha autonomia para escolher a área para realizar os Estágios Específicos, podendo ser em Psicologia Hospitalar, Escolar, Organizacional, entre outras. Diz que antes considerava o modelo de sua formação melhor que este, mas mudou de opinião ao perceber a importância de seu papel enquanto supervisora no Serviço Escola. Passou a

compreender que o aprendizado na Clínica é fundamental para todas as áreas citadas, por ser na Clínica que se aprenderia o exercício da escuta, e isso o aluno usará em qualquer área que atuar na Psicologia.

Para mim, é fundamental essa ideia da clínica. Eu acho muito boa. Antes eu ficava pensando que a minha formação foi melhor, quando cada um escolhia para onde ir. Quem queria Escolar, ia para Escolar; quem queria Organizacional ia para Organizacional; quem queria ir para Clínica, ia para Clínica, nos dois últimos semestres. Só que vendo meu papel lá dentro da Clínica, eu acho, e antes mesmo disso eu já achava, a Clínica fundamental. O olho clínico é fundamental em qualquer desses setores, na organização, na escola... eu acho fundamental, é um processo de aprendizado. É importante até para o aluno aprender a escutar, porque um aluno que chega sem a capacidade de escutar... eu acho que a Psicologia é uma profissão da escuta. Então, independente de que área ele for seguir, é importante essa escuta; que ele desenvolva essa habilidade de escutar. É fundamental enquanto formação que os alunos vivenciem esse momento. (Kayse Luísa Carvalho Alcântara, 2019).

Elen considera os estágios de extrema importância porque percebe a mudança nítida na evolução do aluno.

É de extrema importância, porque quando eu paro para fazer contato com o aluno que está chegando e o aluno que está saindo, é nítida a mudança, é notório o grau de evolução. Às vezes, vai chegando nas últimas evoluções e eu digo que não tenho muito o que fazer, que eles já são colegas de trabalho. Então, a diferença é imensa em um período de um ano. Não sei o que eles modificaram. Claro que deve ter mudanças do início ao quarto ano, mais o último ano é como aquela criança que dá aquele salto para entrar na adolescência, que crescem e esticam a perna e braço; eles se esticam todo. No início é aquele salto, quando eu vejo um chegando bem ‘cruzinho’ no início, quando eles olham pra mim com medo, assustados, ‘é a senhora?’, e eu já digo logo ‘vamos tirar a senhora?’. Se não vai reprovar (risos) e a gente vai se igualando, eles vão se acalmando, vão se sentindo confortáveis nesse lugar. É uma evolução muito grande, é um preparo muito grande, o aluno que sai do curso sem passar por esse estágio clínico, ele sai despreparado, a gente sabe. Uma vez eu perguntei e me refiz na pergunta: ‘quando se sentirem prontos para o atender...’, aí eu refiz, pois a gente nunca vai estar pronto. Então, quando se sentirem ‘preparados’ para o primeiro atendimento, ou quando se sentirem que já podem atender o primeiro atendimento. Aí, ao mesmo tempo, eu digo: ‘mas já podem, porque já fizeram os quatro anos; se já chegaram aqui na Clínica é porque já pode, então vamos começar a encarar’. Todo esse percurso que vão fazendo que é uma evolução muito bonita” (Elen Rose Paesante, 2019).

Roberto e Gabriela possuem percepções distintas sobre as principais demandas que os profissionais da Psicologia enfrentam hoje. Roberto considera a concorrência no mercado de trabalho como a principal demanda a ser atendida. Destaca também a escassez de profissionais capacitados para atender pessoas com síndromes e para atuar nas áreas comunitária e de pesquisa. Reforça com os alunos que o principal é ser “o melhor”.

Quando os grupos de supervisão acabam, eu não acabo com eles; eles se tornam grupos de colegas “psis”, aí eu começo a perguntar: ‘quem é que está fazendo plano de saúde?’ ‘Em quais os planos que você está?’. Aí, eu começo indicá-los, porque eu sei que esse começo é difícil. Então, eu vejo, por exemplo, determinadas demandas ainda estarem em aberto, por exemplo, a área de deficiência, deficiência mental. Eu vejo que ainda tem poucos colegas qualificados nisso. A área de Comunitária também, Social Comunitária, a área de pesquisa também. Profissionais que se dediquem à pesquisa por gosto, não por imposição de um MEC, de um mestrado ou doutorado. (Roberto Lopes Sales, 2019).

Gabriela indica como demanda o atendimento dos frequentes casos de violência doméstica e sexual; casos de ansiedade trazidos por adultos e adolescentes e o encaminhamento de crianças com dificuldade de aprendizagem. A demanda da prevenção do suicídio também é destacada por ela.

Nossa, a gente tem recebido tanta coisa! Muitos casos de violência doméstica, violência sexual. A gente tem recebido muitas demandas de pessoas que chegam com diagnóstico psiquiátrico e que a gente identifica que são questões vinculadas ao que na Psicologia se chama ‘ansiedade’ e na Psicanálise chama ‘angústia’. Angústias que para muitos pacientes deflagra o transtorno de pânico e, para outros, a gente tem recebido adolescente com a questão da auto mutilação, do se cortar, isso também. Muita questão relativa à sexualidade, também em jovens adolescentes, a gente tem recebido. Também tem recebido encaminhamento das escolas com a questão da aprendizagem. Tem alguns estagiários que tem atendido crianças nesse sentido. A questão do suicídio, que tem aparecido muito, a gente tem ficado preocupado (Gabriela Costa Moura, 2019).

A evolução de seus alunos em termos de aprendizado e postura profissional no decorrer dos Estágio é evidenciada, segundo Gabriela, na montagem dos casos na Jornada de Casos Clínicos. Nesse momento, a professora percebe as dúvidas e inquietações dos alunos e, também, a evolução daqueles que fazem pesquisas e estudos teóricos sobre os casos. A professora diz que teve apenas problema com uma aluna em termos de postura.

Com relação à postura, por exemplo, eu estou com uma aluna hoje que está me fazendo arrancar os cabelos. Aí eu falo: ‘fulana, olha só, aqui na Clínica é assim, aqui na Clínica tem as regras está certo?’. Ela vai e faz; eu novamente falo: ‘fulana, se você não fizer assim, você vai levar advertência’. Mesmo isso sendo passado no treinamento, mas ainda, de vez em quando, aparecem algumas dificuldades em relação a isso, então a gente orienta, mas se continuar andando fora do contexto, a gente tem que fazer advertência. Mas ela já deu uma organizada no período até o final do semestre. É muito engraçado perceber quando os alunos ficam preocupados com o tempo de recesso entre o nono e o décimo período, isso me chama muito atenção. Os pacientes entram em contato. Isso é diferente de lá, da UNIT Aracaju. Aqui os pacientes entram em contato, eles ligam, mandam whatsapp para os alunos; eles estão dizendo que estão precisando falar, perguntam quando é que voltam. Eles entram em contato com os estagiários, e nas férias, não paro de trabalhar, porque os estagiários vêm: ‘professora, paciente tal entrou em contato, o que é que eu faço?’. Então, é assim, esse cuidado, e não é só o cuidado, é a preocupação com quem está sendo atendido e o cuidado no trato mesmo de como manejar, como fazer. Acho que tudo isso faz parte da avaliação do início do nono ao décimo. (Gabriela Costa Moura, 2019).

Gabriela menciona o recesso acadêmico entre os Estágios e os pacientes que entram em contato com o aluno nesse período, com algo diferente da UNIT-Aracaju. Considera ainda como fator determinante da evolução do aluno a análise pessoal deles e se diz mostrar atenta a isso, muitas vezes extrapolando seu papel de supervisora e evidenciando seus laços afetivos. Destaca como outro fator determinante da evolução é o embasamento teórico construído pelo aluno e a “boa prática” do Estágio.

Roberto observa que a evolução dos alunos perpassa inicialmente angústia e insegurança, o que considera normal. Porém, percebe evolução ao final do processo quando os alunos conseguem “argumentar positivamente”. Considera que sua relação afetiva e profissional com os alunos é o fator mais determinante da evolução deles, e entende que este é um diferencial seu com relação a outros colegas supervisores. Em suas palavras:

Alguns sentem angústia e insegurança iniciais. Eles têm uma insegurança natural inicialmente, e eu vejo ao final uma postura muito equilibrada. Não que eles sejam autossuficientes, mas eles se posicionam. Eu tento às vezes persuadi-los com alguma situação, e eles: ‘não professor, não concordo não, eu acho que isso é isso isso...’. E eles me enfrentam positivamente com argumentação; eles não me enfrentam só com a figura do poder, não como o professor, eles contextualizam, e eu falo assim: ‘sim, está correto, eu acho que você está posicionando bem’, e, às vezes, eles se contrapõem: ‘não professor, não concordo porque... isso’ [...] Quando o aluno se sensibiliza, chora, falo: ‘o que tem a ver, isso com você?’. E aí, ele se desnuda e, no final, já chega para mim com a coisa pronta: ‘não professor, eu me sensibilizei muito diante disso, mas eu já levei para minha terapia e estou trabalhando tais e tais aspectos. Então, eu sinto segurança nos meus alunos. ‘Quanto de segurança, Roberto?’ Noventa, noventa e cinco por cento; cinco por cento eu dou o direito da dúvida (Roberto Lopes Sales, 2019).

Gabriela diz que a maior dificuldade encontrada em sua prática é o aluno que não faz análise ou terapia pessoal.

Primeiro ponto de dificuldade é os alunos que não fazem o seu próprio trabalho de análise pessoal, de psicoterapia. Eu ‘puxo a orelha’ simbolicamente com relação a isso; a gente vai fazer o quê? Acho que esse é o grande gargalo do curso de Psicologia no geral e, principalmente, para a formação crítica no estágio de Psicologia Clínica. Como é que alguém vai atender, sem nunca ter se escutado? Eu fico sem entender. Ao mesmo tempo, o que é que se pode dizer? Fica-se meio que de mãos atadas. Eu sou aquela professora que bate nessa tecla em todas as disciplinas. Tem que se ter passado pela experiência para poder ser psicólogo. (Gabriela Costa Moura, 2019).

Roberto, por sua vez, tem por dificuldade principal a burocracia, que considera de muita formalidade, embora reconheça como necessária.

Eu acho que o viés avaliativo é uma das questões maiores. São questões muito engessadas; os relatórios muito formais. Eu vejo que há uma necessidade para o MEC, é uma necessidade enquanto instituição, mas é muito papel, muita burocracia. Em alguns momentos os alunos se sentem prontos e, às vezes, já estão realmente. Agora, em outubro mesmo, muitos deles do décimo já se sentem profissionais. Eu falo: ‘olha, você ainda tem que passar por essas regras.’ E é comum ouvir: ‘professor, já cumpra as horas...’ ‘E você vai jogar fora seu cliente? Ele é um ser humano!’. Às vezes o processo engessado de uma faculdade dá um cansaço no aluno do décimo período, que eles pensam que tem que descansar seis meses. E eu digo: ‘olha, só dá pra descansar um mês, que é um mês de férias. No próximo mês o seu cliente está esperando você montar o consultório para ir com você’, e eu faço com o que eles levem os clientes. (Roberto Lopes Sales, 2019).

A função dos estágios na formação do Psicólogo é entendida por ambos de modo distinto, mas complementar. O professor Roberto relata a importância da identificação na escolha do estágio, e enfatiza que esta deve ser pela abordagem e não pelo supervisor.

Desde o Estágio Básico, acho que eles já começam a ter uma noção daquilo que eles são, daquilo que eles podem ser. Eu falo assim, o estágio serve como modelo de identificação e de não identificação, porque ele chega e diz: ‘eu sou Escolar’, ‘eu sou um psicólogo escolar’, ‘sou hospitalar’, ‘eu estou aqui, mas e eu sou isso, sou aquilo...’ e quando ele chega na Saúde (Clínica), tudo muda... Eu acho muito legal isso, porque sempre digo: ‘esteja atento, não opte pelos estágios por afinidade aos professores, aos supervisores’, porque às vezes o aluno diz: ‘Roberto é muito legal, então eu vou para ele’. Não faça isso jamais. A identificação tem que ser pela abordagem. (Roberto Lopes Sales, 2019).

Gabriela entende que o fato de o Estágio em Clínica ser opcional na UNIT Maceió faz com que o aluno se implique mais na sua escolha.

A função dos estágios na formação do aluno, eu acho que é fundamental. Primeiro, que aqui na UNIT - Maceió é diferente da UNIT- Aracaju. Lá é obrigatório; aqui não. Aqui o aluno vai fazer escolha. Se o aluno escolheu Psicologia Clínica, ele vai passar o nono e o décimo períodos do último ano “especificando” a sua formação nessa área e nessa prática. Lá em Aracaju, não; ele não tem escolhas por outras áreas. Aqui, além da Clínica, tem Jurídica, Escolar, Hospitalar. Então, a escolha já é um fator importante. Eu penso que é de fundamental importância para que o aluno entenda o papel dele como profissional de escuta. Eu acho que independentemente da abordagem, independentemente da teoria que ele vai utilizar para fundamentar a sua escuta, ele vai lidar com suas próprias questões. Porque as nossas próprias questões entram em jogo às vezes nos atendimentos, e é por isso que a supervisão é importante. E também é por isso que o trabalho da psicoterapia pessoal é importante, porque as questões vão aparecer na supervisão e eu tenho que chamar para conversar e tal. Acho que aqui é uma primeira escola mesmo, para que eles possam entender a dimensão da responsabilidade que a gente tem quando se disponibiliza a escutar alguém; que às vezes a gente não tem noção do poder da palavra numa sessão, de uma postura nossa em uma sessão, do modo como a gente vai produzir, como a gente vai acolher o paciente. (Gabriela Costa Moura, 2019).

Para professora Gabriela, a diferença entre as Universidades de Maceió e Aracaju quanto à obrigatoriedade do estágio em Clínica favorece a primeira. Para Gabriela, o aluno deve

entender que sua escolha implica em ser um “profissional da escuta” independentemente da própria abordagem teórica escolhida. Entende também que as questões do terapeuta terminam por influenciá-lo, e daí a necessidade de supervisão.

De modo geral, os supervisores, têm como demandas principais o lidar com casos específicos de transtornos que chegam ao atendimento, com destaque para casos de ansiedade, depressão e transtornos relacionados. Tendem a destacar também os desafios da entrada no mercado de trabalho.

A evolução do aluno se dá, segundo os supervisores, através da prática de atendimento e de estudos, especificamente estudos de casos, como destacaram Kayse e Gabriela. Roberto relata que percebe que o aluno evoluiu quando constata que consegue argumentar consistentemente, denotando domínio tanto de seus conhecimentos quanto de sua postura profissional.

O recesso acadêmico entre os estágios é um ponto destacado recorrentemente pelos supervisores, mas de diferentes modos. A questão da quebra dos atendimentos, com respectivo prejuízo potencial na evolução dos casos atendidos e no desenvolvimento do aluno, pontuado por Gabriela, é, de fato, uma questão recorrente e que mobiliza a organização do próprio Serviço-Escola, posto que, por conta da estruturação curricular e institucional, o recesso acadêmico é necessário. Petruska e Elen, no entanto, destacam aspecto positivo desse recesso entre os Estágios Específicos, pois serviria como um tempo de maturação para o aluno ou como uma mobilização e preparação para chegada ao Estágio II.

Com relação ao recesso que ocorre após o Estágio II, via de regra concomitante com a conclusão da graduação por parte do aluno, o professor Roberto declara ter como prática incentivar que o aluno, já devidamente regularizado enquanto profissional, ofereça para quem atendeu durante o estágio a continuidade dos atendimentos fora do Serviço Escola.

Embora seja uma forma de minimizar os impactos da quebra de continuidade dos atendimentos para a pessoa atendida, tal orientação levanta a questão quanto ao paciente/cliente estar vinculado duplamente: com o psicoterapeuta estagiário e com o Serviço Escola.

O vínculo institucional é feito com o Serviço Escola, através dos termos de prestação de serviço. O estagiário, por não ser profissional, não pode assumir a função de responsável legal por sua prática, sendo o serviço prestado de responsabilidade do Serviço-Escola, através da figura do supervisor. Contudo, o vínculo terapêutico se efetiva entre o aluno e quem é atendido, e este vínculo é o elemento central que embasa todo processo clínico e efetiva a evolução do paciente/cliente. (CORDIOLI e GREVET, 2018)

O Serviço-Escola pode até encaminhar o paciente para o aluno que o atendeu, este recém-formado e regularmente inscrito no CRP, estando assim legalmente apto para atendê-lo de forma autônoma. Os dois Serviços em foco têm procedimentos distintos quanto a isso, por conta de seu funcionamento específico.

Os estagiários do Serviço Escola da UNIT Maceió têm contato com o paciente diretamente, por meio telefônico ou *whatsapp*, o que possibilita maior autonomia e aproximação com o paciente, incluindo aí os encaminhamentos para atendimento nesses termos. Em Aracaju, quem estabelece o contato entre o Serviço e o paciente é a Psicóloga responsável técnica, que pode fazer esses e outros encaminhamentos. Tal prática, no entanto, não tem como ser protocolada e generalizada, porque foge do escopo e abrangência do Serviço, além do que o recém-formado nem sempre inicia sua atuação em clínica logo após sua formatura, ou mesmo mais tarde.

As preceptoras apresentam opiniões distintas com relação à carga horária de estágio. A supervisora Petruska declarou que as horas de supervisão seriam suficientes, se não houvesse a atividade de evolução do sistema (SICS).

Eu acho que 4 horas semanais para os alunos seria perfeito, se as preceptoras tivessem uma carga extra para fazer atualização de sistema. Então, por exemplo, eu tenho 16 horas por semana com os alunos em supervisão, mas a quatro horas que eu teria que dar, seriam as 4 horas que estão faltando para evolução do sistema. Teria quatro horas livres só para você fazer avaliação de relato de aluno, no meu caso de relato dialogado. Para mim, seria o ideal. Eu acho que não é uma coisa muito difícil de resolver essa crítica que eu estou fazendo. Seria uma coisa muito fácil de acontecer, porque não mexeria na carga horária que já existe. Só simplificaria, se se separar a coisa de forma a poder deixar mais espaço para o aprendizado do paciente com o aluno. [...] Eu trabalho com a demanda que eu recebi, e não sei te dizer se aumentar ou diminuir a carga horária é melhor ou ruim, a não ser testando. [...] A supervisão, 80 horas, que não é a carga horária o problema; acho que é a quantidade de alunos por sala. [...] Acho que quatro alunos por sala seria o ideal, pelo menos para Psicanálise, ou a gente poderia ter, por exemplo, 6 horas de supervisão e mais alunos. (Petruska Passos Meneses, 2019)

Kayse considera a carga horária de supervisão adequada. Enfatiza que a dificuldade é a quantidade de casos para supervisionar nessa carga horária. Considera, inclusive, a carga horária de prática alta, pois percebe que os alunos ficam mais preocupados em cumprir a carga horária exigida no estágio do que realizar os atendimentos, cabendo à supervisora motivá-los e regular a qualidade de pacientes liberados.

Então eu acho a carga horária de supervisão é boa. O que me incomoda é a quantidade de caso a ser supervisionado. Eu acho a carga horária da prática alta. Eu acho ruim porque eles ficam mais focados na quantidade de horas do que da qualidade de atendimento. Então, a gente tem que estar o tempo todo tentando motivar, para que eles

pensem nessa pessoa que está precisando. Ninguém vem aqui porque está bem, então quando a gente pega um paciente, pega uma pessoa em sofrimento. [...]Eu preferiria que cada aluno tivesse dois pacientes, mas que tivesse mais qualidade no atendimento, do que tivesse quatro pacientes e ele ficasse sobrecarregado com aqueles quatro casos. Ele pega quatro casos para dar conta das horas. Então eu seguro o quarto paciente o máximo que eu posso. Hoje eu disse para uma aluna: ‘eu prefiro que você atenda esse paciente duas vezes na semana, porque ele precisa de dois atendimentos semanais, ele está muito ansioso’. É preferível do que pegar um quarto paciente. (Kayse Luisa Carvalho Alcântara, 2019).

A supervisora Elen considera satisfatória a carga horária de atendimento. Quanto a carga horária de supervisão, compreende que precisa ser otimizada. A supervisora sente dificuldade em realizar vinte supervisões para atender um quantitativo de oitenta horas no semestre.

Eles reclamam no início que é muito. Mas eu acho que não é muito não. Eu acho que de atendimento não pode ser menos. E dá pra fazer. Pelo que a gente tem visto dá pra fazer. Fica às vezes puxado para aquele aluno que tem outras atividades que trabalha e faz uma outra faculdade, mas todos eles chegam ao final e conseguem, então eu acho que é possível. Na carga horária de supervisão, eu acho que o que precisa ser reavaliado é o cronograma, porque a gente encerra antes do cronograma, então fica corrido. Se a gente coloca dentro do cronograma, as 80 horas não entram. Então é fazer um ajustamento onde não há possibilidade. Não sei se diminuir a carga horária de supervisão ou estender o cronograma para poder ajustar, porque dentro do semestre cabe as 80 horas, mas é por uma questão mesmo de ajuste, o que dificulta. (Elen Rose Paesante, 2019).

Petruska e Elen convergem ao não verem dificuldade nas normas do Serviço-Escola. Petruska enfatiza que passa para seus alunos a diferença em atender em um consultório particular e no Serviço-Escola. Elen sinaliza que consegue se adaptar às normas com facilidade. Destaca que as normas exigidas na Clínica podem ajudar o aluno a enfrentar as dificuldades no mercado de trabalho futuramente.

Kayse expressa uma opinião diferente. Considera que há muitos papéis protocolares para preenchimento, tornando as normas de funcionamento exaustivas. As três preceptoras concordam que as instalações do Serviço-Escola precisam de melhorias. A professora Petruska considera que a Clínica poderia ser um ambiente “mais acolhedor” e “esteticamente e mais humanizado”. Sugere mudanças na sala dos estagiários, com aquisição de novos computadores e tece elogios à brinquedoteca da Clínica, que considera limpa e organizada.

Eu gosto muito de humanizar as coisas. Eu penso que existe uma neutralidade que as pessoas confundem com indiferença. Eu viro explicando para os alunos que a pessoa que vai para lá precisa se sentir acolhida. Existem ferramentas do designer de interiores que você utiliza para causar uma maior sensação de acolhimento. Então eu acho que uma parceria com curso de Designer de Interiores com a Psicologia, com a Clínica Psicologia, poderia deixar um ambiente muito mais receptivo para o para quem está chegando, sabe? E isso eu acho que ele auxilia no processo de transferência, no caso da Psicanálise. Auxilia no processo de recepção do paciente, porque existe a

cultura do ‘é assim, ah! eu estou pagando pouco, então pode ser qualquer coisa’. Não é assim, não. A gente tem que fazer o melhor, então eu acho que os espaços poderiam ser mais ambientados; não precisavam perder a neutralidade, mas eles poderiam ser mais bem trabalhados, e tem gente qualificada dentro da Universidade para isso. (Petruska Passos Meneses, 2019).

Kayse também aponta uma necessidade de melhoria no aspecto estético da Clínica e de ser um ambiente mais acolhedor. Por se tratar de uma Clínica Escola, os alunos sentiriam mais confortáveis durante ao atendimento e o conforto do paciente também. A preceptora destaca algumas críticas, relacionadas às instalações, equipamentos e sistema:

Eu acho muita coisa para dar conta, muitos papéis, sistema... isso torna exaustivo. O que me incomoda no funcionamento é isso. Quanto às instalações? Poderia ser melhor, no sentido de ter um ambiente mais acolhedor, já que é uma Clínica Escola de Psicologia. Proporcionar um ambiente mais acolhedor fica um aspecto de clínica, e aí poderia ser melhor. Na questão do acesso à internet, os alunos se queixam muito que não tem. Eu vejo que muito aluno digita o resumo, bota no sistema, mas ele pega o celular para ler o resumo.[...] Poderia ter uma mini biblioteca lá dentro para que os alunos pudessem consultar. Às vezes a gente fala de um livro, o aluno não tem, aí tem que ir na Universidade atrás. Se tivesse uma sala para isso, porque a sala de estudo seria ótima, porque tem aluno que passa o dia lá dentro; passa o dia na sala dos estagiários. Muita gente para usar. Ultimamente tenho escutado muita reclamação a respeito dos computadores. Outra coisa, tem aluno que não é fácil; tem aluno que ocupa o computador e outros que são mais inibidos, não tem coragem de pedir para que liberem o computador. Então acaba sendo complicado. Por isso, então, eu acho que a instalação poderia ser melhor. (Kayse Luisa Carvalho Alcântara, 2019).

Elen considera que há necessidade de melhorias nas salas de atendimentos, otimização na iluminação, mobília e estética. Considera que a clínica segue um “modelo médico”, não oferecendo o conforto necessário para os pacientes e para os alunos que atendem, prejudicando por vezes o atendimento.

Acho que as salas de atendimentos podem ser melhoradas. São modelos, como que eu posso dizer, muito tradicionais; modelos muito do médico. Eu acho que poderiam ser mais confortáveis, poltronas, colchonetes. Às vezes a gente vê quando o estagiário leva o paciente para o colchonete, fica muito confortável, gostam de almofadas. Então, cores dentro do espaço, a luminosidade. Tem salas que tem, e acho que é a parte da janela que incomoda mesmo, com claridade muito grande. Acho que são espaços que não são muito confortáveis, nem para o terapeuta, nem para o estagiário, nem para o paciente. Algumas só são cadeiras, então fica muito desconfortável. Já vi aluna se queixando de dor; ter que botar uma almofada; ter que se adequar, porque se existe algum desconforto no espaço, o desconforto acaba sendo figura nesse processo. Então deixa-se de perceber outras coisas, como a demanda que o paciente traz. Essas salas podem ser melhoradas. A brinquedoteca também é um espaço onde a gente recebe criança, então talvez o material. Eu entrei pouquíssimas vezes lá, mas eu vejo algumas colocações deles. A minha sugestão é que a gente faça uma caixa de areia. Eu já pensei na possibilidade de fazer um projeto aqui com eles. Que cada um trouxesse uma miniatura para a gente poder montar uma estante, uma caixa de areia, e a gente mobiliza mais um recurso para ser trabalhado com o paciente. Depois que eu soube de que as salas de aula de Maceió são em colchonetes e almofadas. Eu fiquei vendo a

minha sala de supervisão mudando muito do tradicional também, de repente a gente pode mobilizar algumas coisas aí. (Elen Rose Paesante, 2019).

As três professoras consideram a equipe e logística adequada. Petruska, no entanto, tem algumas inquietações com relação à logística dos atendimentos: quanto à solicitação de troca do estagiário a pedido do paciente, a professora enfatiza que o regulamento da Clínica não leva em conta as questões vistas pela Psicanálise, que compreende a falta do paciente como uma questão transferencial outra observação feita é que, quando o paciente falta a sessão em consultório particular, ele costuma pagar, mas por isso não acontecer no Serviço- Escola. Petruska entende que isso tira a oportunidade de outros pacientes que estão aguardando vaga. Sugere horários remunerados para os supervisores realizarem reuniões para garantir a integração da equipe de supervisores, relatando suas práticas e trocas de experiências. Em suas palavras:

Eu não sei te dizer se é uma crítica, porque na Psicanálise a gente entende que faltas são resistências. Então às vezes não dá para interromper um paciente por duas faltas consecutivas. Tenta-se ver a terceira, até uma quarta, para poder ver o que está acontecendo com esse paciente, porque até uma terceira falta talvez a gente consiga reverter esse trabalho, sabe? Mas isso é uma característica da Psicanálise. Não sei como seria para as outras abordagens. Uma crítica que eu tenho, que realmente me incomoda bastante, mas também não tem como ser diferente: às vezes o estagiário de Psicanálise pega no ‘nó’ do paciente, o que é muito desconfortável, e aí o paciente vai e pede transferência interna. E aí, pelas regras da Clínica, você tem que dar, e isso me incomoda muito. Porque, isso eu digo, é um espaço que a Clínica dá para que o paciente fique criando resistência, atuando. Nesse semestre que a gente está passando, o paciente já passou aqui por duas ou três linhas e agora chegou na Psicanálise. Já pediu mudança de linha novamente, você está entendendo?, Não se consegue trabalhar com ele, porque na hora que você começa a pegar no ‘nó’ dele, em qualquer linha que seja, ele tem essa escapatória. Então, talvez tivesse que ter algum limite para essa transferência interna, para poder sustentar, porque ele (o paciente) está ocupando espaço de alguém. Se fosse uma clínica privada, se fosse aqui no meu consultório, faltou, continua pagando. Já na Clínica, ele está tirando o espaço de outra pessoa que poderia estar sendo atendida. Eu entendo que é uma resistência dele, mas também, às vezes, quando a gente delimita, ajuda a romper a resistência. Então essa coisa de ficar trocando de estagiário porque não gostou por causa disso, até onde não é resistência? Deveria também ter um horário de integração que deveria ser remunerado. Eu não queria e não deveria ter que abrir mão do meu consultório para ter que me reunir com minhas colegas preceptoras, para podermos desenvolver um trabalho de integração. Isso deveria ser remunerado, isso é um fato.” (Petruska Passos Meneses, 2019).

Kayse considera que a equipe é boa e integrada e a logística eficiente, sentindo-se satisfeita:

Eu gosto muito da equipe! Acho a equipe boa e eficiente. A gente solicita uma coisa, eles dão conta. Sempre quando eu peço alguma coisa, sinto que sou atendida. [...] Vejo

que tem uma atenção. Às vezes ponho material para imprimir e alguém vai lá na minha sala entregar. Não dá nem tempo de eu ir buscar. Eles pegam e vão na minha sala entregar. Eu sinto que é uma equipe integrada (Kayse Luisa Carvalho Alcântara).

Elen destaca que os atendimentos oferecidos na Clínica, como terapia de casal e terapia de grupo, são bem difundidos no mercado de trabalho. E isso é um ponto positivo para o aluno que estão se formando. Quanto à equipe, elogia e diz gostar muito da convivência:

Eu acho que os serviços que são ofertados são basicamente os serviços que são ofertados fora daqui. Temos trabalhos de grupos com resultados muitos legais; trabalho de casal que, apesar de ser em pouca demanda. São todos atendimentos que são ofertados lá fora, e isso dá ao aluno a possibilidade de vivenciar cada um desses no estágio. Tem uns que se encantam com o trabalho de grupos, que vão se batendo para aprender, mas se encantam, e levam a proposta para fora daqui. Acho que isso é legal; é um tipo de trabalho que hoje é bastante difundido. É um tipo de trabalho que a gente pode agregar várias pessoas ao mesmo tempo e, para a Clínica Escola, é legal porque a gente tem uma demanda grande (Elen Rose Paesante, 2019)

A importância social dos Serviço-Escola é considerada de formas distintas pelas preceptoras em questão. Petruska considera que o Serviço-Escola tem papel fundamental para a formação do psicólogo. Não teria em função “curar”, mas dar condições de adaptabilidade de recursos para lidar com os problemas, promover uma diminuição das patologias de uma população que é carente de serviços como este.

Eu acho fundamental. Ele (o Serviço Escola) entra para dar suporte a uma parcela da população que o Sistema Único de Saúde não dá. Deveria ter mais psicólogos dentro do serviço público em várias instâncias, não necessariamente só na saúde, mas na assistência social, na educação... mas enquanto a gente não tem isso, algumas pessoas podem usufruir de uma melhor adaptabilidade. Eu penso que a Clínica Escola não é para ‘curar’, se a gente falar de cura, mas é para dar uma maior capacidade de adaptabilidade através de desenvolvimento de recursos mais saudáveis ou mais desenvolvidos para aquela pessoa continuar, pelo menos, lidando com aquele tipo de problema. É fundamental, muito importante. E eu acho, cá para nós, que muitos pacientes de lá têm um suporte muito melhor do que alguns atendimentos com recém-formados, [...] porque têm acompanhamento de um preceptor que, em tese, tem uma experiência larga no trabalho. (Petruska Passos Meneses, 2019).

Kayse compreende que o Serviço-Escola proporciona muito aprendizado e é uma grande motivação para estudos e para aquisição de conhecimentos diversos. Para Elen, é grande a relevância do Serviço-Escola. A professora percebe que há uma diversidade de grupos sociais que procuram a Clínica; pessoas com renda baixa e pessoas que tem condições de pagar em outro lugar. Também percebe que há preconceito por parte de alguns. Impressiona-se com a popularidade dos serviços e que, muitas vezes, quem procura não sabe o que é o processo, mas acredita e procura o Serviço.

É de uma importância enorme! O que me chama muito atenção é que temos aqui, na grande maioria, uma população de baixa renda que procura o serviço. A gente vê uma população com uma renda melhor, uma população bem instruída que ainda tem um preconceito muito grande. A escola que eu trabalho, que é uma escola do Estado, encaminha vários alunos pra cá; alunos que eu sei que não tem condições de pagar, e alguns vêm. Então, a gente vê uma população carente, uma população que é pouco instruída participando de uma atividade em busca de uma terapia, que de alguma forma parece ser algo só de quem é instruído, e muitas vezes aquele que tem condições de pagar, que tem condições de fazer, age de uma forma tão preconceituosa; acha que não precisa. Então, acho que a gente consegue fazer um bom trabalho. Uma coisa que me chama atenção, que eu corrijo e corrigia muito no trabalho deles, a Clínica atende população de baixa renda, mas a Clínica não tem só esse foco: a Clínica atende aluno, a Clínica atende desde aluno do curso de Medicina, que tem condições de pagar, até aquele aluno que paga via parcelamento; atende professor. Temos aqui pacientes que são doutores; tem profissionais. Então, dá-se oportunidade ao aluno de vivenciar todas as classes sociais. Acho que isso é muito legal! E o que me chama atenção é essa popularidade. São essas pessoas buscarem cada vez mais os serviços e acreditarem no serviço. Não sabem nem o que é, não sabe nem do que se trata, mais acredita. (Elen Rose Paesante, 2019).

No contexto da UNIT Maceió, os professores supervisores entrevistados divergem quanto à carga horária de estágio ser ou não adequada. Roberto considera a carga horária de supervisão e prática de atendimento compatível com a boa formação do aluno. “Eu acho que a carga horária, é compatível; eu gosto da carga horária daqui da UNIT” (Roberto).

Por sua vez, Gabriela não considera a carga horária de supervisão suficiente, por entender que não consegue efetivar oitenta horas de supervisão dentro do cronograma do semestre.

Eu entendo que é uma dinâmica da instituição. Os meus alunos nunca terão oitenta horas; são quatro horas-aula semanais; eles não têm oitenta horas. Eu estou falando de forma bem específica da Psicanálise. Tem supervisão que digo que vamos tentar estabelecer ‘x’ tempo para cada aluno, e todo mundo fala que na supervisão passada tiveram alunos que não falaram. Não dá tempo. 04 horas é muito pouco, não dá tempo. Eu estou falando bem específico da Psicanálise. Eu não sei como é para Roberto e para a professora do TCC. O que eu sei é que eles têm mais alunos que eu; então eu acho que a carga horária não é suficiente. (Gabriela Costa Moura, 2019).

Gabriela avalia bem o funcionamento da Clínica UNIT Maceió, principalmente nos últimos tempos, destacando o papel da equipe atual da recepção. “Ah, eu acho que é tranquilo. Eu acho que a Clínica funciona bem; os meninos da recepção conseguem dar conta. Ainda bem que a gente tem eles hoje, porque no início não tinha ninguém na recepção” (Gabriela Costa Moura, 2019).

Roberto concorda e aceita as normas, destacando que a coordenadora de Estágio é “positiva”, deixando os professores bem à vontade. Critica apenas os relatórios de estágio, que são atualmente elaborados apenas no segundo semestre.

Não, eu concordo com as normas daqui, eu aceito as normas, nós temos agora uma outra coordenadora de estágio que é bem positiva. Questionadora, ela deixa a gente à vontade para se posicionar. As questões críticas agora vão para os relatórios. [...] Passar o relatório, depois ter que assinar o relatório, depois de tudo ter que digitalizar o relatório, como se a gente não tivesse o que fazer. Temos muito o que fazer. Eu acho que poderia ser visto de um jeito diferente. Se eu concordo que o relatório deva existir? Concorde, concordo com a quantificação baixa de 2,5. (Roberto Lopes Sales, 2019).

Quanto às instalações do serviço-escola, professor Roberto não faz nenhuma observação. Menciona apenas que “se adapta a tudo”. Gabriela relata preocupação quanto à acústica das salas de atendimento, enfatizando a exigência do Conselho Federal a respeito, que visa garantir o sigilo.

Ah, sim, tem a questão da sala de atendimento. O tratamento acústico, que segundo a coordenadora foi feito na reforma que foi realizada, agora, na época das férias. Eu penso que não fizeram a contento, pois, para eles colocarem um drywall, eles têm que destruir a parede e colocar outra, e eles não fizeram. Não colocaram porta acústica. Esse é um problema sério que a gente tem aqui. (Gabriela Costa Moura, 2019).

Roberto considera a equipe “muito boa”: Coordenação de Curso, Coordenação de Estágio e os já mencionados recepcionistas. Gabriela também relata que a equipe é excelente. Roberto considera como fundamental a importância social do Serviço- Escola. Destaca que a localização da Clínica favorece o acesso da comunidade.

Ah, fundamental. Aqui, inclusive, é a comunidade lateral que é muito bem servida com os nossos atendimentos. Desde as situações jurídicas. Os nossos alunos são assistidos pelos plantões psicológicos; os nossos alunos têm entrada franca; alunos de todos os cursos também, e os de Psicologia até determinado período, para que eles não estejam aqui dentro junto com os seus terapeutas. A comunidade lateral se serve muito desses serviços. Nós atendemos, tanto nos plantões psicológicos como na rede de atendimentos em psicoterapia, as vítimas de violência. Então, assim, a gente procura se cercar pelas demandas existentes, e aí, aos poucos a comunidade vem procurar. Sou um professor que está aqui desde a época que não tinha nem estacionamento, nem biblioteca, há treze anos. Eu me lembro que muitas vezes eu subia com meus alunos de publicidade e jornalismo pra fazer observação naturalística, e não existia escada, não existia nada na comunidade; era uma comunidade muito pé no chão. E hoje você vê as UPAS aqui, serviço de vacinação, serviços de atendimentos, fisioterapia, psicologia, odontologia, evolução e a Psicologia ajudou nesse processo (Roberto Lopes Sales, 2019).

Gabriela também considera grande a importância social da Clínica, não só para a capital como também para o interior do Estado. Destaca ainda que há muitos encaminhamentos médicos e que todos que são atendidos pelos alunos são atendidos com muito respeito.

Eu acho que a importância da CPA (Centro de Práticas Aplicadas) é muito grande, porque a gente atende a uma demanda grande. Ainda não se está conseguindo dar conta de toda demanda, mas, pela demanda que chega, dá para perceber a posição do lugar que o CPA tem aqui para a comunidade e para comunidades vizinhas. Então quando a gente recebe encaminhamento de gente de fora, de médico não sei de onde, entendemos que já está bem instalado na cidade, que é reconhecido como um Serviço Escola que tem importância, que faz um bom trabalho. Então, se o encaminhamento chega, se a demanda tem chegado, é porque há um conhecimento de que é um bom trabalho. Por isso eu acho que é de fundamental importância para cidade de Maceió e do interior de Alagoas. (Gabriela Costa Moura, 2019).

Quanto ao que precisaria ser melhorado no Serviço-Escola, Roberto enfatiza mais uma vez a carência de alunos atuando com crianças especiais, a exemplo de crianças autistas, sendo avaliadas em salas especiais; carência desenvolvimento de projetos de pesquisa e extensão.

Eu acho que ainda existem situações dentro da formação do curso que poderiam ser melhoradas, por exemplo, essa questão mesmo que eu falei da deficiência mental. Eu particularmente enquanto supervisor não me sinto capaz de dar uma estruturação, uma supervisão, para um aluno atender um autista, sem uma sala apropriada e sem uma formação específica para atendimentos em deficiência mental, por exemplo. Eu acho que para isso poderia ter feito uma capacitação, ou algumas matérias que pudessem dar essa condição. E eu acho que há outras questões, por exemplo, senão tivesse tantas formalidades e posicionamentos avaliativos, eu acho que se poderia fazer melhor. Menos formalidades para desenvolver projetos de pesquisa e extensão. Também seria interessante trabalhar com grupos, grupos operativos, grupos de gestantes carentes etc (Roberto Lopes Sales, 2019).

Gabriela, por sua vez, entende que deveria ser melhorada a dinâmica de funcionamento da sala de evolução do Sistema (SICS), sendo necessário, segundo ela, regras que limitem o uso dos computadores exclusivamente para essa finalidade, o que não ocorre atualmente.

Eu me lembrei de outra coisa que talvez eu não tenha comentado. Isso até deu um ‘bafafá’ esse mês passado. Isso a gente conseguiu resolver estabelecendo regras. Se não se estabelece regras aqui, o aluno pinta e borda na sala de evolução do sistema (para abertura e fechamento de sessões). Agora lá só entra aluno que precisa fazer a evolução. Antes, tinha estagiário que estava fazendo relatório ou outros trabalhos acadêmicos, enquanto o outro ficava esperando para fazer evolução. Pense no problema! Eu e Roberto, engajados em mudar isso, vínhamos sempre a conversando. Recebíamos até foto de alunos que estava almoçando na sala; o sofá, que é para todo mundo, aluno deitado, dormindo... os alunos iam para o mini auditório, para outras salas que tinham computador, fazer evolução e deixavam tudo aberto, expondo a escrita da sessão... os próprios alunos viam e falavam para nós. Fico feliz quando os alunos levam isso para supervisão porque eles estão entendendo o que é uma conduta ética, que isso faz parte da formação. ‘olha, não pode, como pode você deixar a evolução ali aberta?’ Alguns conseguem situar as questões ética envolvida no trabalho clínico que são muitas a partir dessas lacunas que a gente vai encontrando. (Gabriela Costa Moura, 2019).

Conforme visto, a carga horária de atendimento é considerada adequada pela maioria dos supervisores. Apenas Kayse entende como alta, tendo por critério as condições de

acompanhar os casos na supervisão. Aparentemente, a angústia da supervisora quanto a isso se relaciona com o estilo de supervisão que adota, coerente com sua abordagem teórica, de avaliar pontualmente cada caso para estruturar protocolos de atendimento individualizados. É bom lembrar que ela declara que na supervisão o foco central são os casos, e não propriamente o aluno. Os demais supervisores priorizam na supervisão o estagiário e sua postura, o que provavelmente tornaria a supervisão mais fluida e compartilhável na troca de experiências.

A conclusão da supervisora Kayse, de que há muitos casos para dar conta na supervisão, parece estar também relacionada ao fato de que a supervisão não contempla apenas a supervisão dos casos, mas inclui o preenchimento dos dados no Sistema e outras formalidades do estágio dentro do mesmo horário. Nesse caso, tal queixa é expressada por outros supervisores.

De modo geral, a carga horária de supervisão é considerada pelos supervisores como adequada ou como prejudicada pelo que eles consideram excesso de burocracia, dando destaque especial ao preenchimento do Sistema (SICS – Magister), comum às duas IES. Tanto a funcionalidade do sistema em si, quanto o fato de ele ter de ser preenchido dentro do horário de supervisão, é um incômodo geral, que cada supervisor lida ao seu modo.

O Sistema Integrado de Clínicas de Saúde- SICS foi implantado em 2012 na UNIT Aracaju e em 2017 na UNIT Maceió. A implantação do Sistema teve como objetivo a conservação, preservação e sigilo dos dados dos pacientes, uma vez que o seu formato se configura como um ‘prontuário eletrônico’ para inserção dos resumos de sessões psicoterápicas realizadas pelos alunos. O Sistema é devidamente autorizado pela CRP das regiões de Alagoas e Sergipe.

A reclamação dos supervisores está intimamente ligada ao tempo de supervisão que é exigido para a alimentação dos dados no Sistema (SICS), visto que sua funcionalidade exige atenção nas inserções dos resumos de sessão realizados pelos alunos. Isso prejudicaria a orientação dada pelos supervisores aos alunos com relação aos atendimentos. Nessas condições, a supervisão de quatro horas se torna insuficiente ou, no mínimo, apressada.

Os supervisores também sugerem mudanças no ambiente, para torná-lo mais acolhedor e humanizado, desprendendo-se de um “modelo médico”, segundo Petruska e Elen, com relação ao Serviço- Escola que atuam.

Para poder contextualizar, a Clínica de Psicologia da UNIT Aracaju foi inaugurada em 2001, quando a realidade do curso de Psicologia era bem diferente, com turmas apenas no turno da noite, atualmente tem que dar conta de demandas das turmas dos turnos da manhã e noite, além de outras atividades de disciplinas e alguns outros cursos da Universidade. As instalações da Clínica mantêm-se estruturalmente as mesmas, tendo havido nesse período algumas

reformas de manutenção, sendo a última mais geral ocorrida em 2014, quando se atualizou toda rede elétrica, telhado e pintura. Existe o indicativo por parte da Universidade de mudança de endereço, ainda sem data definida, para instalações mais amplas e confortáveis.

A Clínica de Psicologia Aplicada – CPA, da UNIT Maceió, por sua vez, passou por uma reforma estrutural recentemente, ampliando o número de salas de atendimento, mas apresentando questões pontuais ou ignoráveis. Segundo Gabriela, ainda há problemas na acústica das salas, enquanto que Roberto, menos explicitamente, comenta que “se adapta a tudo”. A equipe de apoio dos dois serviços, contudo, é amplamente elogiada pelos supervisores, mostrando-se fundamental no suporte aos alunos, pacientes e supervisores.

Os professores Roberto e Gabriela definiram, ao final da entrevista, o que significa para eles ser supervisor:

Eu acho que é ampliar o campo de visão; é aquela questão do ‘terceiro olho’, do olho da consciência. Às vezes eles se sentem encantados, ‘como é que você viu isso? É um olhar aprimorado, um olhar que vem continuado. Eu me tornei psicólogo ao longo do curso; eu não estava aqui só cumprindo uma frequência, eu estava me tornando psicólogo aos longos dos meus seis anos, que são cinco anos deles, e eu digo a eles, ser supervisor é ‘um tornar-se’, é ter esse olhar distanciado, mas me colocar em um olhar empático. Eu me coloco muito no lugar deles. E eu digo a eles, no dia que eu não conseguir mais essa relação afetiva profissional, esse olhar empático, essa escuta interessada é porque eu não dou mais para ser professor e nem psicólogo. [...] Eu já fui professor de uma grande maioria de colegas. Eu acho que eu não estava na Santa Ceia, mas é bem próximo disso. (Roberto Lopes Sales, 2019).

Acho que ser supervisora é um ato de extrema responsabilidade, porque você vai auxiliar os estudantes que estão para se formar. Você fará um papel quase de pai, de mãe, no sentido de que você vai, de alguma maneira, estar no lugar do qual o estudante vai esperar de você uma orientação, uma supervisão e um direcionamento. Por isso eu vejo como de muita responsabilidade, que vai para além dessas questões; demanda experiência e conhecimento. Acho que ser supervisora lá no início, em 2010 para 2011, era um pouquinho mais difícil do que agora, pensado no tempo de experiência. Ser supervisora é escutar com atenção flutuante, do mesmo jeito que você faria escutando alguém numa sessão. Mas com o cuidado do que está sendo trazido pelo aluno, que está falando sobre outra pessoa, mas que ali também podem aparecer questões dele mesmo. Então é um exercício que demanda muito do profissional. (Gabriela Costa Moura, 2019).

As supervisoras da UNIT Aracaju também concluíram seus relatos colocando suas compreensões do que é ser Supervisora:

Eu acho que é uma coisa muito difícil (risadas), porque o supervisor tem que educar não educando, digamos assim. Então ele tem que orientar, mas ele tem que deixar a subjetividade do aluno prevalecer, porque senão eu não testou supervisionando, eu estou formando, eu estou trabalhando no modelo fordista de construir todos os carros pretinhos iguais.[...] Você tem que ensinar teoria e técnica e ajudar na vivência do aluno, mas suportar - que eu digo que a palavra é suportar mesmo - suportar as diferenças. E deixar eles serem do jeito deles. Mesmo com o coraçãozinho batendo ‘vai dar errado’, a sensação às vezes é essa. Eu acho que é o maior conflito que eu

tenho na supervisão. [...] Você não é supervisor 4 horas por semana dos alunos porque eu recebo; quando o aluno está angustiado, ele não tem hora para me ligar. Eu recebo ligação domingo, eu recebo ligação sábado, eu recebo ligação de madrugada; por WhatsApp ou mensagem. [...] Eu digo que a gente não ‘está’ supervisora, nesse sentido a gente ‘é’, porque quando fecha a porta de lá da sala de supervisão, os alunos vão atrás da gente o tempo todo e a gente vira referência para eles, mesmo tendo um analista. [...] Tem horas que eu digo: ‘olha, isso daqui não está legal eu acho interessante você levar para sua análise’ Os meninos brincam muito com isso, porque dizem que quando eu falo isso é porque a coisa ‘tá pegando’. Mas é porque eu sinto que eu não devo falar muito mais além do que aquilo e eu vou ter que esperar o aluno poder resolver aquilo para poder trabalhar aquilo com o paciente. (Petruska Passos Meneses, 2019).

Ser supervisor para mim é uma oportunidade imensa de aprendizagem, então eu fiz essa escolha pela oportunidade de aprender e isso é sem tamanho lá dentro. Eu noto que lá dentro eu tenho uma oportunidade de conhecer novos casos, estudar sobre novos casos, e eu vejo como uma grande oportunidade de aprendizado. Eu acessei mais isso depois que entrei na Clínica Escola, porque antes era um caso ou outro na clínica. Então eu gostei muito desse papel. É tanto que a gente está montando um grupo agora num consultório com ex-alunos para dar supervisão. É uma coisa que me encantou no momento de troca de conhecimento, porque antes eu já tinha vivenciado isso enquanto aluna de uma pós graduação e eu achava maravilhoso. Eu até dizia que é cansativo passar quatro horas - porque lá eram quatro horas também - discutindo um caso, mas é maravilhoso. Supervisionar para mim é maravilhoso! (Kayse Luisa Carvalho Alcântara, 2019).

Acho que pegou agora (choro emocionado). Eu acho que desde o dia que eu pisei aqui nessa Clínica para ser supervisora, minha vida deu uma virada completamente. O contato com esses meninos é contagiante! Despertou em mim uma meninice; despertou em mim um dom. Acho que eu já tinha essa sensação de poder visualizar o crescimento deles, e até hoje eu acompanho alguns lá fora, já no mercado de trabalho, já como colega de profissão. Então, ser supervisor é só dentro da própria palavra; poder ter um olhar diferenciado para aquilo que já está dentro deles. Eu gosto muito da palavra ‘facilitador’. É poder facilitar o processo de passagem deles. O processo de entrada dentro da Clínica é muito emocionante. Mobiliza a eles, assim como o processo terapêutico mobiliza o paciente, mobiliza o terapeuta. Acho que esse processo mobiliza aluno e mobiliza supervisor. Não tem como passar por aqui sem ser mobilizado. São meninos muitos jovens que eu aprendo diariamente com eles; uma troca imensa. É um lugar onde me sinto muito confortável, muito! E ver o olhar diferenciando, porque quando vão chegando o final do Específico II [...] já estão mais seguros; eles conseguem trazer esse outro olhar. Então, se é uma turma de seis alunos, são sete olhares diferentes. E aí os casos no final chegam de uma forma muito bonita! Por causa disso, [...] tenho mais vontade de estar aqui como supervisora do que como psicoterapeuta no consultório. Eu me divido em quatro funções: eu sou professora, supervisora, psicoterapeuta, e trabalho com Psicologia na escola, mas esse espaço na supervisão hoje é um dos espaços que mais me fascinam. Me esvaziar de um saber de anos, mais de vinte e cinco anos de prática, [...] me ensina, porque eu preciso estudar diariamente, cotidianamente. Tenho estudado muito; eu cresci muito em dois anos que esses meninos não fazem ideia! (Elen Rose Paesante, 2019).

As supervisoras que adotam a abordagem psicanalítica, Gabriela e Petruska, apresentam olhares próximos quanto ao papel de supervisor. Para Gabriela, supervisionar é uma tarefa de responsabilidade extrema, ao ponto de se assumir uma posição de um “pai” e de uma “mãe”, em termos de acolhimento, exemplo e orientação, sendo necessário, para tanto, experiência, conhecimento e dedicação. Petruska, por sua vez, entende que supervisionar é “educar não

educando”, dando a chance de a subjetividade do aluno aparecer; o supervisor se torna referência e deve se colocar disponível para além do horário de supervisão, por vezes indicando ao aluno a necessidade de trabalhar suas questões no seu processo clínico pessoal.

Elen e Roberto, supervisores que também adotam abordagem semelhante, a Gestalt, estão em sintonia com a forma como entendem o lugar de supervisor. Elen destaca que a posição de supervisora é a que mais a atrai, estimula e fascina. Entende a supervisão como uma relação horizontal que proporciona uma troca de olhares sobre o caso, na qual ambos, supervisor e aluno, evoluem. Relatou imenso prazer em acompanhar a evolução do aluno e grande empenho em estudar para dar supervisão. Já Roberto descreve a supervisão como uma relação afetiva e profissional, que implica na implementação de um olhar empático ampliado: a objetividade do distanciamento, associado ao “colocar-se no lugar do outro”. A supervisora Kayse, por fim, apontou seu aprimoramento na prática clínica a partir da supervisão, destacando o quanto gosta de se deparar com casos novos e como a prática de supervisão a estimula nesse sentido.

Fundamental destacar que há muitas questões envolvidas na dinâmica de supervisão. Segundo Buys (1987), a eficácia da supervisão está atrelada a alguns aspectos que dependem da postura do aluno. Cita alguns aspectos direcionados para o supervisionando, mas que também podem ser atribuído à postura do supervisor. Tais aspectos são: grau de conhecimento teórico; habilidade de organizar os aspectos da experiência vivida, levando em conta uma relação de certa forma tríplice entre estagiário, paciente e supervisor; disponibilidade à experiências sem resistências para uma relação de confiança com o supervisor; ter uma atitude autocrítica e autonomia para ser independente e não perder a liberdade intelectual e emocional diante dos pacientes e casos atendidos. Todas essas posturas, quando é agregada à experiência de longo prazo do supervisor, e também à sua didática, terminam por definir a supervisão eficaz. Os supervisores entrevistados demonstraram, a partir do estilo próprio de cada um, estarem em sintonia com esses princípios, conforme pôde ser visto.

Na seção seguinte se versará sobre as narrativas dos estagiários que fizeram presente nesta pesquisa e contribuíram com suas percepções diante do processo de formação.

4. A formação do psicólogo nos Serviços-Escola: o olhar e a experiência vivida do aluno nos estágios específicos

4.1. Caracterização da trajetória do aluno

Foram entrevistados dois alunos da UNIT Aracaju, Cleyson Avelino Militão, aluno do 10^a período cursando o Estágio Específico II na abordagem da Gestalt terapia, e Eduardo Marques Cleverton Santos, aluno do 10^a período cursando o Estágio Específico II na abordagem do Psicodrama.

Na UNIT-Macieó, os alunos entrevistados foram Eveline Maria Ferreira Santana, 10^o período de Psicologia, cursando o Estágio Específico II, na abordagem da TCC; Maylane dos Santos Silva Soares, 10^o período de Psicologia, cursando o Estágio Específico II, na abordagem da Gestal terapia, e Caren Renata Zarpelon, 10^o período de Psicologia, cursando o Estágio Específico II, na abordagem da Psicanálise.

Os alunos da UNIT-Aracaju entrevistados tiveram expectativas diferentes frente ao início dos Estágios Específicos no Serviço-Escola. O aluno Cleyson diz que, durante os quatro primeiros anos de formação, não se interessava pela atuação em Psicologia Clínica. Considerava superestimada e tinha como principal interesse a Psicologia Escolar. Apenas no último ano do curso passou a considerar a área clínica como uma área edificante, passando a ter interesse pela clínica já no estágio Específico I.

Já o aluno Eduardo revela que sempre teve muita expectativa pela chegada à Clínica de Psicologia da UNIT. Segundo ele, não houve a oportunidade de conhecer o Serviço Escola antes do desse Estágio. E sempre ouvia com interesse as experiências dos colegas que já estavam em atividade na Clínica.

As motivações iniciais dos alunos Cleyson e Eduardo para escolha do curso de Psicologia perpassam questões de autoconhecimento e experiências vividas na adolescência. Cleyson destaca que sua maior motivação para escolher a Psicologia como profissão foi o “desejo de se conhecer melhor”. Além disso, o curso também o fez aprender sobre o comportamento do outro. Relata ainda que o fato de ter feito terapia a partir do seu 6^o período de curso fez sua motivação aumentar.

Despertou-me um sentimento do quanto eu ainda não conheço e o quanto eu posso conhecer do ser humano de maneira mais íntima dentro de um consultório. E agora que estou me formando, oficialmente quase formado, tenho interesse tanto na Clínica como nas outras áreas da Psicologia. Meu desejo é exercer a Psicologia e, onde quer

que eu vá, vou fazer isso com todo meu empenho e com todo meu esforço. (Cleyson Avelino Militão, 2019).

Para Eduardo, seu interesse começou ainda no ensino médio, quando fez sua escolha para cursar Psicologia. Sua motivação foi decorrente de um conflito pessoal que o atormentou durante as aulas dessa época, quando teve contato com a psicóloga da escola. Em suas palavras:

A escola que eu estudava era muito atenciosa e tinha uma psicóloga, da abordagem Psicodrama, que eu só fui descobrir depois. Ela me chamou porque eu tirei uma nota vermelha, e eu nunca tinha feito isso. Nessa época eu já estudava lá há uns oito anos, na mesma escola, e nunca tinha tirado uma nota vermelha tão preocupante. Aí ela me chamou e eu e descarreguei tudo e me senti muito bem. Ela foi me chamando regularmente. Sei que não é uma prática regular na escola fazer um atendimento individual como se faz na clínica, mas era uma coisa que acontecia lá dentro da escola. Eu, naquele momento, não sabia o que ia fazer da minha vida quando me formasse. Eu já era primeiro ano. Ela me ajudou, e aí eu pensei: ‘caramba, ajudou a me tocar em tantas coisas importantes para mim’. Esse foi o maior ponto. Eu quero levar isso para outra pessoa; eu quero ser a pessoa que ajuda outras pessoas. Não que eu vá organizar a bagunça que existe na vida de outras, mas dar uma chance de elas organizarem. Foi aí que eu decidi e nunca tive dúvida (Eduardo Marque Cleverton Santos, 2019).

Ambos os alunos entendem a graduação de Psicologia como um curso em crescimento. Cleyson, entende que o olhar com relação ao curso é muito pessoal e relativo às próprias experiências, diz que o curso “edificou” no decorrer do tempo. Aprendeu muito com todas as experiências positivas e negativas durante os cinco anos de curso, e que a abordagem escolhida fez muita diferença em sua vida.

Até pouco tempo eu achava que poderia ter aproveitado mais[...], mas eu senti que eu vivi o que era necessário. Eu estou saindo com a sensação de que eu completei tudo que eu tinha para fazer e que mais do que isso seria um esforço que eu não iria aguentar. Assim, o que eu me propus a fazer, eu fiz bem, eu fiz com segurança, eu fiz com clareza, com consciência e tive muitas experiências. Estou numa fase que estou lembrando das minhas experiências na graduação e foram mais que eu imaginei! Isso está me trazendo um orgulho imenso nesse momento. Eu acho que a gente tem que se dar esse privilégio, de se reconhecer e ter consciência das suas potencialidades e dos seus limites também. (Cleyson Avelino Militão, 2019).

Eduardo revela que pode revelar o crescimento do curso ao longo dos períodos. Ressalta a qualidade dos professores e a forte estrutura da Universidade. Diz ainda que a liberdade que dada aos alunos para “uso da criatividade”, como criação de Ligas acadêmicas, projetos de extensão grupos de estudo, pesquisas faz a diferença. Por considerar que o curso de Psicologia da UNIT é um dos melhores da região.

Olha, eu acredito que a graduação da UNIT em Psicologia seja, pelo que eu ouço, uma das melhores mesmo da região em si. A UNIT oferece toda uma sorte de oportunidade

e a gente viu o curso mudar e evoluir ao longo dos anos. Eu tive muito bons professores, de muito renome, e tive a oportunidade de entrar em contato com tantos outros aqui na Clínica mesmo, de ainda mais renome, que representam força na Psicologia. Então a graduação dá essa oportunidade para gente. Ela dava menos no começo, eu percebi, porque a gente não sabia muito o que fazer. Aí eventualmente foram se criando Ligas Acadêmicas, grupos de estudo e a gente foi vendo... ‘Pera aí, dá pra fazer muita coisa!’[...] O curso tem essa liberdade, essa propriedade. Ele tem coisas a melhorar, claro, eu observo isso vividamente. Eu vejo que tem um pouco de TCC e Psicanálise demais e fenomenológicas de menos. Outras abordagens muito interessantes, que são sempre ponto de interesse, como Junguiana ou a Transpessoal, não sei, centrado na Pessoa, são muito mais fortes em outros lugares e aqui não. Eu sinto que com a mudança que houve nas grades deve ter melhorado um pouquinho nessa questão, [...] mas no geral é um curso que oferece toda uma sorte de possibilidades para gente e que permite liberdade mesmo (Eduardo Marque Cleverton Santos, 2019).

Ambos os alunos pretendem atuar diretamente com a Psicologia, especificamente na Clínica e na Psicologia Escolar.

Então, eu acabei me entregando para essa pergunta, né? Eu inclusive penso na perspectiva da Psicologia Escolar ainda, mas em outras configurações, em outras formas de atuar, em outras formas de buscar.[...] Eu pretendo atuar tanto na área Clínica quanto em outras áreas. Eu estou aberto também para conhecer, já que a Psicologia tem tantas faces, mas neste momento eu estou focando nessa parte na Clínica e na área da escola” (Cleyson Avelino Militão 2019).

Quando a gente chega nos dois últimos anos é que a gente pega contato com a prática. Eu tive a oportunidade de ter a prática na Psicologia Escolar, na Psicologia Jurídica no CASE, e aqui na Clínica, e de todas a que eu mais gostei foi a Clínica. Eu pretendo atuar na área clínica tanto quanto estou disposto a explorar outras áreas, mas o meu pensamento está na Psicologia Escolar porque eu tive uma boa experiência no campo escolar.” (Eduardo Marque Cleverton Santos, 2019).

Cleyson e Eduardo ressaltam a relevância da Psicologia e expressam em suas narrativas as diferentes áreas de atuação. Cleyson define a Psicologia como “instrumento de transformação social”, enquanto Eduardo sinaliza os diferentes e possíveis campos de atuação na sociedade.

A Psicologia é uma área gigante, não é? Onde tem ser humano, a gente pode trabalhar. Isso fala muito da perspectiva da Psicologia na atualidade. Eu acho que a Psicologia é um instrumento de trazer humanização onde falta, de trazer reflexão onde está precisando. É um instrumento de transformação social também. Independente da área, eu estou atuando com o outro. E o que eu quero trazer para esse outro? O que eu quero de positivo para minha sociedade? O que eu quero de positivo para vida das pessoas e para a minha também? Porque a gente tem que se incluir nesse processo. [...] Esse é o meu entendimento de Psicologia na atualidade. Ver a Psicologia como esse manto da saúde, da ética, da humanização; de resgatar valores que às vezes se perdem ou que as pessoas não se permitiram ou não tiveram a oportunidade de conhecer ainda. E então trazer o que a gente tem de melhor nesse ser humano. (Cleyson Avelino Militão, 2019).

Eu acho que a Psicologia tem muito poder no cenário atual, principalmente pela forma de como ela é. Ela é como várias estradas intercruzadas que guiam para caminhos diferentes, porque a Psicologia, raiz em si, ela se desmembra e se transforma. A Psicologia é cuidar desse micro, que é o outro; é estar para o outro. Mas ela também se comporta no macro: Psicologia Social, Psicologia Comunitária, oferecem uma chance, uma perspectiva de lembrar ao ser humano que ele é humano, de várias formas diferentes. [...] É muito poder, muita diversidade e muita elasticidade, só basta ser criativo que você acha um lugar para Psicologia. (Eduardo Marque Cleverton Santos, 2019.)

Na UNIT-Maceió, Eveline, Maylane e Caren Renata apresentam pontos convergentes com os alunos entrevistados da UNIT Aracaju em relação às expectativas quanto ao início dos Estágio Específicos. Ansiedade, desejo e medo aparecem como pontos comuns nas narrativas. Eveline relata que teve dúvida no penúltimo ano de graduação com relação à escolha da área de Psicologia: Escolar ou Clínica. Optou pela Clínica no último momento. O início dos estágios lhe gerou muita ansiedade em relação aos atendimentos individuais, mas disse que manteve boas expectativas, por saber que iria adquirir muitos conhecimentos sobre o comportamento humano.

Antes de realmente eu escolher a Psicologia Clínica, eu estava muito em dúvida. Então, no último dia do estágio de Hospitalar, foi quando eu escolhi fazer o Estágio Específico em Psicologia Clínica. No primeiro dia que eu cheguei aqui, eu estava muito ansiosa, porque a única coisa que a gente sabe é o nome do paciente e só. Não sabe o que é que vem; não sabe qual é a demanda, as coisas que ele traz. Então, eu estava ansiosa, muito ansiosa. Mas as minhas expectativas estavam muito altas, porque eu sabia que a partir dali eu ia adquirir muito conhecimento para minha vida profissional (Eveline Maria Ferreira, 2019).

Maylane trouxe como expectativa a vontade de aprender mais sobre a prática clínica para atuar no mercado de trabalho.

Minha expectativa era as possibilidades que eu visualizava em atuar fora daqui também, na Área Clínica em Psicologia, então a expectativa era aprender um pouco mais sobre, qual a postura que o psicólogo deve assumir durante esse processo de psicoterapia e dos serviços que a gente oferece aqui, e aí então, o principal foco era esse mesmo, era o que eu visualizo também fora daqui na atuação, nessa área entende? É essencial esse momento aqui de aprendizagem, porque aqui nós somos supervisionados né, temos supervisões, e aí temos orientações para atuar de maneira adequada e é basicamente isso que eu tinha como expectativa” (Maylane dos Santos Silva, 2019).

Para Caren, a expectativa era “enfrentar um grande desafio”. Diz que sentiu muita curiosidade em saber como era a interação do paciente com o aluno de Psicologia exercendo o papel de psicoterapeuta. Destaca que toda expectativa gerada só foi possível de ser enfrentada porque faz terapia. Outra inquietação mencionada por Caren foi o cumprimento da carga horária

conciliada com o trabalho em uma área completamente diferente, como gerente de vendas de uma rede de hotéis.

Eu via isso como uma questão de muita responsabilidade. Não que nas outras áreas não seja, mas eu acho que talvez em outras áreas, como você não está ali só você, você se sente um pouquinho mais apoiado, um pouquinho mais respaldado. E então vinha aqueles receios de ‘nossa! agora é a hora de ver realmente o que eu aprendi’, de ver o que eu absorvi; o que foi possível absorver nesses muitos anos de estudo e fazer acontecer. Vinha uma questão assim, e ainda vem muito forte, de uma responsabilidade muito grande. Estamos aqui enquanto aluno para aprender. Estamos passíveis ao erro; aqui já não podia errar muito, porque é uma responsabilidade grande. O outro está ali com uma expectativa e ele vem até a Clínica Escola, e entende isso, mas existe uma expectativa de ter de fato resultados. (Caren Renata Zarpelon, 2019).

As motivações iniciais narradas pelas alunas convergem entre si. As três foram incentivadas pelo contexto familiar que vivenciaram no início do curso. Maylane diz que todos os componentes de sua família a viam como “confidente”, e sinalizavam o tempo todo que seria a Psicologia a sua profissão.

Inicialmente, para fazer o curso de Psicologia, fui muito influenciada por minha família. Sempre que alguém tinha algum problema emocional sempre me chamavam. Tios, tias: ‘olha, chama Maylane, porque ela sabe conversar’. E foi assim que tudo começou. Eu fui muito motivada por isso. (Maylane dos Santos Silva, 2019).

Eveline escolheu Psicologia depois de passar por uma experiência familiar, quando um membro próximo da família desenvolveu um transtorno e teve acompanhamento psicológico. Desta experiência surgiu o interesse pela Psicologia, ainda criança.

A minha escolha por Psicologia foi devido a uma situação que eu tive dentro de casa. A minha mãe adquiriu um transtorno, e a partir daí eu fui acompanhando todo o processo da descoberta do transtorno, tratamento, até hoje em dia. Ver o trabalho do psicólogo nela me chamou muita atenção, porque era uma coisa que eu via como muito distante, era uma profissão muito distante. Pelo menos, quando eu era criança queria ser médica. Acho que toda criança visa ser médica. Então ver e ter esse contato com a Psicologia através da minha mãe, foi muito encantador; eu me encantei demais. Então, eu fui conversando com outros colegas que também faziam Psicologia e foi a partir daí que eu escolhi. (Eveline Maria Ferreira, 2019)

Com Caren não foi diferente. A motivação para escolher Psicologia veio da valorização que sempre deu aos fenômenos das relações familiares. Ao observar sua mãe, assistente social, trabalhando em um abrigo, sempre teve curiosidade e admiração pelo trabalho que ela realizava com crianças e adolescentes que não conviviam com a família de origem. Sempre pensou que poderia fazer algo a mais que sua mãe, enquanto assistente social, podia fazer. Quando teve a

chance de compreender o que a profissão de Psicologia podia fazer, não teve dúvida que essa era a sua escolha.

E isso ficou comigo, e depois a gente mudou. Minha mãe saiu desse trabalho; eu morei fora um tempo, comecei a trabalhar com coisas que não tinham nada a ver com a Psicologia, mas sempre ficou aquela vontade de conhecer mais. Uma curiosidade sobre a subjetividade; pelas relações familiares, e aí comecei a pesquisar sobre isso. Assistência Social foi uma coisa que eu pesquisei, mas que não me chamou tanto, e quando eu entendi de fato o que era a Psicologia, falei: 'é isso, parece um tanto interessante'. Está ligado àquelas curiosidades que sempre passavam pela minha cabeça e que sempre me convocavam de alguma forma, mas até então eu não sabia o que de fato era a Psicologia e quão amplo isso era. Eu me lembro de quando eu comecei a chegar mais perto de entrar na faculdade e entender o que era Psicologia. Meu Deus, a Psicologia tem um monte de área de atuação. Aí foi aquele choque de 'nossa que bacana, eu ainda vou entrar e vou ter muitas possibilidades'. Várias coisas na minha vida foram acontecendo e eu acho que a coisa que mais seguiu a linha foi aquela coisa da Psicologia, de que eu tenho que terminar esse negócio. Isso é muito apaixonante, muito bonito. E eu até cheguei a pensar numa época que, por mais que eu não viesse a exercer, isso está mudando a minha vida e fazendo eu olhar o mundo de uma outra forma; de uma forma que eu sempre tive curiosidade para entender mais. (Caren Renata Zarpelon, 2019).

As alunas trazem diferentes reflexões sobre a graduação em Psicologia. Em alguns momentos suas narrativas se cruzam. Caren pontua que no início do curso achava que cinco anos era demais. Agora no final do curso percebe que se fossem 10 anos ainda não seriam suficientes. Acredita que existe uma necessidade de renovação constante e que o fato de ter passado por várias matrizes curriculares, inclusive em outras instituições, faz com que ela entenda que essas matrizes precisam de atualizações constantes. Também enfatiza que muitas coisas importantes são passadas sem muita ênfase, sendo responsabilidade do aluno buscar além do que foi visto em sala de aula.

A minha percepção é que a Psicologia a cada ano tem que ser revista, revisitada, para ver o que colocar nessa grade, porque muita coisa é importante e cinco anos acabam sendo pouco. A gente vê muita coisa e parece que não vê o suficiente. Porque tem muita coisa que a gente ainda vê, mas vê muito rápido. Tem muitas novas aparecendo na Psicologia que a gente ainda sai sem ver e eu vejo que é impossível você sair formada e exercer e não buscar além disso. Outra coisa que eu percebo da formação é ela não é para qualquer um, porque ela é uma formação que exige muito do aluno. Primeiramente tem de gostar de ler e ter essa curiosidade de buscar fora, e estar disposto realmente. Acho que, como qualquer área da saúde, tem que estudar para sempre; pesquisar, estar antenado. Mas, assim, também a questão de você estar no processo terapêutico, de você fazer terapia; de você passar por isso e acreditar nisso. Eu fico até, assim, incomodada, quando eu ouço de colegas que estão terminando e nunca foram a um psicólogo ou a uma psicóloga.[...] Os professores ressaltam muito essa necessidade do processo terapêutico e colocam até como questão de nota, para ver se a coisa anda mesmo. Mesmo assim muita gente não vai. (Caren Renata Zarpelon, 2019).

Na opinião de Eveline, falta muita coisa na graduação, porém, compreende que não há possibilidade de se adquirir todo conhecimento sobre o comportamento humano em cinco anos, e por isso entende que o aluno precisa buscar muitos cursos além dos muros da instituição.

Eu percebo que ainda falta muita coisa; ainda sinto falta de muita coisa que era pra ser trabalhado durante a graduação. Eu não posso culpar os professores ou a Universidade, porque eu entendo que, quando eu comecei aqui, são cinco anos. Cinco anos não vão me fazer entender toda dinâmica do ser humano. Falo assim mais da parte clínica, eu não vou entender isso. Então consegui fazer alguns cursos por fora; ler, muita leitura. Então, foi a partir daí que eu fui adquirindo alguns outros conhecimentos que eu sentia falta, mas eu acho que ainda falta muita coisa dentro da graduação (Eveline Maria Ferreira, 2019).

Maylane entende que a sociedade está mudando suas percepções sobre a Psicologia e isso, conseqüentemente, exige do aluno interesse maior pelo curso e responsabilidade de se submeter à psicoterapia.

Eu acredito que é devido às mudanças que vem acontecendo na própria sociedade, que se exige uma responsabilidade muito grande da pessoa que se coloca a querer escolher cursar Psicologia. Porque a gente lida com diversos casos. Durante esse processo, tem diversas áreas também da Psicologia que eles podem estar atuando. Eu sei que isso é uma responsabilidade. Na minha percepção é uma responsabilidade muito grande assumida, e eu acho que, nesse processo de escolha da graduação, é essencial que os alunos estejam em processo de psicoterapia também. Eu percebi isso nos estágios em Hospitalar, por exemplo; em Psicologia do Trabalho e Organizacional, que é essencial durante esse processo de graduação o aluno ter um preparo. Também ter um cuidado com seu próprio psicológico, de estar em processo de psicoterapia (Maylane dos Santos Silva, 2019).

Relativo à avaliação do curso de Psicologia da UNIT Maceió, as pontuações das alunas são distintas. Maylane é sucinta quando diz que o curso é “nota 8”, sem maiores descrições. Eveline avaliou seu curso como “muito bom!”. Conhece outros alunos de outras instituições de Maceió e percebe a diferença do é ofertado em sua Universidade, entendendo que escolheu “a melhor” instituição.

Oh, se eu for comparar o meu curso aqui na UNIT e das outras faculdades, das outras Universidades aqui de Maceió, ele é um curso muito bom, muito enriquecedor, em comparação. Eu até conheço outras pessoas de outras faculdades, e elas me trazem algumas coisas que lá não têm e aqui eu tenho a possibilidade de ver, de conhecer, de estudar. Então, eu vejo que é um curso muito bom (Eveline Maria Ferreira, 2019).

Caren destaca que seu curso tem bons professores e que em todo lugar sempre há uns “mais fortes” que outros. O que vê de negativo são as poucas horas de supervisão e que poderia

atender mais de seis pacientes. Mas isso não seria coerente porque há uma dificuldade enorme para falar de todos os casos na supervisão.

O que acontece é que as horas de supervisão que a gente tem eu não acho suficientes. Por exemplo, eu acho adequado a gente atender seis pacientes no máximo. Eu até gostaria de poder atender mais, até para ter uma experiência de atender um idoso, um adolescente, uma criança pelo menos. Eu acho que seria bacana quem escolhe Estágio Específico em clínica tivesse que atender essas diferentes idades até para dar um norte, o que eu quero buscar após e ter esse primeiro contato. Mas eu acho que uma coisa que na UNIT eu mais senti falta foi de mais horas de supervisão. Quando a gente chega com os casos; quando se está atendendo seis pacientes e você chega com os casos para supervisão, não dá tempo de todo mundo falar. Já aconteceu de a gente fazer com um cronômetro; colocar para despertar para o outro parar e outro conseguir ir, e a gente priorizar os casos que a gente mais precisa de ajuda, para dar conta. Eu sei, eu tenho para mim que por mais que o me empenhe na leitura e tente fazer um bom trabalho, se eu não tivesse em terapia, eu não daria conta, porque não dá tempo da gente falar sobre todas as questões (Caren Renata Zarpelon, 2019).

Todas as três alunas possuem o desejo de atuar na Psicologia Clínica. Maylane também deseja atuar em Psicologia Escolar.

Bom, assim que eu terminar o curso, no ano que vem já tem a oportunidade de atuar na escola lá na cidade que eu moro, que é Piaçabuçu, no interior aqui de Maceió. E aí eu pretendo atuar na área escolar e, principalmente, na área clínica, que, em outra cidade um pouquinho maior que a minha, surgiu a oportunidade. Pretendo atuar tanto na área escolar tanto clínica porque são áreas que eu já tenho experiência. Na área escolar também fiz dois estágios. Estágios em escola pública e escola particular também. Ainda assim eu pretendo ter supervisão, porque mesmo com essa experiência, acredito que é importante porque eu percebo que é só o começo agora de uma longa carreira pela frente. A graduação eu imaginava antes como o primeiro passo e o passo final, mas hoje em dia eu visualizou que a conclusão da graduação é só o começo; é assim que eu visualizo hoje (Maylane dos Santos Silva, 2019).

Caren revela que inicialmente não tinha interesse na Clínica psicológica, mas depois de vivenciar a experiência do Estágio despertou desejo de atuar, conciliando com seu trabalho, além de planejar fazer pós-graduação.

Eu pretendo atuar na Clínica. Não estava dentro dos meus planos iniciais, mas hoje acho que sim, justamente porque teve essa identificação. Eu pretendo atuar na Clínica com a abordagem psicanalítica, até porque, no início, eu quero fazer uma pós. E para eu iniciar a trabalhar na área e não deixar o meu trabalho, que é o que me propõe poder pagar pelos meus estudos, eu tenho realmente que fazer isso como uma briga. Eu pretendo dar continuidade basicamente ao que eu estou fazendo aqui, só que enquanto profissional. Atender na Clínica a noite e seguir com o meu trabalho e iniciar a pós-graduação (Caren Renata Zarpelon, 2019).

Eveline também trouxe o desejo de atuar na Psicologia Hospitalar, mas que a prioridade será a Psicologia Clínica.

Sim, eu pretendo a Clínica, porque a Clínica é a minha paixão e a Hospitalar também me chamou muito atenção. A Hospitalar pela minha prática, mas eu a vejo como muito distante; é um contato distante com o paciente, porque não tem aquele acompanhamento como a Clínica tem. O paciente que você atende hoje, amanhã pode ser que ele não esteja mais; então às vezes é um ou dois encontros, negócio de cinco, dez minutos. Então eu acho muito distante a hospitalar, mas a Clínica não, eu pretendo continuar na Clínica. (Eveline Maria Ferreira, 2019).

As três alunas apontam diferentes aspectos que consideram relevantes da profissão Psicologia. Caren destaca que tanto no Serviço-Escola quanto em seu trabalho ela vem percebendo uma demanda significativa para acompanhamento psicoterápico:

Olha, por um lado às vezes eu tinha um pensamento de que o psicólogo no Brasil não ia nunca ser reconhecido como em outros países. E como profissional mesmo da saúde, que outros profissionais são reconhecidos e destacados. Depois dessa onda do coach, eu fiquei maluca. Ainda tenho amigos que são coach e isso me deixa maluca, mas hoje eu acho que aprender na Clínica me conscientizou disso. A gente vê uma demanda muito grande com as pessoas. Ninguém ouve ninguém, ninguém conversa mais com ninguém, as relações estão muito líquidas. Eu vejo todo mundo lá do meu trabalho, por exemplo, que não tem nada a ver com a Psicologia e sabe que eu atendo no Serviço Escola e sabe que eu faço terapia; ‘como assim você faz terapia?’ ‘desde quando?’ ‘mas como é?’ ‘eu quero, como é que faz?’ ‘quanto que é?’. É assim, essa curiosidade vem surgindo e as pessoas se permitindo conhecer o serviço da Psicologia. Eu acho que não tem mais aquele preconceito. (Caren Renata Zarpelon, 2019).

Para Eveline, a importância da Psicologia está em evitar a “medicalização” das pessoas.

A sociedade ainda tem aquele preconceito, que a Psicologia é para pessoas loucas; eu ainda vejo muito isso. Alguns dos meus pacientes que eu atendo aqui trazem muito isso ainda, então eu ainda vejo muito isso, principalmente na minha cidade que é interior. Ainda é muito enraizado isso, mas em outras pessoas eu já vejo que isso já não é tanto; elas já estão adquirindo mais a Psicologia; vendo a Psicologia com outros olhos. Então está mudando, é um processo lento, mas está fluindo. [...] Acho que hoje, se não tivesse a Psicologia, a gente viveria num mundo onde iria ser só aquela questão da medicalização, do remédio. Como eu falei, na minha cidade natal, Paripueira, eu ainda vejo isso: ‘ah, eu vou no psiquiatra’, ‘remédio’. E a Psicologia onde fica? Então, a relevância que eu vejo nela é de extrema importância na vida da sociedade. (Eveline Maria Ferreira, 2019).

Maylane atribui a importância da Psicologia às pessoas estarem mais sensíveis às pressões psicológicas da sociedade.

Na minha opinião, a profissão de Psicologia; o exercício profissional da Psicologia é essencial, em todas as áreas, seja na área de Trabalho nas empresas, na área Escolar. Porque a gente vem visualizando até em dados estatísticos o quanto as pessoas estão sensíveis às pressões psicológicas do cotidiano. (Maylane dos Santos Silva, 2019).

Conforme se viu, há uma pluralidade de interesses profissionais por parte dos alunos entrevistados, sendo que o interesse prioritário na Psicologia Clínica, ponto comum entre todos eles, se iniciou em momentos distintos de suas vidas. Essa diversidade de propósitos e afinidades converge no entendimento de que a formação em Psicologia perpassaria o domínio da atuação clínica, que embasaria todo o desempenho profissional do psicólogo em qualquer área.

4.2. Contribuição das disciplinas curriculares para prática no serviço-escola

As respostas dos alunos da UNIT Aracaju se complementam no que diz respeito ao que deve ser priorizado na formação do aluno de Psicologia. Segundo Cleyson, a formação “deixa a desejar” com relação à formação do psicólogo como profissional autônomo. A ausência de disciplinas como Marketing e Administração fizeram falta na formação. Também considera que há muita teoria na formação e enfatiza a importância da pesquisa. Sugere ainda que se deveria incentivar mais as pesquisas, que deveria ser priorizada na formação, e destaca o papel de Ligas Acadêmicas nesse contexto.

O que senti muito durante a graduação é a questão do profissional de Psicologia enquanto ser autônomo, já que a gente não tem praticamente acesso às disciplinas de Marketing, de Propaganda, de Gestão, de Administração, então eu acho que são pontos que faltam. Mas, em compensação, temos muito acesso a teorias que falam sobre o desenvolvimento humano. Temos um ponto muito forte nessa parte sobre o desenvolvimento humano; a compreensão do comportamento ou pelo menos do que a gente pode compreender dele. Outro ponto que eu senti falta de poder vivenciar de maneira mais acessível foi justamente a área da pesquisa; algo que orientasse o processo, um movimento que incentivasse mais a pesquisa dentro da academia. A LAPSI foi a primeira Liga Acadêmica criada no curso de Psicologia e veio com uma proposta muito forte. Eu acabei passando de “ligante” para Membro da Diretoria. Assumi a cadeira da pesquisa; fizemos a pesquisa, conseguimos os resultados, conseguimos publicar no caderno de graduação. Mas isso foi uma luta muito dura. Poderia ter sido mais fácil; poderia ter sido mais apoiado. Pois os coordenadores de Liga facilitam, incentivam, eles ajudam na organização no aluno. (Cleyson Avelino Militão, 2019).

Para Eduardo o que deve ser priorizado na graduação é fazer o aluno entender o que é ser psicólogo.

No início da formação aprende-se muito o que psicólogo faz, quais são as abordagens teóricas. Mas somente no final da graduação é que há uma compreensão do que é ser psicólogo. Aí, tem as abordagens, tem essas coisas que dão identidade, que dão força, e é por isso que a gente se apega tanto às abordagens. Não é porque a gente fala: ‘Ah, porque eu sou da Psicanálise’, ‘sou TCC’. Eu gostava muito e fui vendo o que me

faltava era entender o que significava ser esse Psicólogo. Isso você só vai entender depois, o que é isso. O que eu acho que é importante na graduação é dar essa definição, o que significa ser um psicólogo nas mais variadas situações e abordagens. Lembrar que você ainda é um psicólogo não importa o lugar que você ocupe, você é um psicólogo! (Eduardo Marque Cleverton dos Santos, 2019).

Os alunos possuem entendimentos divergentes com relação à preparação específica para atuar o Serviço Escola. Cleyson compreende que várias disciplinas vistas desde os primeiros períodos se configuram como uma preparação para a chegada a Clínica, bem como o seu empenho para compensar a falta de preparo para atuar na prática.

Primeiro, muita insistência durante a graduação nas Matrizes. As Matrizes (da Psicologia) são fundamentais para o entendimento até mais contemporâneo de como a Psicologia se desdobrou; de como ela vem entendendo o ser humano; quais são as bases filosóficas, as bases em geral. E aí, vem as matérias de prática. Têm as práticas grupais; vem outras matérias, como a Psicologia Social, que é uma coisa fundamental também na compreensão da perspectiva da Clínica Escola, já que estamos em um ambiente institucional. [...] O entendimento da Psicologia Social traz muita base para o que pode surgir para área jurídica. [...] E a parte de Tópicos Especiais, e também as Teorias e Técnicas Psicoterápicas, que é uma parte que foi, para mim, o experimentar um pouquinho do que pode acontecer aqui.[...] Aí entra a parte da afinidade e, às vezes, você não tem afinidade com a abordagem, mas acaba experimentando, e ela acaba mudando o seu ponto de vista, que foi o que aconteceu comigo. Hoje eu enxergo a beleza e o empenho que cada abordagem traz para esse desenvolvimento humano. Assim como o conhecimento em Psicopatologia também foi extremamente necessário. Na minha época pegávamos duas matérias (de Psicopatologia), então eu me senti bem preparado teoricamente. Mas essa parte da prática eu tive que me jogar. Me jogar em tudo que aparecia, me propor a ajudar a criar e me somar com quem tem mais experiência para poder viver, porque eu achava que eu não estava muito preparado para essa parte da clínica, da prática. Tanto ao estar em um Estágio Básico, quanto em um Específico então a gente tem que buscar. (Cleyson Avelino Militão, 2019).

Eduardo entende que não houve nenhuma preparação significativa para a chegada à Clínica durante a graduação. Pontuou apenas que a Clínica oferta o Curso Introdutório para o Estágio Específico I com o objetivo de orientar o aluno em suas atividades e quanto às normas da Clínica.

“Preparação vindo da graduação em si, não. A gente sabe que existe a Clínica, o grande passo, porque a gente passa a não frequentar tanto aquele espaço (blocos das salas de aulas); a gente vem pra Clínica. É um deslocamento que existe como um rito de passagem mesmo. É uma nuvem que fica pairando sobre a graduação e a gente tenta alcançá-la, mas nada se nos oferece. No máximo, tem aquela disciplina Técnica de Entrevista, Psicodiagnóstico, mas eu sinto que deixou Técnicas de Entrevista. Tá, vou entrevistar! Era uma coisa que eu tinha que resgatar depois, porque eu peguei isso muito cedo e era algo que a gente deveria estar vendo mais para o meio. Teve até Técnicas de Entrevista II e não foi muito proveitoso também,. Falta esse vínculo do Curso com a Clínica para fortalecer essa visão de preparar a gente, porque quando a gente chega na Clínica, fica tremendo lá na sala do estagiário. Eu não senti isso porque eu sou bem tranquilo, mas o que eu testemunhei (risos) (Eduardo Marque Cleverton Santos, 2019).

Quanto às disciplinas que teriam mais contribuído para o Estágio, ambos destacam as disciplinas Teorias e Técnicas Psicoterápicas – TTP e Dinâmica de Grupo. Especificamente, Cleyson entende que as disciplinas Tópicos Especiais, Psicopatologia, Psicologia Jurídica, Análise Institucional e Psicologia Social também são determinantes para a atuação na Clínica.

[...] Nossa, eu acho que todas que eu citei aqui, de Matrizes à Psicopatologia. Análise institucional, Teorias e Técnicas Psicoterápicas, Intervenção Grupal, a de Psicologia Jurídica... acho que todas elas trazem uma bagagem que é aproveitável dentro dessa dinâmica. [...] Se eu não tiver um conhecimento mínimo da jurídica, eu não sei fazer um encaminhamento necessário, no caso de um paciente, ou da Psicologia Social, como CRAS, CREAS e por aí vai. Então, assim, todas elas trazem sua contribuição. (Cleyson Avelino Militão, 2019).

Eduardo enfatiza que as disciplinas Fundamentos Epistemológicos, Técnicas de Entrevista, Matrizes da Psicologia e o Estágio Básico também são fundamentais como preparação. Sua atuação no Estágio Básico e nas extensões também ajudou em sua formação em termos de prática.

Olha, especialmente para mim que sou do Psicodrama, as disciplinas que mais contribuíram foram: Fundamentos Epistemológicos, que eu vi no primeiro período; eu lembro de Técnicas de Entrevista do segundo período, que eu peguei com professora Rochele. Eu juro que fui resgatando todas as coisas! Já no quarto período, em Matrizes IV, com professora Lígia, foi quando eu entrei em contato a primeira vez com a Psicologia Psicodramática. E, depois disso, Técnicas e Dinâmicas de Grupo, com a professora Tatiana Torres, foi muito importante. Foram passos muito importantes que nós fomos tomando juntos. Eu sinto que o Estágio Básico também, porque nos joga no campo; uma coisa que lembrou essa dimensão de que você agora vai ser um profissional. Sinto que as outras, em termo de teoria, é ótimo e necessário, mas é imprescindível a prática. Sinto que se eu não tivesse me aventurado nas extensões, eu sinto que eu teria uma formação menor. (Eduardo Marque Cleverton Santos, 2019).

Eduardo identifica especificamente deficiências em sua formação. Cita que disciplinas importantes foram ministradas por professores que não tinham compromisso e faltavam bastante, deixando lacunas importantes.

Eu sinto que sim, que tem lacunas que eu preferia não ter passado [...], tipo, tem matérias que são desmembradas em dois, como por exemplo, Técnicas de Entrevista II. Eu senti que não tirei muito proveito, por questões de falta de compromisso do professor mesmo; faltava muito e coisa e tal... Embora eu adoro a profissional, ela é maravilhosa, mas realmente...faltava. E outras áreas específicas da Psicologia, por exemplo. Hoje em dia a gente pega Anatomia lá no começo, e tem uma lembrança com Neuropsicologia, que pegamos depois no sétimo período. Eu sinto dificuldade nessas questões mais do biológico. Tenho falhas por não ter tido tanto contato. Eu falho porque aprendi no começo, o que é interessante, porque a minha abordagem mexe muito com o corpo, psicomotricidade pura. Eu sinto uma falta da biologia aliada

a psicologia. Tivemos contato com a Psicofarmacologia, Neuropsicologia, mas eram ministradas por professores que não tinham contato com a psicologia e faltava essa ponte e a ponte a gente enquanto aluno não conseguia criar. O professor estava tão perdido nas articulações. A psicofarmacologia eu até peguei umas coisinhas, mas eu realmente sinto que essa parte da biológica é algo que realmente eu preciso botar para frente. Às vezes eu até esqueço que sou de um curso da saúde. (Eduardo Marque Cleverton Santos, 2019).

Cleyson diz que no começo do curso, quando havia alguma queixa, tendia a culpar a administração e os professores, mas que o contato com a Psicologia teria feito com que ele aprendesse a assumir o protagonismo em suas questões, entendendo que todos teriam suas dificuldades e que buscaram fazer o seu melhor.

É como já dizia Sartre:- “o inferno é o outro” - a gente tende a culpar a administração, os professores, ou seja, outra coisa, mas o que eu enquanto aluno estou fazendo também para mobilizar a Universidade? Se eu estou no lugar de uma zona de conforto e espero que os outros façam por mim. Na Psicologia a gente aprende isso; o protagonismo também. Então eu acredito que todo mundo está passando suas questões, tentando se ajustar, se adaptar tanto quem está na organização quanto os outros da coordenação. [...] O diálogo é a coisa mais importante, o diálogo e a escuta, a escuta verdadeira, porque escutar tem um sentido e ouvir tem outro sentido” (Cleyson Avelino Militão, 2019).

Quanto a abordagem teórica escolhida por eles, Cleyson escolheu a Gestalt Terapia.

Eu conheci (a Gestalt Terapia) em Matrizes de Pensamentos Psicológicos IV, que, inclusive, eu fui monitor agora no último período só para ter a sensação de nostalgia. A Gestalt, que foi a abordagem que eu escolhi, fala muito desse ‘eu’. Não existe o ‘nós’; existe o ‘eu’ e o ‘tu’, e foi assim que eu me apaixonei. Não conhecia exatamente a Gestalt Terapia, mas eu conhecia a fenomenologia, que é o método e a filosofia da Gestalt Terapia, e logo após de conhecer a fenomenologia, eu me apaixonei porque eu não via outra verdade que não a do próprio sujeito. A fenomenologia institui esse poder da Psicologia de validar a minha subjetividade, a sua subjetividade, a subjetividade de todo mundo”. (Cleyson Avelino Militão, 2019).

Eduardo diz que “minha abordagem de escolha e identificação é o Psicodrama. Sempre foi a teoria Sócio Dinâmica de Jacob Levy Moreno.”

Ela confere o molde ao qual eu trabalho com o paciente; confere esse cenário mais livre, mais elástico, de não estar preso à conversa, eu aqui sentadinho e o paciente ali. A gente levanta; tem sessões que eu estava sentado junto com o paciente; teve outras que eu passei junto, deitado; outras interpretando; outras uma conversa. Essa liberdade que existe me foi promovida pelo Psicodrama e eu sinto que essa liberdade distensionava; dá oportunidade aos pacientes de vivenciarem suas dores, e assim eu me senti livre e dinâmico” (Eduardo Marque Cleverton Santos, 2019).

Os dois alunos lançaram olhares semelhantes quanto ao entendimento da função da abordagem em suas práticas. Cleyson compreende, assim como sua preceptora, que a Gestalt Terapia é uma “filosofia de vida”.

Primeiro que a Gestalt ela tem esse viés de ‘filosofia de vida’. A gente tenta trazer essa essência, que é buscar um movimento saudável no mundo; um movimento de adaptação. Então a gente suspende o julgamento. Ela tem a essência da Fenomenologia, do Existencialismo, do Humanismo. Essas três vertentes filosóficas estão presentes; independentemente das áreas, elas estão dentro da Psicologia. E eu acho que elas compõem muito bem orientações gerais, independentemente da abordagem. Em qualquer lugar eu vou precisar suspender o meu julgamento; vou precisar acolher o outro nos termos dele; vou tentar me aproximar da dor dele. Então isso é uma das coisas que me alegra totalmente na prática clínica, porque eu não estou ali para colocar uma verdade, não estou ali numa posição de poder e de saber mais do que outro. A vida do outro só pertence a ele. Eu estou ali na posição de conhecedor, de explorador, de investigador, de auxiliar esse desenvolvimento humano. A Gestalt Terapia me traz esse viés, através do reconhecimento dos meus limites, de como eu me relaciono da maneira mais saudável com o outro, de como posso me conscientizar e me responsabilizar pelos meus processos, trazer o protagonismo e levar esse benefício para outras pessoas (Cleyson Avelino Militão, 2019).

A abordagem Psicodramática confere o molde e toda liberdade exercida no *setting* terapêutico, segundo Eduardo.

Por vezes, muitas vezes, estávamos lá de pé interpretando a cena que a supervisora propõe para gente: ‘vamos lá, você vai ser o paciente’, ‘vamos lá montar a cena’. Orientar isso é muito rico, é muito positivo e eu busco levar esses conhecimentos. É muito dinâmica a maneira como eu aprendi com a minha supervisora. Eu até falei na jornada de Psicodrama que uma coisa que acontecia muito comigo quando eu estava atendendo era que parecia que abria um ‘menu’ na minha cabeça quando eu encarava o paciente. Aí, dependendo da coisa que ele me apresentava, eu selecionava, ‘plim’, a técnica. Porque eu realmente sinto que aprendi as técnicas básicas do Psicodrama. Sinto que aprendi a moldá-las na situação. Eu sinto que eu tirei um bom proveito. (Eduardo Marque Cleverton Santos, 2019).

No contexto da UNIT Maceió, as alunas Caren e Eveline convergem ao apontar a prática como prioridade na graduação. Caren relata que os professores que mais a marcaram associavam teoria com a prática em suas aulas.

Eu acho que os professores e as disciplinas que mais marcaram a minha trajetória foram aquelas que trouxeram tudo mais próximo da prática, que conseguiram falar: ‘gente, é isso aqui’, ‘vocês leram esse texto, agora convido vocês para pegarem um caso clínico relacionado a isso, e passar a experiência clínica’ ou não só clínica. Eu estou falando de clínica porque a gente está focando na Clínica, mas dentro da Psicologia Organizacional e outras também.[...] Eu acho que essas disciplinas foram as que mais me marcaram; foram significativas e trouxeram uma vontade maior de pesquisar para além do que estava ali proposto, e de ler de fato, de dar gosto de ler. Foram quando esses profissionais se dispuseram a trazer exemplos de como isso acontece na prática; de convidar alguém, se não eles, que vive isso na prática para

falar sobre isso; convidar um aluno que se formou na instituição e hoje trabalha com isso para falar disso.’ (Caren Renata Zarpelon, 2019).

Eveline considera que em sua formação foram poucas práticas, e que a melhor forma de aprender é com a prática.

Eu acho que é mais a parte da vivência, da prática. Eu ainda sinto muita falta da prática. As pessoas dos novos períodos estão vendo mais, como a grade vai mudando, mas, pelo menos a minha turma, viu pouca. Então, eu acho que a gente deveria priorizar mais isso, a prática. Colocar mais o aluno para vivenciar, porque é a partir da vivência que a gente vai aprendendo, não só teoria, teoria. (Eveline Maria Ferreira, 2019).

Maylane considera como prioridade o autocuidado, tanto pelo aluno quanto pelo profissional.

Eu acredito que deve ser priorizado, no exercício profissional do psicólogo, que o próprio psicólogo esteja em processo de psicoterapia. Eu acredito que seja isso, é o que eu penso. No exercício profissional dele, é importante ele estar se auto analisando, para poder fazer um bom trabalho e obter, quem sabe, melhores resultados com seu trabalho. (Maylane Santos Silva, 2019).

Todas elas compreendem que houve uma preparação para a prática clínica. Maylane considera que o Curso de Psicologia da UNIT Maceió oferta diversos cursos e treinamento que são preparatórios para a chegada no Serviço-Escola.

[...] Sim. Aqui na UNIT Alagoas nós temos diversos minicursos e treinamentos antes de iniciar o estágio aqui no Serviço Escola. Tivemos recentemente o treinamento para casos de suicídio, por exemplo. Como lidar, todo um preparo para esses casos e outros também. (Maylane Santos Silva, 2019).

Caren ressalta que houve uma preparação apenas quando se aproximava do início do Estágio Específico. Entende que essa preparação deveria começar muito antes do Estágio.

Quando estava bem próximo de começar o estágio, ali durante o Estágio Básico eu acho, isso fica claro e a gente vai sendo preparado para isso; vai sendo instruído para esse caminho. Mas antes do Estágio Básico não há preparação. Mas eu acho que isso vem mudando. Falo isso porque eu já fui duas vezes conversar com turmas que não estavam nem no Básico ainda, para falar um pouco disso. Eu acho isso bacana e necessário. [...] Eu acho que poderia ser antecipado um pouco e talvez até trazer esses alunos do décimo para conversar ali, no sexto, no quinto, um pouquinho. Antes de começar no Básico ter um bate papo mesmo, sei lá, um plantão de dúvidas para tirar todas aquelas fantasias, aqueles medos, aqueles receios. Eu lembro que eu fiquei com um receio bem grande de fazer o Estágio Básico em Hospitalar [...], mas no hospital eu acho que essa transição foi mais segura; para mim ia ser mais difícil, mas eu me senti muito bem acolhida. (Caren Renata Zarpelon, 2019).

Para Eveline, apenas dois professores tinham o hábito de fazer atividade de role-play, que, em sua opinião, ajudaram bastante na sua chegada à prática clínica.

A minha supervisora ela preparou a gente através de role play, indicou livros para gente ler. A preparação que eu tive foi a partir disso, dos role plays que ela fez com a gente; leitura que ela indicava e role play em sala de aula que outros professores também faziam. (Eveline Maria Ferreira, 2019).

As alunas trouxeram percepções quase totalmente diferentes no que diz respeito às disciplinas que mais contribuíram para a prática no Serviço-Escola. Caren destaca as disciplinas relacionadas às abordagens teóricas do estágio, Psicodiagnóstico, Teoria da Psicanálise, Avaliação Psicológica, Psicofarmacologia e Testes Psicológicos.

Como eu escolhi a Psicanálise, é impossível não querer mais teoria da Psicanálise. Mesmo que eu não tivesse escolhido a Psicanálise, eu acho que para qualquer abordagem que a gente escolhe, aquela parte bem teórica do conceito, da história, de onde surgiu, é imprescindível, é necessária. Porque quando você chega aqui [...] acho que é totalmente necessário. E vou dizer que, embora eu esteja atuando enquanto o olhar psicanalítico, entender também como a TCC olha, e como a Gestalt olha é importante, porque eu ainda interajo com esses colegas na sala de evolução, e a gente tem pacientes muito inteligentes, que perguntam para nós qual é a nossa abordagem.[...]Para mim marcou bastante e eu acho que não daria para fazer a Clínica Escola sem Psicodiagnóstico. O olhar que a gente teve assim, normal ou anormal, o que é doença, o que é cura, não dá para não ter, e a gente viu muita prática também nessa disciplina. Psicofármaco também, porque eu tenho três pacientes que, se não estão sob o uso de medicamento, já passaram por, ou querem estar. Então se essa compreensão não está muito nítida a gente fica muita na Psicologia e a Psicologia tem que dar conta de tudo (Caren Renata Zarpelon, 2019).

Maylane, por sua vez, destaca apenas a disciplina Psicodiagnóstico.

As disciplinas que mais contribuíram para que eu possa ter um norte para atuar hoje em dia foi à disciplina de Psicodiagnóstico, onde eu aprendi muito sobre a postura clínica que deve ser assumida pelo psicólogo, frente às diversas causas que a gente pode lidar. Eu acho que a principal foi essa, a de Psicodiagnóstico. Porque eu aprendi muito sobre a postura clínica. (Maylane dos Santos Silva, 2019).

Eveline considera como as que mais contribuíram, as disciplinas Observação do Comportamento e Psicologia do Desenvolvimento. Menciona ainda um estágio ocorrido no oitavo período, no qual se permitia a observação de uma preceptora realizando atendimento.

A disciplina de Observação. Quando cursei, eu não via tanta importância. Mas hoje eu vejo, ela foi de extrema importância. A Psicologia do Desenvolvimento. Hoje eu atendo criança, adulto e idoso. Então, a Psicologia do Desenvolvimento foi fundamental e ainda é fundamental para mim.[...] Teve um estágio de clínica, antes de eu chegar no Estágio Específico, onde a gente faz a parte da triagem, que são três

atendimentos, e faz a observação de um atendimento. Tem uma preceptora que faz esse atendimento e a gente observa. Foi de extrema importância antes de eu chegar no estágio específico. (Eveline Maria Ferreira, 2019).

As deficiências na formação são apontadas pelas alunas. Maylane se queixa que algumas disciplinas que considera importantes para os estágios, como Políticas Públicas, só são ofertadas após o Estágio.

Hum. Existem. Eu não sei se eu posso chamar de deficiência, mas houve durante a formação; acho que é questão da grade curricular mesmo. Tem disciplina que seria mais interessante ser dada no início do curso, por exemplo, Políticas Públicas. A gente veio ver no final, sendo que a gente já tinha passado pelo Estágio em área que precisava ter esse conhecimento, e a gente pegou no final, quando tudo já foi. (Maylane dos Santos Silva, 2019).

Eveline compreende como deficiência as poucas atividades práticas na graduação, conforme já salientou em outro momento. “Essa questão da prática, eu sinto muita falta”. (Eveline). Caren reafirma que as horas de supervisão seriam insuficientes para dar conta de todos os atendimentos e o fato de ter visto pouco sobre a Psicanálise.

Olha, é difícil porque eu estou na UNIT desde 2017 e eu criei algumas lacunas por ter trancado e por ter trocado de instituição. Como não segui a grade curricular toda, uma dificuldade que eu tive, mas que eu acho que é uma lacuna minha, que foi que eu escolhi a Psicanálise e fazia muito tempo que eu não via a teoria. Eu vi as Teorias Psicanalíticas I e II no primeiro período do segundo ano e eu só vim usa-las na prática agora. [...] Ficou muito distante o tempo. (Caren Renata Zarpelon, 2019).

Quando perguntado qual a função da abordagem teórica, a aluna Maylane, que adotou a abordagem gestática, disse que a teoria a faz entender o “como” dos transtornos apresentados pelos pacientes.

A gente vê que várias abordagens têm suas perspectivas, tem seu viés. A abordagem da Gestalt Terapia é uma abordagem que trabalha com viés compreensivo do “como”. Então a gente tem que entender inicialmente como aquele indivíduo se sente tendo aquela patologia, a gente faz o acolhimento inicial, a gente não tem o objetivo inicial de oferecer a redução daquele transtorno, daquela patologia, mas sim entender como o sujeito lida com aquilo, como que ele se vê daquela forma. (Maylane dos Santos Silva, 2019).

Caren entende que a abordagem tem o papel de resguardar e direcionar. Ressalta que acredita na eficácia de todas as abordagens e que no meio acadêmico sempre tem uma disputa entre as abordagens, mas que também percebe que essa fragmentação foi feita no meio acadêmico. Conforme já dito, sua abordagem adotada é a Psicanalítica.

Eu acho que é nos respaldar e nos direcionar para intervenção. Porque assim, por mais que eu tenha visto um pouco do que se trata uma intervenção em todas as abordagens, sempre tem aquela briga entre as abordagens. [...], Acho até que ficou tudo um pouco fragmentado pelo ambiente acadêmico [...], eu vejo que todas (as abordagens) funcionam do seu próprio jeito. Eu também entendo que eu não posso fazer uma ‘salada mista’, não dá para eu usar uma abordagem com cada um que chegar aqui, e nem usar várias intervenções de diferentes abordagens, porque é realmente um olhar para o sujeito. A condição é essa: como você vai olhar para esse sujeito; como você compreende o mundo e como você vai fazer essas intervenções e isso está muito misturado. Eu acho que se você não tem ponto de partida nenhum, e até pra ir buscar essa parte teórica que você não teve, específico com a criança, com o adolescente...problema com a gravidez, com a questão do autismo. Se eu for procurar ‘autismo’ na Psicologia, eu vou achar milhões, e vou ter que filtrar isso. Então, eu acho que a maior funcionalidade da abordagem é essa: você partir de uma direção de algo que você já acredita (Caren Renata Zarpelon, 2019).

Eveline entende que a escolha da abordagem, no seu caso a TCC, se dá por afinidade. Dessa forma, segundo ela, acaba-se se interessando por mais leituras sobre a abordagem e, conseqüentemente, aprendendo mais.

TCC é o meu “amorzinho”, porque quando eu fui escolher a teoria que eu ia seguir, eu fui por eliminação de afinidade. Então, quando eu vi a TCC, e conheci a TCC bem mais a fundo, para mim a relação dela com o ser humano, com o comportamento do ser humano, é muito relacionado. Talvez seja porque eu li mais ela, então, eu vejo muito mais...como eu posso dizer, muito mais relacionado com o ser humano. E eu consigo colocá-la bem mais em prática do que se eu fosse com outras teorias. Eu tive contato, eu fui para congresso, fui para palestras de outras teorias e eu não via tanto como eu vejo Terapia Cognitiva Comportamental. (Eveline Maria Ferreira, 2019).

É interessante notar que, de todos os alunos entrevistados, apenas Cleyson destaca especificamente disciplinas que teriam servido como suporte para o Estágio. Os demais alunos enfocaram atividades instrucionais e práticas, que, de modo geral, acharam incipientes. Eduardo destacou apenas o Curso Introdutório ministrado na própria Clínica para apresentação dos estágios e dos protocolos para o atendimento. Eveline, atividades de *role play* por escolha própria de dois professores. Maylane diz ter feito vários cursos de treinamento e Caren sinalizou que apenas perto do início do Estágio houve essa mobilização, embora sinalizasse também que essa situação estaria mudando na UNIT Maceió.

Em relação, não é apresentado pelos alunos qualquer unanimidade com relação a quais disciplinas vistas durante o curso contribuíram significativamente para o Estágio. As disciplinas de Teorias e Técnicas Psicoterápicas – TTP, que fazem parte do currículo mínimo do curso de Psicologia, e que têm a função justamente de embasar a atuação clínica, são mencionadas apenas por Cleyson e Eduardo. Algumas indicações se repetem, mas sem constituir maioria.

Aparentemente, as disciplinas indicadas estão mais diretamente relacionadas com a abordagem teórica adotada por cada um.

Essa hipótese se evidencia ao se constatar a intensidade na qual os alunos destacam o motivo da escolha da abordagem teórica: Cleyson, assim como a supervisora Elen, destacam a Gestalt Terapia como “filosofia de vida”; Maylane, também tendo escolhido a Gestalt, a entende como a referência dinâmica para a compreensão dos transtornos; a TCC como o “amorzinho” de Eveline, destacando a afinidade e a motivação relacionada; Eduardo, no Psicodrama, e Caren, na Psicanálise, cada um a seu modo destacam a função maior da abordagem como “molde para a prática” ou como tendo o papel de “resguardar e direcionar”. Para Eduardo, as abordagens “dão força e identidade” ao psicólogo.

A discussão tão em voga na academia sobre o “dogmatismo” e o “ecletismo” da relação entre o psicólogo (ou estagiário) com as abordagens teóricas tradicionais da Psicologia, que muitas vezes apresenta bases epistemológicas distintas, não se mostrou como fator mobilizador por parte dos alunos investigados. Embora todos tenham abraçado determinada abordagem específica com veemência, também se mostram flexíveis e abertos com relação à diversidade teórica do campo psicológico.

A recomendação de se submeter à psicoterapia pessoal um recurso fundamental para se preparar e dar mais consistência à atuação clínica, tão citada pelos supervisores, também é mencionada, em momentos distintos, na narrativa dos alunos. Maylane evidencia explicitamente esse “autocuidado” como sendo o principal fator de embasamento no processo de formação do aluno de Psicologia.

4.3. A importância da atuação no serviço escola para a formação do psicólogo

Nesse item, os alunos da UNIT Aracaju trazem diferentes reflexões. Cleyson narrou que o início de sua atuação na prática clínica foi de muita curiosidade e ansiedade.

Depois da primeira sessão eu saí assim: ‘podem vir as outras que eu dou conta’. Eu dei conta nessa e acho que vou dar conta nas outras. Em compensação, no meio do trajeto, eu estava lidando com o ser humano e o ser humano é imprevisível. Então, às vezes, eu saía de lá e falava para mim mesmo, para minha supervisora e para os meus colegas: ‘o que foi que aconteceu ali dentro?’ Quando eu não sei para onde ir no atendimento, eu tenho que lembrar de ser humilde o tempo inteiro; que ali o sujeito vai se desvelar e eu não tenho que dar resposta nenhuma; temos que traçar uma caminhada juntos, para que ele possa decidir por ele mesmo; para que ele se empodere; para que ele tenha esse protagonismo e que ele administre a sua vida de maneira mais saudável. Avançando na linha do tempo, eu já estou pegando mais o jeito. (Cleyson Avelino Militão, 2019).

Eduardo diz que adotou uma frase de um professor para iniciar a prática clínica e ajustar sua postura:

‘Você não é uma pessoa; você é um psicólogo!’ E era isso que eu colocava na cabeça, e eu tinha que colocar mais vezes isso na minha cabeça, porque eu sentia a contaminação, prestes a chegar, das minhas questões. Não, não sou eu aqui; é o psicólogo e o paciente. E me vinha isso; eu achei muito importante essas coisas. Eu não ficava particularmente nervoso. Eu tive muita sorte com os pacientes, mas eu peguei um paciente muito ‘pesado’ logo de começo, e eu recorria mais à minha supervisora, e eu só senti que isso foi mudando ao longo do tempo porque eu fui ganhando experiência. [...] Fui desenvolvendo esse papel de psicólogo ao longo do ano. No começo eu perguntava mais, confrontava mais, me batia mais. Eu tive muito suporte (Eduardo Marque Cleverton Santos, 2019).

Nesta colocação, o professor citado por Eduardo teria enfatizado a importância de o profissional psicólogo aprender a colocar em suspensão seus desejos e valores pessoais como meio fundamental de se abrir para o entendimento do outro. Eduardo destaca esse princípio como sendo o que o norteou.

Os dois alunos consideram a supervisão coletiva na Clínica-Escola como boas experiências. A dinâmica de supervisão com sua supervisora sempre fluiu de maneira leve e acolhedora, segundo Cleyson. Para o aluno, nunca houve um momento de desamparo. Sempre foi atendido com suas dúvidas e angústia.

A minha supervisão com Elen sempre fluiu de maneira muito leve. Ela se mostrou muito acolhedora. Ela me recebeu a foi um encontro legítimo. Em nenhum momento eu me senti desamparado. Sempre que eu tinha uma angústia, sempre que eu tinha uma dúvida, sempre que eu precisava de um material, sempre que eu precisei de um auxílio, de um conselho, de alguma coisa, ela estava lá. Então, a minha experiência foi inesquecível, extremamente positiva, e espero que venham outras, porque a gente nunca para de ter experiência com supervisão. Espero que sejam assim tão edificantes quanto foi com Elen. (Cleyson Avelino Militão, 2019).

Eduardo, sobre sua dinâmica de supervisão, diz que sua supervisora tentava administrar o tempo de fala de cada aluno para o relato dos casos e para tirar dúvidas e dar orientações. Ressalta também que alguns alunos conseguiam falar por duas horas sem interrupções. Acrescentou que todos ficavam envolvidos nos casos e nas técnicas utilizadas. Menciona que mesmo sentindo angústia com relação ao tempo, sabia que deixar o colega falar era uma forma rica de aprender a condução de um caso. Enfatiza a força da supervisão coletiva.

Eu fui bem agraciado pela supervisão. Geralmente cabe à supervisora dividir o tempo para cada um falar. Minha supervisora, no entanto, deixa um pouco livre demais. Às vezes eu me via na necessidade de cortar a fala do colega: ‘gente, me deixa falar hoje,

eu estou com tanta dúvida...’, principalmente no começo. No começo mesmo teve um dia que eu deixei uma colega falar e ela ficou duas horas falando de um só caso. Vanessa (supervisora) não cortou porque ela fica envolvida, e a gente ficava envolvido também, mas a divisão do tempo é importante (Eduardo Marque Cleverton Santos, 2019).

Quanto a função dos estágios realizados no Serviço-Escola para formação do Psicólogo, ambos consideram como uma grande referência em suas vidas. Cleyson: “o ser humano que me tornei a partir desse processo de experiências que vivi aqui eu não vou viver em outro lugar”.

Eduardo considera que sua chegada no Serviço-Escola foi um “divisor de águas”. “Determinante, um divisor de águas. Não é à toa que eu digo que é um paradigma. Você vir para cá, para Clínica, porque você entra em contato com o modelo mais clássico da terapia de todos, que é a terapia individual, pessoal.” (Eduardo). Ambos os alunos analisam a evolução entre o início e fim do Estágio tendo opiniões diferentes. Cleyson pontua que foram meses de aprendizado e amadurecimento.

Para ser sincero, a função é que daqui alguns anos ela vai servir como ponto de referência que marcou minha vida. Como eu falei e não canso de repetir, a transformação aqui não tem como medir. Então, eu também me mostrei disposto a abraçar e foi um lindo encontro; foi algo que me edificou, me transformou, me afetou, me trouxe uma nova visão de mundo, de homem, e eu acho que é uma experiência tão válida que todo estudante de Psicologia devia ter o privilégio de se dispor a abraçar um serviço de Clínica Escola. (Cleyson Avelino Militão, 2019).

Eduardo define como uma “montanha russa” esse processo de aprendizagem e evolução do estágio em clínica.

Montanha russa, viu. Eu sou apaixonado pela Psicologia. Naquele momento que eu decidi e entrei, o Eduardo, que tinha uma ideia vaga do que é ser psicólogo, teve a cabeça meio que explodida. ‘Caramba, existe tal coisa, existe tal coisa, existe tal coisa...’ É uma posição de descobrimento. E eu não fazia ideia do que eu ia fazer; era tanta coisa e eu ficava: ‘mas eu gosto de Escolar’, e eu gostei da experiência que eu tive enquanto paciente de uma psicóloga escolar, mas eu fui carregando... ‘isso, ah, vamos ver o que o psicólogo faz’, ‘vamos descobrir o que é isso’. Aí, eu sinto que a formação foi dando essa solidez; assim, eu fui pegando o que eu queria, sabe? Isso não, isso sim. (Eduardo Marque Cleverton Santos, 2019).

A prática é apontada com fator determinante dessa evolução na atuação clínica pelos dois alunos. Cleyson destaca, nesse sentido, a experiência com os pacientes, com a supervisão e com toda dinâmica vivida no contexto do Estágio.

Eu aprendi muito, principalmente no que diz respeito a postura, identidade, motivação. Encontrei algo que eu quero exercer de verdade, com o coração, com a minha alma, de compromisso com o ser humano e comigo mesmo. [...] Eu acho que

é isso, mudou totalmente. Eu estou saindo daqui mais maduro, ansiosíssimo para começar lá fora, porque eu acho que não acabou aqui. Eu ainda quero fazer muito, tanto por mim quanto pelo outro (Cleyson Avelino Militão, 2019).

Eduardo diz:

Eu estava aprendendo Psicologia Escolar, quando fui para uma escola pôr em prática; eu apliquei testes psicológicos. Quando a gente pega TEP (Técnicas de Exame Psicológico), a gente aprende sobre o conteúdo de cada teste psicológico, aplica, interpreta e traz o resultado. Isso tudo confere uma solidez muito grande. Eu sinto que essas pequenas pedras no caminho que foram colocadas de prática, elas são muito importantes, e às vezes subestimadas. Porque a prática clínica também foi a maior delas; a escultura final. (Eduardo Marque Cleverton Santos, 2019).

Os alunos apontaram diferentes dificuldades encontradas na supervisão. Cleyson fala de dificuldades pessoais, como ser muito curioso e ter ansiedade para conhecer tudo. Revela que precisou aprender a conter essa ansiedade.

Um dos pontos que eu lembrei exatamente agora, é que uma vez eu fiz um teste de personalidade (INTP) da abordagem Analítica Junguiana. O meu resultado de ‘O Lógico’ e até hoje esse resultado se mantém e é conhecido como o cientista, o incansável. Então, quando personalidades com essa característica ‘encasqueta’ numa ideia, ele quer conhecer o fenômeno na essência e ainda mais um pouco. Eu sempre fui muito, muito curioso; com sede de conhecimento de entender como é que funciona, como é que se estrutura. Quando eu cheguei aqui, eu tive que parar e lidar com essa dificuldade. Eu quero conhecer tudo, eu quero saber tudo, mas eu sou um ser humano, eu preciso dar uma desacelerada nessa característica minha de querer conhecer tudo e abrir espaço para que o outro traga sua própria resposta. É um processo de evolução, tanto em humildade quanto em conhecimento, na essência das coisas. (Cleyson Avelino Militão, 2019).

Eduardo considera que a dificuldade encontrada em supervisão teve a ver com sua supervisora não ter, segundo ele, rigor no controle do tempo para cada um. Enfatiza que ele interrompia o colega, que já estava falando de seu caso clínico há mais de uma hora, para colocar suas necessidades e dúvidas.

Eu chegava muito cedo; eu chegava aqui abrindo a Clínica. A supervisora chegava e só tinha eu; então eu já aproveitava e falava minhas coisas, porque quando eu falava eu já não ocupava meia hora. Geralmente mesmo se eu falasse tudo, e eu fazia o máximo para deixar sucinto, para não atrapalhar, e eu tentava trazer isso para os outros mesmo. Mas eu sinto que essa é a maior reclamação que eu tenho, porque, no geral, eu acho que foi todo mundo bem atendido. E era só ter um movimento da pessoa mesmo, porque a supervisora não ia repreender. Ela não fazia isso; ela ouvia mesmo, sabe? (Eduardo Marque Cleverton Santos, 2019).

Os alunos apresentam diferentes opiniões frente às demandas emergentes. Cleyson entende que uma das principais demandas seria levar o conhecimento da Psicologia para a

sociedade. Eduardo considera que se sente preparado para qualquer demanda. Ressalta apenas a dificuldade em realizar pesquisas e artigos científicos. Cleyson considera a carga horária de supervisão e de prática de atendimento no estágio adequada. Enfatiza que em sua experiência no Serviço-Escola teve o privilégio de fazer mais hora de atendimento clínico do que o exigido no regulamento.

Eduardo julga adequada apenas a carga horária para os atendimentos, considerando que a hora de atendimento é dobrada. Nesse sentido, o aluno se refere a contagem das horas de acordo com o regulamento de estágio, quando o aluno atende um paciente, conta-se duas horas, quando a paciente falta, conta-se uma hora. Se não fosse assim, seria excessiva. Quanto a carga horária de supervisão aponta que poderia ser maior, posto que 80 horas, em sua opinião, só são suficientes quando o professor sabe administrar bem o tempo.

Os dois alunos avaliam que o serviço prestado à comunidade pelo Serviço-Escola é importante, principalmente para atender às pessoas que não tem condições de pagar por uma psicoterapia.

A formação é para a sociedade. A Clínica Escola está na sociedade e a psicoterapia ainda é um recurso da Psicologia que é inacessível à parte menos favorecida economicamente. Uma Clínica Escola é um privilégio, porque você vê situações de pessoas que não tem nem a passagem do ônibus, mas estão aqui, insistentemente, acreditando no serviço e vendo uma modificação positiva na sua vida. Então, assim, a proposta da Clínica Escola é impressionante. A gente está pensando do mais rico ao mais pobre, e é isso igualdade de serviço. Trazer esse serviço para mais pessoas, se ela pudesse se ampliar, seria incrível, porque às vezes é muito aluno, é muito paciente, é muita demanda e, às vezes, não dá conta. (Cleyson Avelino Militão, 2019).

Eduardo destaca a quantidade de pessoas atendidas regularmente pela Clínica.

O que a gente vê aqui é uma acessibilidade, o serviço psicológico, quer queira quer não, é para alguém que é menos favorecido, que tem uma condição financeira baixa. O que a clínica oferece nesse espaço que ela ocupa aqui dentro de uma área muito bem populada é muito importante. E a oportunidade que ela dá; onde vão achar, assim, com o preço acessível, grupos terapêuticos, de mães, de crianças, de tantas coisas... eu sinto que ela confere oportunidades sociais muito boas. Tem mais de 500 pacientes sendo atendido aqui e o impacto que isso é na vida de tanta gente atendida, eu acho muito importante (Eduardo Marque Cleverton Santos, 2019).

Cleyson considera que o Serviço- Escola contempla suas necessidades. Eduardo, por sua vez, sente que falta no Serviço Escola em questão um espaço físico para atendimento psicológico dos colaboradores da Clínica. Sugere alteração no horário de funcionamento, englobando o turno da noite.

As normas da Clínica são entendidas por ambos como necessárias e ressaltam o apoio que recebem da equipe.

Oh... é muita informação! Muita, muita, muita informação e aí a gente fica: ‘nossa, eu mal pisei lá e já tem tudo isso para fazer, tudo isso para dar conta’, mas aí eu acho que normas a gente vai ter que lidar em qualquer lugar. Então cabe mais um papel de dizer para os que virão que: ‘acalmem-se, é muita coisa mas tudo se ajusta com o tempo’. É muita informação, mas ao mesmo tempo a gente vai assimilando porque a gente teve o suporte. As meninas da recepção, toda a equipe, elas falam muito, elas orientam muito. (Cleyson Avelino Militão, 2019).

Eduardo disse que no início foi muito difícil assimilar as normas, mas que também teve apoio da equipe nesse sentido.

Bati a cabeça um pouquinho para a aprender, porque não há só as normas que estão no papel, mas tem as normas de convivência que a gente desenvolve através das orientações da equipe: ‘não passe dessa linha da recepção’, ‘não faça tal coisa na sala de estagiários’, ‘não converse no corredor’. Eu acho que é importante, porque molda o cenário onde nós estamos, um cenário de paz, não é um cenário adoeceador. Eu sinto que a Clínica pode ser estressora como for, mas não adocece, muito pelo contrário. Eu estava enfrentando muitas coisas quando eu me mudei para cá. Eu me sentia ansioso, com dificuldades para me adaptar, mas quando eu estava na Clínica, eu estava na Clínica, um espaço anestesiado, sabe? Quer dizer, eu estou aqui na Clínica, e essas regras elas não apenas cortam a gente, elas amparam também a gente; é só você se adaptar a elas. Não precisa perder a cabeça por causa delas. Precisa prestar atenção no Curso Introdutório, coisa que o povo não fez, e quando eu cheguei aqui, eu fiquei muito surpreso, ninguém sabia ‘abrir uma sessão’ direito. Ai, eu disse: ‘minha gente, vocês não prestaram atenção não, foi?’ ‘Gente, é só prestar atenção mesmo’. Vocês dão a faca e o queijo, a gente espirra e aparece alguém com uma aspirina e lenço (risos). (Eduardo Marque Cleverton Santos, 2019).

Quanto às instalações, Cleyson chama a atenção para a higienização da Clínica e da organização e assistência de toda a equipe para assessoramento dos alunos e pacientes.

Extremamente higienizadas, uma coisa muito importante. Nunca vi a Clínica suja, e se acontece algum acidente, estava imediatamente limpo; piscava assim, e já estava resolvido. O serviço da recepção da Clínica é excelente, não tenho do que reclamar, não tenho o que dizer. Pode ser melhorado, porque as meninas dão tudo de si ali, elas realmente arregaçam as mangas e fazem. E da Coordenação menos ainda, até porque a gente sabe que é muita gente para lidar e ainda assim eu me senti acolhido; eu me senti acompanhado de perto. Não tenho também o que dizer, as instalações das salas são de ótimo tamanho, dá para fazer, aproveitar o espaço, tem teste psicológico, tem brinquedo, tem os recursos lúdicos, tem a sala para o pessoal esperar, no caso a brinquedoteca, onde pode ficar pais, filhos, ou até promover sessões ali dentro, que tem espaço para tudo” (Cleyson Avelino Militão, 2019).

Eduardo opina que a Clínica precisa de ampliação para poder atender a todos, inclusive os colaboradores com mais conforto.

Eu acho que mereciam ser ampliadas mesmo. Acho que pedem conforto também. Nessa época de calor é insuportável ficar lá fora ali na recepção. No geral, para nós é uma clínica, mas são várias visões. Para mim, enquanto estagiário, quem tiver reclamando, está reclamando de barriga cheia, porque eu chegava lá quando eu estava morrendo de sono; chegava e dormia na minha salinha de estagiário mesmo, e não tinha quem me impedisse. O espaço do atendimento é bom, é ótimo. Mas deveria ter um espaço reservado para os funcionários mesmo, um lugarzinho para descanso (Eduardo Marque Claverton Santos, 2019).

Ambos os alunos se sentem contemplados pela equipe e pela logística dos serviços. Cleyson ressalta a Brinquedoteca e o acesso ao material lúdico como algo positivo. Eduardo se diz satisfeito, sem maiores descrições.

Relativo aos alunos da UNIT Maceió, o início da atuação enquanto estagiário no Serviço Escola, é descrito por Eveline como sendo de muita ansiedade, pois não sabia “quem estaria de frente para ela”. Após o primeiro atendimento, contudo, sentiu-se “aliviada pela sua escolha pela Clínica.”

Ansiosa, porque logo quando a gente entra é muita expectativa que a gente cria. Então, através das expectativas, aí vem os medos: eu não sei o que a paciente vai me trazer, e se eu não conseguir? E se eu não lembrar do que que ela falou? Se eu não conseguir dar um retorno? Então, eu estava muito ansiosa. Mas depois do primeiro atendimento, eu vi que realmente era aquilo que eu queria. Eu disse: ‘não, é isso que eu escolhi pra mim, então se eu escolhi pra mim eu vou seguir e não tem nada que vá me parar. (Eveline Maria Ferreira, 2019).

O início para Caren foi de “muita tensão, com muita ansiedade e preocupação” com a carga horária e o receio de não dar conta, por trabalhar o dia inteiro.

Muita ansiedade, muito receio, várias fantasias, mas foi um aprendizado muito legal. Eu acho que não tem como não ter a Clínica Escola, assim, com tudo que a gente vê, com tudo que... Até volto a dizer a questão de a gente ter uma conversa com outros profissionais da saúde, com esse negócio de coach. Você não ter ali a prática e entender que tudo aquilo que você estudou faz sentido, e que você precisa, e que você vai usar e que você vai ter que estudar muito mais, eu acho que essa é a primeira percepção daquele início de, meu Deus, eu aprendi muita coisa, mas também tenho muita coisa para aprender, e eu tenho que começar a pensar no que eu quero, focar nisso e investigar mais a fundo, eu acho que de início é isso. (Caren Renata Zarpelon, 2019).

Maylane relatou muita insegurança e dúvida no início, justificando que sabia da teoria, mas sentia muita dúvida se saberia usá-la na prática.

Eu confesso que eu estava bastante insegura, porque a gente vê muito a teoria, como fazer, mas na prática, na hora do ‘vamos ver’, eu ficava pensando como é que eu poderia de fato colocar em prática aquilo. Por exemplo, a atitude fenomenológica, muitas vezes eu ficava tão nervosa que aí eu perdi atenção naquele momento com o paciente em atendimento. E aí aos poucos eu fui percebendo como pôr em práticas

essas orientações e atualmente eu acredito que houve uma evolução positiva; acho que é isso. (Maylane dos Santos Silva, 2019)

As alunas descrevem suas vivências em supervisão. Maylane diz que seu supervisor costuma fazer simulações de atendimento com seus alunos, interpretando os casos que estão sendo apresentados.

O meu professor supervisor sempre dá orientações; ele mostra para gente como fazer na prática. Muitas vezes o professor convida alguns alunos para mostrar, para apresentar, ou simular, por exemplo, como é abordar aquele caso. Por exemplo, se eu tenho uma dúvida em determinado caso, geralmente ele mostra a forma como lidar; ele simula a situação. Então é muito importante, porque assim facilita a aprendizagem de nós, alunos. (Maylane dos Santos Silva, 2019).

Para Eveline, a dinâmica de supervisão com sua supervisora segue um “ritual”:

Logo quando a gente iniciou, como eu falei aqui a questão de indicação de livros, de role play; ela iniciou assim. Aí depois vem a parte quando a gente começa a atender: a gente traz o relato do caso que a gente atendeu, do relato do caso ela vai nos dando direcionamento, ‘então, siga assim’, ‘faça isso’, ‘leia tal livro’, ‘leia tal arquivo’, através disso a gente vai colocando em prática e vai conseguindo ajudar o paciente. (Eveline Maria Ferreira, 2019).

Caren contextualiza sua dinâmica de supervisão como tendo um “bom manejo”. A supervisão é aberta e dinâmica. Não tem uma característica rotineira. Finaliza dizendo que falta tempo para ouvir todos os casos.

Eu acho que a dinâmica proposta é efetiva, acho que ela funciona. Ela consegue cumprir muita coisa do que ela pretende; essa questão do tempo atrapalha muito.[...] Com a nossa supervisora, eu acho que o manejo é muito bom; que tem que ser essa coisa mais aberta e dinâmica mesmo; e não pode ser uma coisa tão certinha, tão rotineira. Estamos aqui na prática e a prática funciona com todo esse dinamismo. Não vai ser tudo bem desenhado, mas falta tempo, é pouco tempo para muita demanda, para muita coisa. Então, poderiam ser grupos menores. Eu acho que a maneira que acontece os horários de supervisão é efetivo, funciona, mas não tem horas suficientes para essa quantidade de pessoas que está atendendo essa quantidade de pacientes. Fora isso, a questão da supervisão e dos trâmites aqui da Clínica, eu acho que também podia ter uma fluidez melhor, e talvez não levaria tanto assunto que não deveria; não gastar tanto tempo com tantos assuntos mais disso na supervisão, e aproveitar mais para falar dos casos (Caren Renata Zarpelon, 2019).

As alunas trazem diferentes reflexões a respeito da função dos estágios, porém em todas as falas, aparecem a importância do Serviço para a formação do aluno. Caren cita algumas funções dos Estágios: servem de referência para processos seletivos no mercado de trabalho;

podem ser o maior incentivador para o aluno fazer uma pós-graduação com intuito de otimizar o que foi experimentado no Estágio. Para aluna O Serviço-Escola é “a base de tudo”.

Eveline compreende a função do Estágio como “um lugar que permite errar” e, quando isso acontece tem sempre alguém para orientar. A aluna expressa que lá fora, no mercado de trabalho, não será assim.

Eu vejo muito assim: aqui é o lugar que eu posso errar, lá fora não. A gente está sob os holofotes, as pessoas estão olhando e se a gente errar tem um monte de dedo apontando. Mas aqui não. Aqui, se a gente erra, tem uma pessoa que diz: ‘Não Eveline, não faz assim, faz desse jeito, melhor para você’. Então tem alguém para nos conduzir, para ir nos moldando a seguir certos caminhos e quando eu sair daqui eu não vou ter isso. Então os estágios aqui são de extrema importância. (Eveline Maria Ferreira, 2019)

A função do Serviço-Escola para Maylane é de “orientação”. Outra função do Serviço é possibilitar a prática de entrevista e o favorecer o aprendizado relativo à elaboração de relatórios, pesquisas e artigos.

Eu levo em conta muitas orientações que eu recebo aqui e que eu acho muito importantes, essenciais. Então eu pretendo levar também a questão da entrevista inicial. Quando a gente atende o paciente, a gente aplica a Entrevista Inicial, então existe todo um roteiro e eu não sabia disso antes. Então houve esse momento de aprender. [...] Eu consegui visualizar a melhor forma de como construir esse relatório e de como fazer a leitura dos casos e é basicamente isso. (Maylane dos Santos Silva, 2019).

Os fatores determinantes para a evolução do aprendizado e da postura profissional são considerados por Caren como sendo decorrentes do empenho e da dedicação ao curso.

Eu acho que isso é necessário. A gente se coloca presente mesmo na formação, se envolve em congressos, eventos, palestras, conversas com professor, tira dúvidas puxa para perto, faz parte de grupos de estudo... eu acho que isso é imprescindível (Caren Renata Zarpelon, 2019).

Eveline destaca que os professores, a prática no Serviço-Escola e sua motivação em aprender foram os fatores determinantes para sua evolução.

Fatores determinantes? Eu acho que as práticas e os meus professores, a minha determinação, força de vontade de estar aqui e estar ultrapassando cada barreira, então, os meus pais também me deram muito apoio, colegas em sala de aula... esses são alguns dos fatores que considero determinantes (Eveline Maria Ferreira, 2019).

Maylane considera como fatores determinantes para a sua evolução o seu empenho para aprender a utilizar a teoria na prática clínica e o entendimento da postura profissional, que ela considera uma das coisas mais difíceis de aprender. “Como eu falei, eu não sabia no início do estágio distinguir a teoria; de colocar a teoria na prática. A postura mesmo do psicólogo na prática eu tinha dificuldade em assumir, e agora parece ser algo mais natural para mim entende.” (Maylane). Em relação a dificuldades encontradas em supervisão, apenas Eveline disse não as ter encontrado. As alunas Caren e Maylane apresentaram diferentes dificuldades. Maylane cita o atendimento de um paciente suicida como um grande desafio, que ela para ela vencê-lo, foi muito importante a orientação em supervisão, bem como as leituras disponibilizadas pelo Conselho Regional de Psicologia de Alagoas.

Eu atendo como maior dificuldade. Um dos meus clientes tem o comportamento suicida, e aí foi importante durante as orientações do supervisor fazer uma leitura daquele caso, como lidar com comportamento suicida e o CRP, aqui mesmo de Alagoas, divulgou e até doou alguns livros de como lidar. Foi importante fazer essa leitura e, aí, atuar neste caso. Teve um momento em que esse paciente, esse cliente falou que talvez não voltasse na próxima sessão e aí eu resolvi fazer um acordo, conforme o que eu havia lido anteriormente, de ele continuar vivo até a próxima sessão e ele confirmou. E assim foi. Então, a leitura é essencial nesse processo de aprendizado nosso aqui no Serviço Escola da UNIT na Clínica de Psicologia. (Maylane dos Santos Silva, 2019).

Caren considera que, além das horas de supervisão serem insuficientes e a quantidade alta de alunos em sala, o recesso é uma outra dificuldade, que ela justifica dizendo que, quando o paciente está evoluindo, acontece a suspensão por conta do final do período. Para Caren, isso é um fator prejudicial para o processo evolutivo do paciente, mas entende que é algo inerente ao funcionamento de um Serviço-Escola.

A única coisa que foi mais difícil, foi o recesso. Nossa, eu tive pacientes que estavam evoluindo e que chegaram assim: ‘Caren, estava indo muito bem, e está tudo de ponta cabeça de novo’; Eu fico um pouco comovida com essa parte que é humana que a gente não consegue atender, mas que é a realidade da Clínica- Escola. (Caren Renata Zarpelon, 2019).

Quanto à principais demandas enfrentadas pelos alunos, Maylane e Caren trouxeram como principal os casos de ansiedade. Eveline fala da dificuldade de entrar no mercado de trabalho, ressaltando que sente receio de a Psicologia que ela tanto estuda e se dedica não ser reconhecida pela sociedade com a mesma importância a que ela vê.

Eu vou conseguir um emprego quando sair daqui? Será que a Psicologia que eu tanto estudo, que eu tanto gosto, faz efeito lá fora? Então, eu acho que são esses dois pontos que ficam piscando assim na minha mente. (Eveline Maria Ferreira, 2019).

Caren avalia que uma das queixas mais comuns de pacientes e de colegas é ansiedade. Porém, entende que nem tudo seria ansiedade, e que muitos preferem apresentar essa demanda a ser trabalhada por ser “mais bonito”. Ao mesmo tempo, conclui que a ansiedade nunca se dá por si só; é sempre associada a outras questões.

Um pouco de tudo, mas uma coisa que eu ouço muito dos meus pacientes e dos meus colegas falarem é a ansiedade, às vezes não é ansiedade, mas é o que o cliente está falando, acho que é mais bonito dizer que tem; então todo mundo tem ansiedade, todo mundo chega falando que o problema é a ansiedade que essa é a demanda mais alta, que é totalmente complexo, porque ansiedade nunca é ansiedade por si só. (Caren Renata Zarpelon, 2019).

Maylane, por sua vez, destaca a ansiedade como sendo a principal demanda, que acredita ser muito perigosa para o paciente, posto que pode evoluir para quadros mais graves.

As demandas que eu percebo, muitos dos casos clínicos, tanto meu como dos meus colegas durante a supervisão é que nós precisamos estar mais preparados para casos de ansiedade, porque surgiu muitos clientes ansiosos, e aí essa ansiedade que a gente vê durante o processo pode evoluir para outras casos muito graves, muito perigosos, e aí eu percebo que é essencialmente para termos um entendimento melhor de como é essa ansiedade e como abordar. Acho que a demanda mais frequente aqui pelo menos é essa ansiedade por parte dos pacientes dos clientes. (Maylane dos Santos Silva, 2019).

Caren não considera que a carga horária seja inadequada, mas ressalta que as possíveis intercorrências, o uso dessas horas e o aprendizado e desempenho dos alunos é que devem ser a questão central.

Eu acho que funciona bem; eu não acho que é hora de mais, nem acho que é muito de menos; eu acho que a distribuição fica boa. Eu tive uma experiência muito sortuda de não ter tanta desistência e arquivamento de paciente, mas às vezes eu vejo pessoas desesperadas em bater as horas, o que me faz pensar quando eu ouço isso não é nem a questão de: ‘meu Deus, fulano não vai formar por causa das horas, ele não viveu o que eu vivi, então, meu Deus, será que ele está preparado...’ Entendeu? Essa é a única questão, eu acho que tive sorte dessas horas funcionarem. Dos meus seis pacientes que eu peguei no nono, eu estou com cinco deles. Um eu tive que arquivar por falta e ela não queria que eu arquivasse de jeito nenhum, mas era uma regra da clínica e não tinha como. (Caren Renata Zarpelon, 2019).

Para a aluna Eveline, a carga horária é insuficiente e quanto mais horas de supervisão e de prática, melhor seria para a formação. Maylane, por sua vez, destaca que a carga horária é

suficiente, embora perceba que alguns alunos têm dificuldade de cumprir, por diversos motivos, como falta de pacientes, trabalho do aluno etc.

Eu acredito que poderia haver alguns ajustes, porque, por exemplo, existe a contagem de horas 120 horas, e aí nem todo aluno consegue completar essas horas. E o que eles fazem? Eles propõem que a gente faça o treinamento ou participem de treinamento ou jornada de casos clínicos para conseguir completar essas horas; às vezes a gente tem que fazer plantão, mais de um plantão para conseguir completar as horas. Então eu acho que existe uma falha. Apesar de que tudo isso contribui para a formação, a gente participar de casos, de jornada de casos clínicos de treinamento, tudo isso contribui bastante, mas se na grade consta que são 120 Horas de atendimento, e não de treinamento, de participação de jornada de casos clínicos, acho que há uma incongruência, vamos dizer assim, nesse aspecto. (Maylane dos Santos Silva, 2019).

A aluna ressalta que muitos alunos são convidados para participar de treinamentos, estudos de caso e outros eventos para “ganhareм horas de atendimento”. Para ela, horas de atendimento deveriam ser contabilizadas exclusivamente se o estagiário cumpriu horas de atendimento. O papel social do Serviço-Escola é tido pelas alunas como fundamental. Maylane aponta sua importância no sentido de possibilitar aos sujeitos uma “melhor qualidade de vida”, promovendo “saúde mental”.

É muito importante, como eu falei, porque ele oferece atendimento para adultos, crianças, idosos, e aí a gente recebe muita demanda que é o que mais acontece frequentemente, até segundo dados estatísticos aqui no Brasil. O país que está no topo do ranking de ansiedade. A gente recebe muito caso de ansiedade e eu acredito que contribuimos para a sociedade nesse sentido de promover o sujeito, de possibilitar ao sujeito uma melhor qualidade de vida, que se a sua saúde mental não vai bem, então o que é que vai? Eu penso dessa forma. (Maylane dos Santos Silva, 2019)

O Serviço-Escola é importante porque atende principalmente a comunidade carente, segundo Eveline.

O Serviço Escola daqui é mais voltado para comunidade. Ele abriu mais, mas inicialmente eu o via mais voltado para o pessoal da comunidade aqui de trás. Eu não tenho tanto conhecimento da população realmente daqui, mas eu vejo que é uma população carente que realmente precisa dos atendimentos. São várias fichas de prontuários de pessoas que vem fazer o cadastro aqui e ficam na fila de espera, e como em outros cursos como Nutrição, muitas amigas chegam pedindo que eu viesse, porque não tinha tanta demanda, e Psicologia tem muita demanda. Até lá em Paripueira eu vejo essa necessidade da população, questão financeira, de que realmente eles precisam. (Eveline Maria Ferreira, 2019).

Caren ratifica o benefício que o Serviço-Escola oferta a toda comunidade de Alagoas e que muitos só conheceriam a Psicologia através do Serviço Escola. Diz ainda que muitas pessoas têm condições de pagar, mas preferem ficar no Serviço Escola “para não se expor”.

Uma coisa que a gente já discutiu muito é a questão de que esse Serviço está disponível para pessoas que tem possibilidade de ir e pagar pelo serviço e que acabam tirando a vaga de quem não tem. Por um lado isso incomoda, mas por um outro, eu vejo que, pelo menos até hoje, as pessoas que eu atendi, que eu vi que tinha possibilidade de pagar talvez não iriam, por um preconceito ainda. Pelo pai ou pela mãe achar uma coisa ou outra, mas como está aqui dentro da instituição, ele meio que se permite, porque ninguém vai vê-lo no consultório da Psicologia. (Caren Renata Zarpelon, 2019.)

Quando mencionou suas sugestões para o Serviço, Maylane coloca como necessidade a melhora da acústica das salas de atendimento:

Muitas vezes nós estamos atendendo aqui, outros colegas também já falaram, e a gente consegue ouvir o que outras pessoas falam em outras salas. Muitas vezes aconteceu de prejudicar o processo de psicoterapia por conta dessa acústica não ser favorável. Acho que é só questão de estrutura mesmo, que eu tenho a acrescentar como sugestão de melhora (Maylane dos Santos Silva, 2019).

Eveline sugere que haja melhorias no espaço físico do Serviço-Escola, que percebe como pequeno para a quantidade de pacientes atendidos e de alunos, também relata falta de material, tendo o aluno que trazê-los por conta própria. Relata que a Coordenação está modificando aos poucos as salas, deixando-as mais acolhedoras e confortáveis.

Caren reforça que o recesso entre os períodos seria prejudicial para a melhora dos pacientes. A aluna sugere que haja, pelo menos, a permanência do plantão durante esse período de recesso, para suprir as necessidades dos pacientes.

Eu acho que isso é uma questão que afeta no atendimento mesmo, no serviço que é prestado, não para os alunos, mas no atendimento, no serviço que é prestado. Acho que esse é um ponto crítico quando eu penso enquanto serviço. A minha sugestão seria possibilitar um plantão que fosse durante as férias. Às vezes tem as próprias aulas que acontecem no período de férias. Talvez que fosse um plantão para aquele aluno que não consegue atingir as horas. Ter essa oportunidade nesse plantão. E também compartilho um pouco dessa crítica de estar disponível para pessoas que podem pagar atendimento particular, mas tenho também essa ressalva dessa questão de uma oportunidade, uma porta de entrada para a psicoterapia. (Caren Renata Zarpelon, 2019).

Em síntese, Caren critica, ainda, a carga horária de supervisão, considerada insuficiente, e a grande quantidade de alunos em supervisão. A aluna tem como sugestão para melhorar a qualidade do Estágio que a turma seja dividida em duas com as mesmas quatro horas de supervisão para cada uma, para dar tempo de todos serem devidamente orientados em seus casos. Outro ponto importante com relação ao curso, diz, tem a ver com a avaliação escrita que os alunos fazem e que, em seu entender, é desnecessário. Todas as três concordam com as

normas de funcionamento do Serviço-Escola, embora destaquem motivos distintos. Caren tem as normas de funcionamento como “justas”.

No geral eu acho bem justa as normas, na questão de que não é um serviço pago. Então, a questão das normas para arquivar, para lista de espera e tudo mais, eu acho que funciona muito bem, porque a gente tem que ter alguma coisa para permitir que outras pessoas tenham acesso. A única coisa que às vezes a gente sente que é meio incerta, e que parece meio injusto, é essa questão da lista de espera. Eu acho que isso vem melhorando, assim com a questão da triagem e da preceptorial com a triagem de quando são casos mais graves conseguir encaminhar para quem já está atendendo, o pessoal do nono e do décimo, porque antes a gente sentia que se não era triado, não ia chegar para ninguém e tinha que esperar, e mesmo sendo triado você vai ter que esperar, só no próximo semestre. (Caren Renata Zarpelon, 2019).

Para Eveline, as normas são “adequadas e necessárias”. E para Maylane as normas “estão de acordo com a natureza do serviço ofertado”. As alunas destacam a reforma do Serviço ao serem perguntadas sobre as instalações. Caren destacou que a quantidade de salas de atendimento dobrou, e que nem ela nem os colegas tiveram dificuldade para marcar atendimento. Ela chama a atenção quanto ao revestimento acústico que, segundo ela, precisa ser melhorado. Ressalta as questões éticas relacionadas.

Olha, era pior, já melhorou muito porque a gente tem um número maior de salas agora. Estamos com doze agora, duplicou. Então esse semestre a gente não teve problema para agendamento, pelo menos eu não tive até agora e não vi ninguém reclamando. Mas uma questão que a gente tem e que é gravíssima, é a questão da acústica, tem algumas salas, assim, nenhuma tem uma acústica boa, mas tem algumas salas que ficam mais prejudicadas que outras, a sala que a gente faz o atendimento de criança é em frente ao mini auditório e são duas portas com vidro e, assim, criança é o pior para bloquear (Caren Renata Zarpelon, 2019).

Maylane também sinaliza que a acústica das salas precisa de reparos.

Só essa questão da acústica das salas, que inclusive eles estão agora fazer uma reforma aqui na clínica para melhorar isso, porque já houve muitas reclamações; então era só essa a minha sugestão quanto à estrutura, a questão da acústica, mas eles já estão melhorando isso. (Maylane Dos Santos Silva, 2019).

Eveline menciona as dificuldades encontradas durante o período da reforma, mas que trouxeram melhorias.

Não tenho do que reclamar, assim, a reforma aconteceu do meio do ano e ainda está acontecendo, então, logo quando eu comecei tinha a questão de poucas salas, então era um pouco concorrido os horários, principalmente os da noite, bem mais concorrido, mas agora como tem outras salas, eles melhoraram as salas. (Eveline Maria Ferreira, 2019).

Em relação à equipe de logística do Serviço, as alunas são unânimes em destacar a eficiência da equipe e a satisfação dos alunos.

O pessoal aqui da Clínica, os meninos que ficam aqui atendendo gente, não tive nenhum problema. O treinamento também que eles dão para gente acessar o sistema e tudo mais, as orientações, é bem tranquilo. Embora tenha o tempo máximo de abrir e fechar sessão, eles são super compreensivos quando não dá, ou quando o computador está ocupado, então é bem tranquilo (Caren Renata Zarpelon, 2019).

Muito bom; os meninos da recepção são muito bons; os funcionários com quem eu tenho contato aqui são muito atenciosos, o que eles podem fazer por mim, não só por mim, mas por outros estagiários, eles fazem, então não tenho reclamações sobre isso. (Eveline Maria Ferreira, 2019);

A equipe daqui eu acredito que seja boa, porque, por exemplo, os recepcionistas da Clínica que fazem o agendamento dos atendimentos incríveis. Eles sempre estão disponíveis. Muitas vezes eu não consigo entrar em contato com eles por Gmail; eles falam que não tem problema algum eu falar pelo whatsapp. Eles sempre estão dispostos, a questão do agendamento, a equipe daqui é incrível. (Maylane dos Santos Silva, 2019)

Retomando o conjunto das narrativas deste Eixo, pôde-se perceber que a ansiedade foi o sentimento que permeou todos os alunos ante a chegada ao Estágio Específico, em Clínica. Ansiedade relacionada a fatores que transcendem o estágio em si, como no caso de Maylane, com relação a não saber se conseguiria articular as teorias vistas nas disciplinas com a prática de estágio, ou Eveline, que só depois se deu conta de que acertou em sua escolha de área de estágio. Ansiedade voltada para si próprio, como no caso de Cleyson, que a associa a um excesso de curiosidade seu, ou no de Eduardo, ansioso para poder “ajustar sua postura” enquanto profissional. A ansiedade de Caren foi por conta da dúvida quanto a se conseguiria articular as horas de estágio com seu trabalho.

A intensidade com a qual os alunos entrevistados destacam a função dos estágios nos Serviços-Escola é no mínimo proporcional à tensão da expectativa anterior. Um “divisor de águas” para Cleyson; uma referência única em sua vida, para Eduardo; “a base de tudo” para Caren. Para esses alunos, sua formação enquanto psicólogos, de acordo com suas falas, perpassam uma transformação pessoal, bem além de apenas um conjunto de aprendizados instrumentais. Eveline e Maylane são mais pragmáticas em suas narrativas, destacando a importância da orientação de suas práticas pelo supervisor, porquanto a clínica-escola ser “um lugar que permite errar”. Esta última expressão de Eveline encontra eco na fala da supervisora Petruska, conforme foi visto.

Quando descreveram a dinâmica de suas respectivas supervisões, além de todos destacarem positivamente o estilo de supervisão próprio do professor que os orienta, as queixas apresentadas, em especial por Eduardo e Caren, referem-se especificamente ao que descrevem como falta de controle do tempo para supervisionar todos os casos por parte de seus supervisores

Os alunos entrevistados são unânimes ao destacar a função social do serviços-escola como crucial, por conta da grande quantidade de pessoas que são atendidas regularmente em ambos os Serviços, sendo em sua maioria população carente. Destacam a importância da promoção de saúde mental a esse público e consideram que os Serviços ainda poderiam se expandir para atender ainda mais pessoas. Eduardo sugere inclusive um melhor atendimento clínico a colaboradores, quando faz referência à necessidade considerada por ele de se criar um espaço físico na Clínica para isto.

Ao destacarem os pontos positivos e negativos dos serviços- escola, também pode-se inferir unanimidades nos relatos dos alunos. Todos elogiaram a equipe de apoio do respectivo Serviço-Escola, destacando que são prestativos e eficientes. Essa equipe é, inclusive, apresentada como a que dá suporte para a assimilação da norma dos serviço-escola por parte dos alunos. Normas que eles declaram achar adequadas e justas, mas que, pela quantidade, geraria problemas quando de sua assimilação.

O espaço físico é destacado pelos estagiários como apresentando pontos positivos e negativos nos dois serviços-escola. Na Clínica da UNIT Aracaju, Cleyson elogia a higienização do ambiente e a Brinquedoteca, enquanto Eduardo considera a necessidade de ampliação das instalações para maior capacidade e conforto de quem a frequenta. Na Clínica da UNIT Maceió, os alunos destacam a reforma que houve recentemente e que produziu melhoras quanto à ampliação e o conforto, mas destacam que ainda haveria o que se aprimorar e problemas a resolver, como falhas no isolamento acústico da sala de atendimento.

Na conclusão das análises das narrativas dos alunos entrevistados, suas próprias narrativas fazem conexão com as expressões dos professores quando contextualizam ‘o que é ser supervisor?’ visto que o supervisor, antes de ser supervisor ele é Psicólogo e em suas supervisões inevitavelmente expressam a relevância da Psicologia enquanto profissão para o aluno, para a sociedade e para si próprio. Para os alunos coube a indagação qual a ‘importância da Psicologia?

Eu lembro que logo no primeiro dia de aula eu estava com uma amiga , que entrou junto comigo e vivemos a graduação juntos, praticamente. Aí eu parei e refleti, logo após o primeiro momento que a gente teve contato com o CRP, os primeiros

professores do dia e tudo aquilo... eu parei e falei bem assim: A Psicologia é uma área gigante, né? Onde tem ser humano, a gente pode trabalhar. [...] Ser psicólogo, primeiro, é ser um ser humano tentando fazer a diferença na vida de outro ser humano. [...] é um agente de mudança social, política, econômica, cultural, de promoção da ética, de uma moral adequada aos nossos termos, de promover saúde! (Cleyson Avelino Militão, 2019).

A gente vê com as pesquisas que estão surgindo agora com mais força no Brasil, o índice de depressão, ansiedade, suicídio, que as pessoas estão passando a valorizar um pouquinho mais a saúde mental. [...] Acho que ainda tem muito paradigma pela frente, muitos preconceitos ainda para lutar contra, mas acho que isso vem melhorando bastante. [...] Eu não vou ser a melhor psicóloga do mundo, mas eu sou minimamente uma pessoa melhor e mais consciente, e assim, eu consegui me despir de preconceitos que eu nem imaginava que eu tinha”. (Caren Renata Zarpelon, 2019).

Eu acho que a Psicologia tem muito poder no cenário atual, principalmente pela forma como ela é. Ela é como várias estradas inter cruzadas que se guiam para caminhos diferentes, porque a Psicologia ‘raiz’ se desmembra e se transforma. [...] A psicoterapia ajudou a me tocar em tantas coisas que realmente significavam e eram importantes para mim e me ajudou a pensar: eu quero levar isso para as outras pessoas, eu quero ser a pessoa que ajuda outras pessoas. (Eduardo Marque Cleverton Santos, 2019).

A sociedade ainda tem aquele preconceito, que a Psicologia é para pessoas loucas, eu ainda vejo muito isso. Alguns dos meus pacientes trazem muito isso ainda. [...] Quando eu entrei no curso eu não sabia de nada, só sabia que queria a Psicologia e pronto. [...] a cada disciplina, a cada professor, a cada trabalho que a gente ia fazendo eu ia me direcionando para um lugar e via que era aquilo o que eu quero: a Psicologia. (Eveline Maria Ferreira, 2019).

A profissão de Psicologia, o exercício profissional da Psicologia, é essencial em todas as áreas, seja na área do trabalho nas empresas, na área escolar. [...] O curso exige uma responsabilidade muito grande de quem escolhe a Psicologia (Maylane dos Santos Silva, 2019).

Os alunos entrevistados ressaltaram a amplitude e a importância que a Psicologia enquanto profissão teria para a sociedade. Onde há ser humano, há campo para o psicólogo, segundo Cleyton, em consonância com Maylane, que tem a Psicologia como essencial em todas as áreas profissionais. Eveline e Caren destacaram preconceitos que a atuação do psicólogo ainda carrega e que nem graduandos estariam isentos, conforme Caren explicita. Sinalizaram o modo como a formação em Psicologia teve importância em suas vidas.

A escolha pela Psicologia exige do aluno uma mobilização consistente e um aprendizado constante, no qual a prática do Estágio seria o seu momento culminante. É nesse contexto que se pode trabalhar uma escuta plena e a atenção aos fenômenos que ocorrem tanto com os pacientes como consigo mesmo. Melo-Silva (2005) apresenta que os fenômenos que emergem dos acontecimentos práticos sempre acrescentam algo às teorias, que seriam sempre inacabadas. No contexto do estágio, o aluno tem em si mesmo e em sua relação com o supervisor a base para compreender a fundamentação de sua prática e a crítica de sua teoria; de aprender a escutar o outro, e de transformar suas vivências em experiências vividas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral desse trabalho foi compreender o processo de formação do Psicólogo nos Serviços-Escola dos cursos de Psicologia da UNIT Aracaju e UNIT Maceió, em diálogo com supervisores e alunos. Com este intuito, os objetivos específicos foram: caracterizar a trajetória e o perfil dos alunos e supervisores participantes; identificar as disciplinas curriculares indicadas como mais importantes para a formação a partir da prática no Serviço-Escola; analisar a importância da atuação do Serviço-Escola para a Formação do Psicólogo. No processo de desenvolvimento deste estudo, visando contemplar tais objetivos, optei por trabalhar com a análise das narrativas coletadas, seguindo eixos temáticos apresentados para supervisores e alunos. O primeiro eixo visa compreender a caracterização da trajetória do supervisor e do aluno e sua atuação no estágio, tendo como centro a supervisão; o segundo eixo versa sobre as contribuições das disciplinas curriculares para a prática no Serviço-Escola de Psicologia; o terceiro eixo investiga a importância da atuação no Serviço-Escola para a formação do Psicólogo, incluindo suas considerações sobre pontos positivos, críticas e sugestões quanto ao Serviço-Escola e sua função.

Os supervisores de Aracaju e de Maceió apresentaram narrativas sobre suas trajetórias profissionais, com divergências de percurso, mas também com significativas convergências. A área clínica se configurou como ponto de chegada em suas atuações, e a partir daí, o de supervisor. As duas supervisoras de abordagem psicanalítica, Petruska e Gabriela, foram as únicas que declararam ter passado por uma formação para se tornarem supervisoras no contexto de seus grupos de Psicanálise, como protocolarmente costuma ocorrer com os psicanalistas em sua especificidade de formação. Os demais supervisores iniciaram sua atuação como supervisor por sua própria conta, a partir de demandas de outros profissionais ou deles próprios.

Os alunos entrevistados expuseram interesses profissionais bem diversos, em função de suas histórias de vida e do conjunto de suas vivências particulares. Todos eles declararam interesse prioritário na Psicologia Clínica, entendida como crucial na sua formação porque embasaria todo o desempenho profissional do psicólogo em qualquer área. A ansiedade em iniciar o estágio ou em conseguir atuar adequadamente foi tema recorrente em suas narrativas. Nesse sentido, todos destacaram a importância que foi a supervisão como orientação e suporte de suas práticas.

Com relação à dinâmica de Supervisão, a abordagem teórica adotada por cada supervisor mostrou-se diretamente relacionada ao modo como estruturam suas supervisões. A relação com os alunos como mutuamente construtiva, horizontal e afetiva, dos supervisores

Elen e Roberto, estão em sintonia com a proposta da abordagem gestáltica, adotada por ambos. Analogamente, as supervisoras Petruska e Gabriela destacaram o ponto de vista do aluno em suas supervisões, visando com que este elabore um entendimento clínico a partir dessas percepções, em sintonia com o entendimento da escola psicanalítica. A supervisora Kayse, única supervisora entrevistada a adotar a abordagem Cognitiva Comportamental, também em sintonia com seu enfoque teórico, relata que prioriza os casos apresentados em sua objetividade, visando construir o entendimento clínico do aluno por esse viés. A importância da prática e do experienciar do aluno perante os atendimentos e a supervisão foi destacada principalmente pelos supervisores da abordagem gestáltica, Elen e Roberto. As demais supervisoras também seguem, ao seu modo, esta ênfase, mas, concomitantemente, enfatizam o aspecto teórico/academicista, em especial quando relatam a deficiência ou “lacuna” na formação teórica dos alunos nas disciplinas de graduação com relação às suas respectivas abordagens teóricas.

A questão das abordagens teóricas na Psicologia é tema longo de constantes discussões na área. Os pontos sensíveis dessa discussão referem-se aos limites e aproximações entre as abordagens teóricas, além da articulação e da prioridade entre teoria e prática (Cordioli, 2018). Quanto a essa temática, os supervisores entrevistados demonstraram em suas narrativas coerência e propriedade, em termos de princípios teóricos da abordagem adotada, da importância da integração da teoria com a prática, e do diálogo possível e fecundo entre as abordagens.

A supervisora Petruska entende que a teoria delimita o foco e a atuação na clínica psicológica, não obstante entenda que uma postura profissional consistente seria a base fundamental da boa atuação e o eixo para o diálogo integrador entre as abordagens. Kayse e Roberto destacaram também a importância norteadora da teoria, sem que isso os impeça de utilizar de técnicas adotadas por outras abordagens se isso lhes parecer produtivo e adequado. Gabriela e Elen chegaram ao ponto de considerar as abordagens que adotam como norteadoras de sua própria visão de mundo, mas também não segregam outros olhares.

Os alunos entrevistados, por sua vez, destacaram que escolheram sua abordagem teórica principalmente por identificação. O aluno Cleyson, inclusive, faz coro com sua supervisora, Elen, ao considerar a abordagem gestáltica como “filosofia de vida”. Assim como os supervisores, todos os alunos convergiram na consideração de que a abordagem teórica serve como norteador fundamental da sua atuação prática e, também, mostraram-se abertos a possíveis diálogos e articulações entre as abordagens.

Quanto às contribuições das disciplinas curriculares na prática do Serviço-Escola, os supervisores entrevistados consideram que atividades de ordem prática devem ser priorizadas

na graduação, de modo constante e com início já nos primeiros períodos. Entendem que os alunos apresentam pouca base, com relação à leitura teórica da abordagem adotada no estágio, com relação também à pesquisa e até à escrita. Não há um parâmetro único que pareça nortear essa escolha das disciplinas entendidas como mais importantes na formação do aluno. Nem propriamente diferença expressiva identificável entre as posturas dos supervisores de Aracaju e de Maceió. Em linhas bem gerais todos os supervisores sinalizaram que faltaria maior integração entre disciplinas e estágios, principalmente os da UNIT Maceió.

Os alunos entrevistados também evidenciaram perceber essa falta de integração das disciplinas com o estágio. Apenas um aluno, Cleyson, indicou disciplinas que teriam preparado para a atuação de estágio. Os demais alunos apontaram outras atividades, como o Curso Introdutório, promovido pelo próprio Serviço-Escola, ou treinamentos, simulações ou outros cursos que não estão previstos diretamente na Estrutura Curricular do curso de Psicologia da sua instituição. Quando foi abordado o tema de quais disciplinas mais teriam contribuído para o Estágio, não houve uma disciplina que fosse unânime, embora tenha havido citações recorrentes: Teorias e Técnicas Psicoterápicas e Dinâmica de Grupo foram citadas por ambos os alunos da UNIT Aracaju e Psicodiagnóstico por duas das alunas da UNIT Maceió. A consideração das disciplinas mais importantes pareceu estar mais associada ao interesse e perfil do aluno do que propriamente à constatação objetiva de uma importância direta e prevista na estruturação do curso.

O fato de que na UNIT Aracaju os supervisores não ministram aulas na graduação, ao contrário da UNIT Maceió, não se configurou como um fator de discrepância entre posturas, práticas e entendimentos quanto ao curso, aos estágios e às suas atuações.

A necessidade de o aluno de Psicologia se submeter a um processo psicoterápico e a importância da supervisão na formação profissional foram pontos enfatizados tanto pelos supervisores quanto pelos alunos, em plena consonância com as recomendações do Conselho Federal de Psicologia e de autores como Bollas (1992) e Anzoline e Silveira (2003), citados neste trabalho.

Quanto à importância do Serviço-Escola, supervisores e alunos entrevistados consideram o serviço como tendo uma dupla e importante função. De um lado, seria o campo maior de implementação e aprendizado da prática psicológica, considerada incipiente nos períodos anteriores de graduação. Por outro lado, é considerado um grande difusor de atendimentos psicológicos na comunidade, promovendo para população menos favorecida acesso a esses serviços. A amplitude dos atendimentos foi destacada por supervisores e por alunos em termos de quantidade e de variedade de público e demandas.

Ao destacarem os pontos positivos e negativos dos Serviços-Escola, supervisores e alunos elogiaram a equipe de apoio do respectivo Serviço, destacando que são prestativos e eficientes. Essa equipe é, inclusive, apresentada como a que dá suporte para a assimilação das normas do Serviço. Normas consideradas, de modo geral, adequadas e justas, mas que, pela quantidade, geraria dificuldades em ser assimiladas.

Ainda com relação às normas, a correção dos resumos de sessão pelo Sistema Integrado de Clínicas da Saúde (SICS-Magister) por parte dos supervisores foi uma queixa recorrente destes pelo fato de terem que preencher o SICS durante o horário de supervisão. Isso terminaria por prejudicar no tempo dedicado a acompanhar os casos atendidos e orientar os alunos. A queixa apresentada pelos alunos, em especial por Caren e Eduardo, com relação à falta de controle do tempo por seus supervisores para dar devida atenção a todos os casos, pode ser melhor contextualizada tendo em vista a questão do preenchimento do SICS na supervisão.

O tamanho das instalações físicas do Serviço e sua estrutura e aparência foram destacados por alunos e supervisores. Na UNIT Aracaju é sinalizado por um aluno e por uma supervisora a necessidade de reforma para melhorar capacidade e conforto. A higienização e a brinquedoteca são destacados como pontos positivos do Serviço. No Serviço-Escola da UNIT Maceió, que, segundo relatado, passou por recente reforma para ampliação, supervisores e alunos consideraram que ainda pode haver melhorias e relataram problemas no isolamento acústico das salas de atendimento.

Para os alunos entrevistados, o estágio no Serviço-Escola é de essencial importância na formação: “a base de tudo”, “um divisor de águas”; uma referência única de vida, ou, ainda, o contexto que promove aprendizados, não só instrumentais, mas de vida. Todos avaliaram bem o estilo de supervisão do seu supervisor.

Levando-se em conta o conteúdo das narrativas de supervisores e alunos atuantes no estágio no Serviço-Escola como um importante sinalizador do que acontece na formação em Psicologia, pode-se concluir alguns pontos importantes: a ausência de formação específica para supervisionar estágios em clínica não foi um fator que comprometesse o desempenho dos supervisores. Tanto os que tiveram essa formação, vinculados à Psicanálise, quanto os demais, que se constituíram enquanto supervisores pela própria iniciativa e prática, descreveram com coerência e propriedade o seu fazer, em consonância com os princípios teóricos da respectiva abordagem adotada. Contudo, isso não os impede que, de forma criativa e autônoma, abram espaço para o intercâmbio de práticas e teorias. Nesse sentido, a dicotomia extrema entre “dogmatismo” e “ecletismo” teórico, tão discutida na Psicologia (FIGUEIREDO, 2004;

CORDIOLI, 2018), apareceu nas narrativas como uma temática que, embora mobilize os supervisores, é atuada de forma equilibrada e harmônica.

Alguns pontos objetivos devem ser destacados como sugestão para planejamentos estratégicos das IES investigadas, bem como para pesquisas futuras:

A carga horária de atendimento nos estágios precisa chegar a um ponto de equilíbrio entre número de casos atendidos e tempo de supervisão. Quanto mais casos atendidos, maior a prática dos alunos e maior o contingente de pacientes atendidos. Porém, cresce proporcionalmente a dificuldade de um supervisor em acompanhar o montante de casos. Reformular estratégias de supervisão para otimização equilibrada desta equação é um desafio que se mostra necessário para uma formação cada vez melhor dos alunos. Repensar quantidade de alunos por supervisão e/ou sua carga horária são opções a se discutir. Outra sugestão é seguir a proposta de autores clássicos como Buys (1987), ao propor atividades alternativas entre os alunos, fora de horário de supervisão, para aprofundamento teórico ou técnico, deixando para a supervisão a análise dos casos atendidos e eventuais dúvidas. Outra sugestão a ser pensada com base no mesmo autor citado, é de supervisão coletiva com uma maior quantidade de pessoas (em um auditório, por exemplo) desde que todos tenham a mesma finalidade específica. Com essa contribuição, o autor, baseado em suas experiências, coloca que isso é possível pelo fato de entender que em uma supervisão coletiva se avalia as demandas frequentes em atendimento, como: depressão, ansiedade, fobia, resistência, conflitos etc., e não as implicações do psicoterapeuta frente ao caso atendido. Este último seria uma demanda a ser trabalhada em supervisão individual ou em grupos menores. Mudança na logística com relação ao preenchimento do SICS no horário de supervisão vai ao encontro do que sinalizaram supervisores e alunos nessa pesquisa.

Mostrou-se também como ponto nevrálgico na formação dos futuros psicólogos a integração dos estágios com as disciplinas do curso, que parecem, segundo o conjunto dos relatos dos supervisores e, principalmente, dos alunos, bem desconectada. Não houve disciplinas unanimemente destacadas como base para a atuação no estágio. Disciplinas como Teorias e Técnicas Psicoterápicas- TTP, que faz parte do currículo mínimo do curso de Psicologia, é uma, senão a principal, que tem, ou deveria ter, essa função. Se não estão cumprindo seu papel ou se não estão sendo devidamente aproveitadas pelos alunos é algo a se pesquisar. A inclusão de mais práticas no conjunto das disciplinas do curso é uma opção de mudança, em total consonância com a demanda dos alunos e supervisores. Mudanças futuras nas Matrizes Curriculares poderão contemplar esta integração.

As narrativas dos entrevistados trouxeram histórias ricas, singulares; evidenciaram o quanto que a formação em Psicologia, destacadamente na prática de estágio no Serviço-Escola, configurou-se como produção de subjetividade para os atores envolvidos e serviram como sinalizadores de como se processa na prática essa mesma formação.

Tal compreensão resulta no entendimento acerca das inomináveis implicações no desenvolvimento de uma Psicologia que acompanha o movimento da realidade em diferentes frentes, seja ela, econômica, social, educacional e de saúde, contemplando o também o contexto no qual o aluno está inserido, principalmente, no que tange ao compromisso ético para com as necessidades e especificidades socioculturais atuais.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005.
- _____. **História oral: a experiência do Cpdoc**. Rio de Janeiro: Centro de pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.
- ANCONA-LOPEZ, S. **Os cenários que se apresentam ao psicólogo hoje em dia**. Palestra proferida no II Encontro Nacional de Supervisores de Estágio em Psicologia, São Leopoldo, RS, 1993.
- ANCONA-LOPEZ, M. (1995). **Clínica psicológica: Espaço de tensões**. Resumos a XXV Reunião Anual de Psicologia da Sociedade Brasileira de Psicologia, 71.
- BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. **Magia e técnica, arte e política**, p. 36-49, 1994.
- BRASIL. Lei nº4.119, de 27 de agosto de 1962. Dispõe sobre a formação em Psicologia e regulamenta a profissão de Psicólogo. In: Diário Oficial da União. Brasília, cap. IV, art. 16, p. 03. 5 set. 1962.
- BOECKEL, M; KRUG, J.; LAHM, C; et al. **O papel do serviço-escola na consolidação do projeto pedagógico do curso de psicologia**. *Psicologia: ensino & formação*, v.1, n.1, p. 41-51, 2010.
- BOLLAS, Christopher. O Trissexual. **A Sombra do Objeto: psicanálise do conhecido não-pensado**, 1992.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças dos velhos**. 3. Ed. – São Paulo Companhia das Letras. 1994.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. Ateliê editorial, 2003.
- CAMPEZATTO, P. V. M. et al. Serviços-escola. In: MELO-SILVA, L. L.; SANTOS, M. A. dos; SIMON, C. P. e cols. **Formação em Psicologia - Serviços-escola em debate**. São Paulo: Vetor Editora, 2005.

CAPITÃO, Cláudio Garcia; ROMARO, Rita Aparecida. Caracterização da clientela da clínica-escola de psicologia da Universidade São Francisco. **Psicologia teoria e prática**-2003, 5(1):111-121.

CARVALHO, Liliane Brandão et al . A ética do cuidado e o encontro com o outro no contexto de uma clínica-escola em fortaleza. **Rev. abordagem gestalt.** Goiânia , v. 21, n. 1, p. 01-12, jun. 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672015000100002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 25 maio 2020.

CERIONI, Rita Aparecida Nicioli; HERZBERG, Eliana. Expectativas de Pacientes acerca do Atendimento Psicológico em um Serviço-Escola: da Escuta à Adesão. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 36, n. 3, p. 597-609, Sept. 2016. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932016000300597&lng=en&nrm=iso>. access on 25 May 2020. <https://doi.org/10.1590/1982-3703001402014>.

CORDIOLLI, A.V.; GREVET, E.H. *Psicoterapias: abordagens atuais*. 3ª ed. São Paulo: ArtMed, 2018.

DIMENSTEIN, Magda; MACEDO, João Paulo. Formação em Psicologia: requisitos para atuação na atenção primária e psicossocial. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 32, n. SPE, p. 232-245, 2012.

ESCH, Cristiane Ferreira; JACÓ-VILELA, Ana Maria. A regulamentação da profissão de psicólogo e os currículos de formação psi. **Clio-psyché hoje: fazeres e dizeres psi na história do Brasil**, v.1, 2012.

FALEIROS, Elizabeth Amelio. Aprendendo a ser psicoterapeuta. **Psicologia: ciência e profissão**, 2004.

FERREIRA, T. **Clínica e escola de Psicologia**: Uma relação de intimidade. *Psique*, v. 8, n.12, p. 38-45, 1998. 58 FINCO, D. Brincadeiras, invenções e transgressões de gênero na educação infantil. *Múltiplas Leituras*, v.3, n. 1-2, p. 119-134, 2010.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio. Revisitando as psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREUD, Sigmund et al. **Obras psicológicas de Sigmund Freud**. 1976.

GAUY, Fabiana Vieira et al. Perfil dos Supervisores de Psicologia em Serviços-Escola Brasileiros. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v. 35, n. 2, p. 543-556, June 2015 . Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932015000200543&lng=en&nrm=iso. access on 25 May 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-370300852013>.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. Ed. da Unicamp, 1994.

GOODSON, Ivor F. **Currículo: Teoria e História**. Petrópolis: Vozes, 1995.

HALEY, J. Aprendendo e ensinando terapia. **Porto Alegre. Ed. Artmed**, 1998.

HANS, Luiz Alberto. Pulsões e Destinos da Pulsão (Comentários do Editor Brasileiro). **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente**, 2004.

HERZBERG, E. (1999). Efeitos psicoterapêuticos do processo psicodiagnóstico: Vivências do psicólogo em formação. *Anais do Congresso Nacional de Avaliação Psicológica*. Porto Alegre, 69-82.

MENEZES, Jaileila Araújo; LINS, Saiane Silva; SAMPAIO, Juliana Vieira. PROVOCAÇÕES PÓS-COLONIAIS À FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte , v. 31, e191231, 2019 . Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-

71822019000100222&lng=en&nrm=iso>. access on 25 May 2020. Epub Sep 02, 2019.
<https://doi.org/10.1590/1807-0310/2019v31191231>.

KONDER, Leandro. **Walter Benjamin: o marxismo da melancolia**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

MACEDO, João Paulo et al. Transnacionalização do Ensino Superior: Impactos nos Processos Formativos em Psicologia no Brasil. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 37, n. 4, p. 852-868, dezembro de 2017. Disponível em
 <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932017000400852&lng=en&nrm=iso>. acesso em 25 de maio de 2020.
<https://doi.org/10.1590/1982-3703004272016>.

MACEDO, Shirley; SOUZA, Gledson Wilber de; LIMA, Monzitti Baumann Almeida. Oficina de desenvolvimento da escuta: prática clínica na formação em psicologia. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 24, n. 2, p. 123-133, ago. 2018. Disponível em
 <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672018000200002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 25 maio 2020.
<http://dx.doi.org/10.18065/RAG.2018v24n2.1>.

MALVEZZI, Sigmar; SOUZA, JAJ de; ZANELLI, José C. Inserção no mercado de trabalho: os psicólogos recém-formados. **O trabalho do psicólogo no Brasil**, v. 1, 2010.

MASSIMI, Marina; GUEDES, Maria do Carmo; MASIERO, André Luís. História da Psicologia no Brasil: novos estudos. 2004.

MELO-SILVA, L. L.; SANTOS, M. A; SIMON, C. P. **Formação em Psicologia: Serviços escolas em debate**. São Paulo: Vetor, 2005.

MELO-SILVA, Lucy Leal et al. Formação em Psicologia: serviços-escola em debate. 2005.
<https://site.cfp.org.br/publicacao/carta-de-servicos-sobre-estagios-e-servicos-escola/>

MESQUITA, Ilka. **Formação de professores de história: experiências, olhares e possibilidades (Minas Gerais, anos 80 e 90)** UFU, Dissertação em educação 2000.

MESQUITA, Ilka Miglio de. **Memórias/identidades em relação ao ensino e formação de professores de história: diálogos com fóruns acadêmicos nacionais**. 2008. 274 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/252062>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

MOREIRA, Antônio F.B. **Currículos e Programas no Brasil**. Campinas: Papirus, 1995.

PERES, Vannúzia Leal Andrade. Triagem psicológica grupal: procedimento e resultados obtidos com lista de espera de crianças, adolescentes e adultos, em uma clínica-escola de psicologia. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, 1997.

ROGERS, C. Psicoterapia e consulta psicológica. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

ROGERS, Carl R. Abordagem centrada no cliente ou abordagem centrada na pessoa. **C. Rogers, AM Santos, & MC Bowen (1987), Quando Fala o Coração—a essência da psicoterapia centrada na pessoa**, 1987.

ROUDINESCO, E. *Sigmund Freud: na sua época e em nosso tempo*. São Paulo: Jorge Zahar, 2016.

RUBIANO, Márcia Regina Bonagamba. Apresentando a Sociedade Brasileira de Psicologia. **Formação em psicologia: serviços-escola em debate**, 2005.

SANTOS, Antônio Manoel dos; COELHO, Heidi Miriam Bertolucci. **Atendimento Psicológico a estudantes universitários**: considerações acerca de uma experiência em clínica-escola. Rev. de Estudos de Psicologia-PUC Campinas, v. 20, n. 3, p. 47-57, setembro/dezembro, 2003.

SANTOS, Renata Guerda de Araújo; BERNARDES, Jefferson de Sousa. Seis propostas para a formação em Psicologia: um diálogo entre PET-Saúde e Ítalo Calvino. **Interface (Botucatu)**,

Botucatu , v. 23, e180267, 2019 . Available from
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832019000100241&lng=en&nrm=iso)

32832019000100241&lng=en&nrm=iso>. access on 25 May 2020. Epub June 27, 2019.
<https://doi.org/10.1590/interface.180267>.

SAVIANI, Demerval. **Vicissitudes e perspectivas do direito à educação no Brasil:** abordagem histórica e situação atual. Educ. Soc., Campinas, vol. 34, n. 124, p. 743-760, - jul. – Set. 2013.

SEI, Máira Bonafé et al . Da avaliação à psicoterapia em um serviço-escola de psicologia: uma interlocução entre práticas. **Gerais, Rev. Interinst. Psicol.**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 96-106, jun. 2019. Disponível em
<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202019000100008&lng=pt&nrm=iso)

82202019000100008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 25 maio 2020.
<http://dx.doi.org/10.36298/gerais2019120108>.

SHAMDASANI, S. *Os arquivos Freud: uma Investigação Acerca da História da Psicanálise*. São Paulo: Unesp, 2014.

SILVA Batista, Tomaz. T. **Currículo: Teoria e História**. Petrópolis: Vozes, 1995.

SILVEIRA, Andréa; ANZOLIN, Carla. Falando de psicologia: Entrevista com Guilherme valle. **Psicol. argum**, p. 11-15, 2003.

SOUSA, Conceição Reis de; PADOVANI, Ricardo da Costa. Supervisão em Terapias Cognitivo-Comportamentais: Trilhando outros Caminhos Além do Serviço-Escola. **Psico-USF**, Itatiba , v. 20, n. 3, p. 461-470, Dec. 2015. Available from
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712015000300461&lng=en&nrm=iso)

82712015000300461&lng=en&nrm=iso>. access on 25 May 2020.
<https://doi.org/10.1590/1413-82712015200308>.

SOUZA, Jumara Silvia V. D. V. et al. Anais do 19º Encontro de Serviços - **Escola de Psicologia do Estado de São Paulo**: o papel da formação em psicologia frente às demandas de saúde pública. São Paulo, 2011.

SOUZA, Michele et al. Caracterização clínica, sócio demográfica e histórica da clínica-escola de psicologia do centro universitário Filadélfia de Londrina – UNIFIL. Anais do V Congresso de Psicologia UNIFIL e II Congresso Nacional de Psicologia. Londrina, 2012.

APÊNDICE:

Caracterização da trajetória do supervisor:

1. Quanto tempo atua ou atuou como supervisor?
2. Além de sua atuação como supervisor, você atuou ou atua como profissional psicólogo? Como é essa atuação? Desde quando?
3. Como se deu o início da sua atuação como supervisor?
4. Você fez alguma formação específica para atuar como supervisor? Em caso positivo, como ocorreu?
5. Como se dá a sua dinâmica de supervisão?
6. Em sua opinião, qual o papel da abordagem teórica na atuação do profissional e como isso se relaciona com a sua prática de supervisão?
7. Qual ou quais abordagens teóricas você adota em sua prática de supervisão?

Contribuição das disciplinas curriculares para a prática no Serviço-escola

1. Em seu entendimento, o que deve ser priorizado na formação do profissional de psicologia?
2. Quais disciplinas da grade curricular você considera que dialogam mais diretamente com a prática psicoterápica?
3. De que forma é possível articular os conteúdos vistos nas disciplinas do curso com a prática de estágio?
4. A partir de sua experiência como supervisor, você percebe deficiências na formação do aluno? Em caso afirmativo, a quais fatores você as atribui?

A importância da atuação no Serviço-escola para formação do psicólogo

1. Quais as principais demandas que o profissional da psicologia enfrenta hoje no seu entendimento?
2. Como você analisa a evolução do aluno, em termos de aprendizado e postura profissional, entre o início e o término do estágio sob sua supervisão?
3. Quais fatores você entende como determinantes dessa evolução?
4. Você encontrou ou encontra algum tipo de dificuldade na sua prática como supervisor? Em caso positivo, quais são e como você lida com elas?
5. Qual a função dos estágios realizados no Serviço-escola na formação do psicólogo?

Pontos positivos, críticas e sugestões quanto ao Serviço-escola e sua função

1. Qual a avaliação que você faz dos seguintes pontos referentes ao Serviço-escola em questão:
 - a. carga horária de estágio (supervisão e prática);
 - b. normas de funcionamento;
 - c. instalações;
 - d. equipe e logística dos serviços?
2. Qual a importância social do serviço escola de psicologia?
3. Quais pontos precisam ser melhorados nesse serviço? Por quê? Como? Qual a relação das atividades com a formação?
4. A carga horária de prática de estágio e de supervisão é adequada para a boa formação? Por quê?

Alunos:

Caracterização da trajetória do aluno

1. Qual a sua expectativa quando iniciou o estágio curricular no Serviço-escola?
2. Quais as suas motivações iniciais para escolher a formação em Psicologia?
3. Qual a sua percepção hoje sobre a graduação em Psicologia?
4. Como você avalia o seu curso?
5. Pretende atuar diretamente na profissão após se formar? Em qual ou quais áreas? Por quê?
6. Qual a relevância da Psicologia na atualidade?

Contribuição das disciplinas curriculares para a prática no Serviço-escola

1. Em seu entendimento o que deve ser priorizado na formação do profissional de psicologia?
2. Houve uma preparação específica para atuar no Serviço-escola?
3. As disciplinas vistas durante o curso contribuíram para a sua atuação no Serviço-escola? Caso afirmativo, quais disciplinas mais contribuíram e de que forma?
4. É possível identificar deficiências na sua formação? A quais fatores você atribui?
5. Qual ou quais abordagens teóricas conduzem a prática de sua supervisão e atuação nos atendimentos?
6. Como você entende a função da abordagem teórica na sua prática?

A importância da atuação no Serviço-escola para formação do psicólogo

1. Como você descreve o início da sua atuação enquanto estagiário no Serviço-escola?
2. Como você descreve a dinâmica de sua supervisão?
3. Qual a função dos estágios realizados no Serviço-escola na formação do psicólogo?

4. Como você analisa a sua evolução, em termos de aprendizado e postura profissional, entre o início e até este momento do estágio?
5. Quais fatores você entende como determinantes dessa evolução?
6. Você encontrou ou encontra algum tipo de dificuldade na sua atuação na supervisão? Em caso positivo, quais são e como você lida com elas?
7. Quais as principais demandas que o aluno de psicologia enfrenta hoje no seu entendimento?
8. A carga horária de prática de estágio e de supervisão é adequada para a boa formação? Por quê?
9. Saberria dizer qual a importância social do Serviço-escola?

procedimento se encontra embasado na Resolução 510 de 07 de Abril de 2016 correspondente a pesquisa na área de ciências humanas e que dispensa o cálculo amostral de participantes. O Roteiro utilizado visará contemplar a narrativa dos supervisores e dos alunos pesquisados a respeito de quatro temas centrais, a saber: 1- Caracterização da trajetória do supervisor ou aluno; 2- Contribuição das disciplinas curriculares para a prática no Serviço-escola; 3- A importância da atuação no Serviço-escola para formação do psicólogo; 4- Pontos positivos, críticas e sugestões quanto ao Serviço-escola e sua função.

- 4- Justificativa para a realização da pesquisa:** A presente pesquisa se justifica pela posição estratégica dos Serviços-Escola na formação do psicólogo, sendo estes serviços de cunho obrigatório em todos os cursos de formação em Psicologia, devendo estar em consonância com as disciplinas dos currículos ofertados e com a formação do aluno.
- 5- Desconfortos e riscos esperados:** Caso sinta algum desconforto diante dos eixos temáticos mencionados à cima, você poderá se recusar a participar do estudo, ou retirar seu consentimento a qualquer momento, e por qualquer motivo, sem precisar justificar sem qualquer prejuízo. É importante frisar que todos os dados da pesquisa serão disponibilizados (livre acesso) para a busca de informações e esclarecimentos adicionais sobre a pesquisa e suas consequências. Também chamamos a atenção para os riscos, mesmo que mínimos. Diante dos relatos, você ativará memórias e emoções que poderão te mobilizar e causar algum tipo de constrangimento. Caso isso aconteça, poderá interromper a sua participação, caso deseje, e terá o suporte imediato da pesquisadora responsável para acolhimento e providências cabíveis, assegurando a assistência durante a fase da pesquisa.
- 6- Benefícios esperados :** Para participar você não terá nenhum custo e nem receberá qualquer benefício em valores financeiro, embora essa pesquisa possa proporcionar ganhos ao refletir sobre sua atuação enquanto supervisor ou aluno, mobilizando suas percepções e compreensões diante da vivência no processo de formação em psicologia, como também, deixar sua participação registrada em uma pesquisa que certamente contribuirá para a temática estudada no meio acadêmico e na sociedade.
- 7- Informações:** Os pesquisadores responsáveis pela pesquisa, cuidarão para que todos os participantes tenham como garantia que todas as dúvidas,

perguntas e inquietações referentes a pesquisa, serão sanados por eles, bem como proporcionar a atualização de notícias, atualizadas obtidas durante a realização da pesquisa.

8- Retirada do consentimento: Os entrevistados tem a garantia de retirar seu consentimento a qualquer momento, e por qualquer motivo, sem precisar justificar sem qualquer prejuízo, conforme consta na resolução 510 de 07 de abril de 20016 que considera a ética em pesquisa é condição primordial de respeito e proteção a dignidade humana. *“Considerando que o agir ético do pesquisador demanda ação consciente e livre do participante. Resolução 510/16”.*

9-Aspecto Legal: Executado e elaborado de acordo as diretrizes que contam na RESOLUÇÃO 510/16 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde – Brasília – Distrito Federal. Conforme dita o Art. 1º *“Esta Resolução dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisa em Ciências humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os exigentes na vida cotidiana, na forma definida nesta Resolução”.*

10- Confiabilidade: Segundo a Resolução 510/16 no Art.3º inciso VII que dispõe: *“garantia da confidencialidade das informações, da privacidade os participantes e da proteção de sua identidade, inclusive do uso de sua imagem e voz”.* Assim, os participantes da pesquisa terão o direito a privacidade garantida da identidade, nome e sobrenomes, só serão reveladas durante a fase da pesquisa, inclusive na divulgação dos resultados em congressos e publicações, caso o mesmo concorde, expressando sua opção neste termo de consentimento. Na hipótese de preferir que sua identidade não seja revelada e divulgada, o voluntário terá seu desejo e direito à privacidade, aceito. De maneira que cada entrevistado receberá um código de ordem (numeração) de acordo com sua sequência na cooperação da pesquisa.

A identidade (nome e sobrenome) do participante:

() poderá ser divulgada.

() não poderá ser divulgada.

11-Quanto à indenização: Os participantes assinarão o termo de consentimento para que os resultados obtidos possam ser apresentados em congressos e publicações. Quanto à remuneração: Não há danos previsíveis resultantes da pesquisa, mesmo assim fica prevista indenização, caso se faça indispensável.

Atenção: A participação em qualquer pesquisa é voluntária. Em caso de dúvida quanto aos seus direitos, entre em comunicação com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Tiradentes.

CEP/ UNIT- DPE

**Av. Murilo Dantas, 300 bloco F- Farolândia – CEP 49032-490, Aracaju- SE.
Telefone 32182206- e-mail: cep@unit.br**

Aracaju, ____ de _____ 20____

Assinatura do voluntário

Assinatura do pesquisador responsável

Jacqueline Maria Alves de Santana Caldeira

Dados da pesquisadora responsável: **Jacqueline Maria Alves de Santana Caldeira** psicóloga, mestranda em educação (Universidade Tiradentes- UNIT). Telefone: (79)99129-0328, e-mail: jac75caldeira@gmail.com- RG 1463215. Rua Prof.^a Valdice Andrade, 78. Parque dos Coqueiros. Bairro Inácio Barbosa, Aracaju SE. CEP 49040-530.